

SERÔES



Moraps

Nº26

AGOSTO 1907

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

Livraria Ferreira & Oliveira, Lmt.^{da}

132, RUA AUREA, 138

Tentações de S. Frei Gil

por **Antonio Correia d'Oliveira** — 1 volume lindamente cartonado, edição de luxo

700

Chrestomathia archaica

Excerptos da litteratura portugueza, desde o mais antigo que se conhece até ao seculo xvi, com introdução grammatical, notas e glossario, por **José Joaquim Nunes** — 1 volume cartonado

1\$000

Theologia moral

por **Pedro Scavini**, versão portugueza de **Augusto Joaquim Alves dos Santos**, lente de theologia da Universidade de Coimbra. **Acaba de sahir o 3.º volume**, brochado

2\$000

4\$500

Gontos

por **Modesta (Mafalda Mousinho d'Albuquerque)**, 1 volume brochado.

500

LIVROS DE LEITURA

Para as escolas de instrucção primaria, organisados por

D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão

Eis os preços d'estes livros, novamente approvados officialmente para o triennio de 1907-1909.

1.ª classe	100 réis
2.ª e 3.ª classe.....	300 "
4.ª classe.....	300 "

Não obstante os livros terem sido muito augmentados e melhorados, os seus organisadores, para corresponderem ao excellente acolhimento obtido no triennio anterior da parte do professorado, da imprensa e do publico em geral, **reduziram o preço** da 1.ª classe de **120 réis a 100 réis**, e o da 2.ª e 3.ª e o da 4.ª de **400 a 300 réis**, a fim de tornar a compra mais facil para as familias pouco abastadas.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e provincias.

Pedidos aos editores

LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.^{da}

132, RUA AUREA, 138

Summario

MAGAZINE

PAG.

A PONTE DE QUELUZ

Photographia de PEDRO LIMA. FRONTISPICIO

POBRES DE PEDIR

(10 illustrações) por SEVERO PORTELLA 79

O CARAMULO

(9 illustrações) por THOMAZ DA FONSECA 84

NUNCA MAIS

Soneto de M. CARDOSO MARTA 93

OS ACTUAES PROCESSOS DA ARTE DE CURAR

(13 illustrações) por VIRGILIO MACHADO 94

MEU AMOR!

Soneto de BRANCA DE GONTA COLAÇO 105

MOMIJI

(4 illustrações e 1 vinheta) por WENCESLAU DE MORAES 106

A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL — II. BATALHA

(2 illustrações) por ALBRECHT HAUPT 110

AMIGOS DE PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

(2 illustrações) por J. B. 117

A LENDA DO CANZARRÃO

(3 illustrações e 1 vinheta) por CONAN DOYLE 119

CAWNPORE

(6 illustrações e 1 vinheta) por ADRIANO DE SÁ 130

A ENTREGA DOS RAMOS

(4 illustrações) por ANDRÉ DOS REIS 136

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS «SERÕES»

No logar de Queijos 139

OS SERÕES DOS BÉBÉS — A FADA MARIA

(6 illustrações e 1 vinheta) 140

VERMELHO

Soneto de EDUARDO METZNER 144

ACTUALIDADES

(23 illustrações e 1 vinheta) 145

OS SERÕES DAS SENHORAS (28 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS pag. 17	LAVORES FEMININOS. pag. 26
OS NOSSOS FIGURINOS » 21	CONSULTORIO DE LUIZA » 29
A NOSSA FOLHA DE MOLDES. » 24	NOTAS DE DONA DE CASA » 31

A MUSICA DOS SERÕES

LA MATINÉE

Rondó por J. L. DUSSEK 4 paginas

Quinto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Para photographos Amadores

THEMA.—Um trabalho photographico, que se adapte á decoraçãõ da capa dos **Serões**. Assumpto ao arbitrio dos concorrentes, dentro da clausula indicada: uma paizagem, um busto, uma figura inteira, um grupo de figuras, uma composiçãõ allegorica ou pittoresca, etc. A photographia pode preencher toda a pagina, comtanto que n'ella haja espaço adequado para se collocarem os respectivos dizeres, ou ser mais pequena para se adaptar a qualquer decoraçãõ arranjada *ad hoc*.

CONDIÇÕES

- 1.^a — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.
- 2.^a — As photographias premiadas serão publicadas nas capas dos **Serões**, em numeros escolhidos pela direcção. As que obtiverem menção honrosa poderão igualmente ser aproveitadas para capas, ou publicadas no corpo da revista, conforme convier á direcção. No primeiro caso, os autores terão o direito de receber a importancia d'ellas, segundo a tabella por que identicos trabalhos costumam ser remunerados pelos **Serões**.
- 3.^a — A propriedade das photographias premiadas, e das que, com menção honrosa, forem aproveitadas nas capas da revista, ficarão pertencendo aos **Serões**.
- 4.^a — A direcção dos **Serões** não se compromette a devolver as provas que lhe forem remetidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.
- 5.^a — A decisão do jury, escolhido pelos **Serões**, será definitiva.
- 6.^a — As provas devem ser enviadas á direcção dos **Serões** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente.
- 7.^a — Haverá **tres premios**, sendo o primeiro de **10\$000 réis**; o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, ou substituir-se por livros de valor identico, editados pela casa Ferreira & Oliveira, Limitada. Poderá haver **dois terceiros premios**, caso concorram obras que justifiquem esta duplicação.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

QUINTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 15 de agosto

Titulo da photographia :

Local em que foi tirada :

Nome e endereço do photographo :

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura :

Endereço : Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.^{da}, Rua Aurea, 132 a 138, Lisboa — No verso do envelope a indicação : Quinto concurso photographico dos **Serões**.

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados	18\$000	”	3\$000
Centro Commercial	15\$000		
Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000			

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6\$000
” com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Renascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

LIVROS A VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.^{da}

Henrique Lopes de Mendonça

NÓ CEGO

Peça representada em D. Maria

1 volume em 8.º..... 300

Conego Anaquim

O genio portuguez

aos pés de Maria

1 vol 600

GRANDE DEPOSITO

—† DE †—

Moveis de ferro e colchoaria

—† DE †—

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

PORTUGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

Director—**Ricardo Severo**
Redactor em chefe—**Rocha Peixoto**
Secretarios } **Fonseca Cardoso**
 } **José Fortes**

Está publicado o 7.º fasciculo—3.º do tomo II

Assumptos: Estações pre-romanas da bacia do Mondego.—Sepulturas lusitano-romanas do norte de Portugal.—Um thesouro proto-historico.—Bracelete e collar de oiro ibericos.—Um esconderijo de machados de bronze.—Castros luzo-romanos.—Nummaria.—Epigraphia lapidar.—Genése das povoações maritimas.—Regimen pastoril dos povos do Gerez.—O vestuario serrano.—A pesca fluvial e seus engenhos populares.—Uma olaria beirão.—Ceramica artistica; os azulejos.—As grimpas e os cataventos.—Musicas populares portuguezas.—Folklore beirão e transmontano.—Os mortos illustres.—Noticias.—Bibliographia.

In-4.º peq., 192 pags., 14 planchas e 185 illustrações no texto em zincographia, simili-gravura, phototypia e chromolithographia

Preço d'este fasciculo, avulso 1\$500 réis

À VENDA NAS PRINCIPAES LIVRARIAS DO PAIZ

Redacção: Rua do Conde, 21 — PORTO

Deposito no **Porto:** Livraria **Lello & Irmão**, Rua dos Carmelitas, 144
Em **Lisboa:** Livraria **Ferreira**, Rua Aurea, 132 a 138



A NACIONAL

Companhia Portuguesa de Seguros
sobre a vida humana.

CAPITAL 200:000\$000 RÉIS

RAMO A. — Seguros de todas as categorias a premios semanaes, semestraes, trimestraes ou mensaes.

RAMO B. — Seguros populares — sem exame medico a premios semanaes desde 20 réis.

PEDIR TARIFAS E CONDIÇÕES

Rua do Alecrim, 7 — LISBOA

EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza,
com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

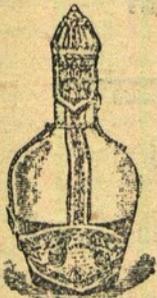
DRAGÉES GELINEAU

Confeitos Gelineau que tem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre **nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis**

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as Pharmacias.

Obras primas

ARTIGUIL
FOR THE HAIR



900 RÉIS

DEVE ESTAR EM
TODOS
OS TOILETTES,
EVITA A QUEDA
FACILITA O
CRESCIMENTO
E TIRA A CASPA

PERFUME ESQUISITO
Vende-se nos bons es
tabelecimentos de Por
tugal.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
R. dos Retrozeiros, 14.
LISBOA

D. Quichote de la Mancha

Edição illustrada em 3 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

Ultimos dias de Pompeia

Edição em 2 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

A' venda na livraria

FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{DA}

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as condições de assignatura, que inserimos ao fim da pagina 8.

MATERIAL ESCOLAR

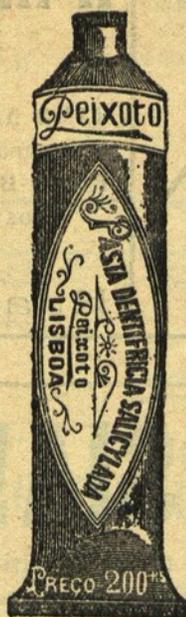
A LIVRARIA

FERREIRA & OLIVEIRA, LIM.^{DA}

132, Rua do Ouro, 138

tem á venda um grande sortimento de material para escolas e dá todos os esclarecimentos que lhe sejam pedidos sobre preços, qualidades, etc.

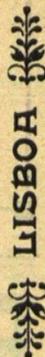
Especialidade em carteiras, louzas, caixas metricas, abacos, quadros de leitura, solidos geometricos, esferas terrestres, armillares de Copernico e Ptolomeo, globos celestes e quadros para o ensino das linguas e das sciencias.



SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83



LISBOA



ÁGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

- Renascença** — *Revista mensal ilustrada de Letras, Sciencias e Artes* — n.º 38 — Abril — Summario: Diogo Antonio Feijó — Flores de Larangeiras — Ode ás arvores — Os eleitos da Morte — Canção: Melancolia — A uma bella senhora — O sonho Soror — O novo monstro xiphopago — A' vesper — Da construcção vernacula — O propheta Dowie — O porto de Pernambuco — Claro-escuro social — Ensaio social — Natura mater — Tradições do Bispado — Em bronze — D. Fanny Guimarães — Actualidades.
- Echos de Roma** — *Revista mensal ilustrada* — mez de Abril — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de mons. Thiago Sinibaldi.
- Alma Feminina** — *Revista semanal ilustrada* — n.ºs 3 e 4 — 20 de Maio 1907 — Summario: D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (illustração) — O acolhimento do nosso jornal — Tysica, poesia por Octaviano de Sá — De relance, D. Guilhermina Suggia (uma illustração) — Razão do feminismo, por Theophilo Braga — Pensamento, por Alice Pestana (Caiel) — A varina, por Mario Relvas (tres illustrações) — Cancioneiro Estrangeiro, por Vittoria Colonna — As mulheres, (a guerra), por Madelaine Frandoni Lacombe — N'um leque, poesia por Albertina Paraiso — Pensamento, por Anna de Castro Osorio — Kaleidoscopio — Semana Elegante (cinco illustrações) — A educação da mulher, por Maria Valle e Souza — Conversação intima — Installações provisarias — Gabinete de *toilette* — Pequena correspondencia — Elegancia e mundanidades — As grandes novidades da primavera, (uma illustração) — Registo bibliographico, perdão dos marinheiros — Etc., etc.
- **Instituto de Coimbra** — *Revista scientifica e litteraria* — n.º 3 — Vol. 54 — Março de 1907.
- **Theatro** — *Revista illustrada* — n.º 46 — Unica revista no genero que se publica em todo o Brazil — Redacção e administração, rua da Assembléa, 46, Rio de Janeiro.
- Construcção moderna** — *Revista illustrada* — n.º 224 — Redacção e admistração, rua Maria Andrade, 10, 2.º Lisboa.
- Revista de Seguros** — Orgam e propriedade da Companhia de Seguros *Mercurio* — Seguros de vida maritimos e terrestres — Rio de Janeiro, Avenida Central, n.ºs 65 e 67.
- Relatorio do Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas** — Apresentado ao ex.º Ministro do Reino pelo enfermeiro-mór do Hospital de S. José e Annexos, José Curry da Camara Cabral.
- **Infanticidio** — Por Motta Assenção — Drama social em 5 actos — S. Paulo, 1907 — Peça revolucionaria, com todos os defeitos inherentes ao theatro de propaganda, mas solidas qualidades que denunciam no seu auctor temperamento de dramaturgo, o qual se evidenciará por certo quando, livre de preoccupações de apostolado, elle quizer fazer obra verdadeiramente artistica e theatral.
- La Lectura** — *Revista de ciencias y de artes* — n.º 79 — Julho de 1907 — Summario: Fernando Brunetière, por Emilia Pardo Bazán — Chocano e los demás poetas jóvenes de América, por Julio Cejador — Josefina Buler, por Alice Pestana — Historia contemporânea de España — Lecciones de D. Rafael Altamira en el Ateneo de Madrid — Crónica — Livros — Prensa — Revista das revistas — Etc., etc.
- Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portngueza** — Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, Lisboa Editor, Augusto Pereira.
- Boletim Photographico** — *Boletim mensal* — Artigos muito bem illustrados referentes á arte photographica — Rua da Prata, 135 e 137, Lisboa.
- Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa** — Abril e Maio de 1907 — Re-

Quarto concurso photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA



A PONTE DE QUELUZ

Photographia de Pedro Lima—Lisboa

FOBRES DE PEDIR



OM o advento do sistema liberal «que felizmente nos rege» desappareceram os ultimos pobres que na portaria dos conventos sabiam mantida a existencia, graças á sopa quotidiana. Oliveira Martins, o palpitante estylisador de costumes do seculo findo, dá-lhes ainda fóros de cidade em reinados como o da Senhora D. Maria II, entretanto, depois d'isso elles são atropelados por leis civilisadoras — e a mendicidade como industria, em nossos dias, não tem valor que a assignale. Se o luxo, no dizer concecivo d'um economista, é a tributação despótica do pobre sobre o rico, a indigencia era, até ha pouco, o imposto do infortunio que escandalisa sobre a felicidade dos regalados. Pelletan, comtudo, propoz aquella sentença indiscutivel para optimistas de boa bocca: — *le monde marche...* e, eis, que, successivamente, com os governadores civis, as auctoridades policiaes vão repelindo dos centros populosos quantos á caridade estendem a mão. Ha cerca de tres annos, por um domingo de primavera, com papoulas nos campos e com nuvens de pó nas estradas, abalava eu do Porto para Mattosinhos, revendo a romaria que n'esta localidade se celebra durante tres dias, d'aquelle dia a terça feira — mas já aos meus ouvidos não chegavam tão frequentes as lamentosas toadas

dos cegos *d'um tiro n'uma pedreira*, dos coxos *por cairem d'um andaime o baixo*, dos entrevadinhos, dos bexigosos...

Dar-se ha o caso que, a pouco e pouco, adejando acima do nosso torrão nativo com suas azas de aguia immaculada, a egualisadora ventura haja batido os males e as desgraças?! Não sei... não sei, mas em agosto do anno passado vi eu na romaria da Senhora do Calvario, em Gouveia, bailar alegremente, muito vermelho e escorreito, um homem que 365 dias antes me ezortava, de muletas: — «Olhe, meu bemfeitor, para estas feridas, e tenha dó do aleijadinho...» Em Vianna do Castello, por occasião das festas da Agonia ainda se falava d'uma rapariga — monstro de tres cabeças, todas ellas com bôca, e todas as bôcas falando. Eu, porém, que o não vi nunca, quero crer que até *isso* não resistiu á civilisação avessa a fenomenos, ou á bondade miraculosa da Santa que na vizinha Galiza sara a tinha ás ovelhas e liberta os bois de maus olhados...

Por um inverno arripiado e faminto, transitando em plena Beira-Baixa, fui sciente de que em diversas povoações não havia quem pedisse esmola *porque era gente de trabalho* (commentou um ganhão lanzudo e retezo) e eu mais me acendrei na convicção de que a indigencia está ameaçada de recuar, lendaria na historia e na piedade. Em Coimbra, era eu

O CEGUINHO DA RUA AUGUSTA



Á PORTA DA EGREJA

pulação de infortunio que, por vezes, me deu a idéa do roto bando que seguia Christo e, em extasis, lhe escutava a palavra edificadora... Uma vez, jorndando eu, em março, n'uma manhã de trovões e de relampagos, de Pombal para Pedrogão, encontrei nas alturas de Figueiró dos Vinhos uma velha

estudante, um moço de cego que com o amo estacionava, dia a dia, na rua Larga, veio offercer-se-me para me ir buscar as cebentas (bons tempos!...) dizendo-me que o *officio* estava pela hora da morte. Todavia, eu que no Porto conheci, na minha infancia, os ciganos esmolando com os ursos e os filhos esquelidos por bairros arrabaldinos, e que mais tarde vim encontral-os n'uma arida terriola da Outra-Banda vendendo cavallos e jericos pintados, confesso que me surprehende esta revivolta, tanto mais que desde pequeno me afiz a vêr gente a pedir, e lhes consaguei sempre uma grande estima. Leiria, a triste cidade do Liz e do Lena, conserva agora ainda o habito de, nas casas nobres, aos sabbados, serem dados 5 réis a cada pobre das freguezias limitrofes que, ás manadas, accodem, exhibindo a repelencia dos seus andrajos e o ascoroso das suas chagas, mas já a augusta Braga não mostra nas frescas escadarias do Bom-Jesus as hordas arreperladas e nauseantes da sua po-

cega que em nome dos meus defunctos me obrigou a fazer alto, ajoelhando ante a égua onde eu ia montado, e que ao cabo d'uma confusa exhortação me pediu 5 réis em desconto dos tratos que me aguardam no Purgatorio... Outra vez tambem, para além das muralhas de Elvas, uma rapariga cigana — recorda-me que era linda a valer, embora seus olhos sem lume — disse-me que a troco d'um vintem furaria o ventre com uma *cochilla* — coisa que eu não quiz vêr sem embargo de dispender a moeda de cobre. O pobre



A MONTE

de S. Romão, no norte, encanecido e barbi-longo como Abrahão, enche, também, a minha adolescência de saudades, e foi celebre, como poucos, n'aquellas paragens...

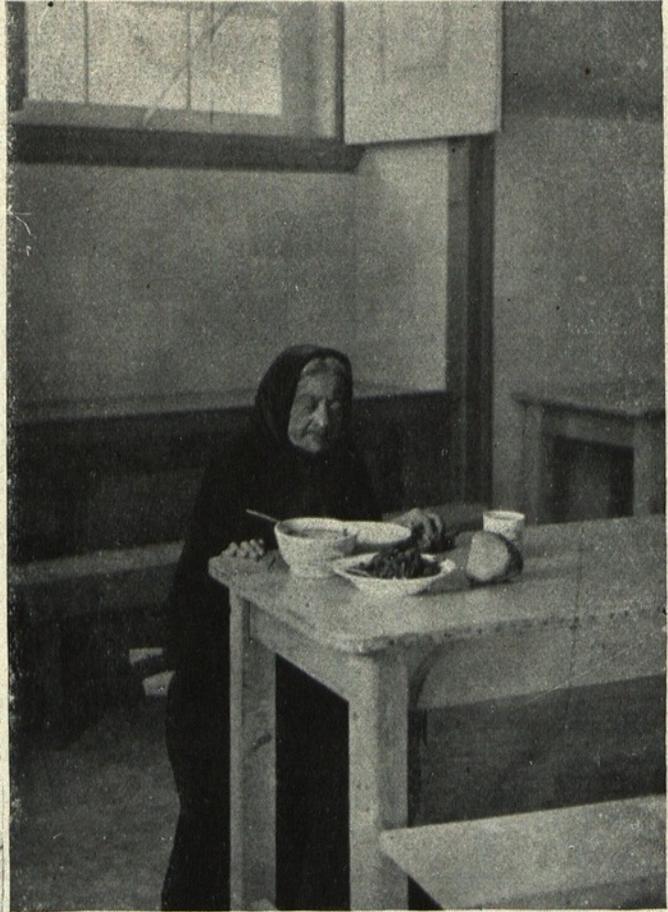
Na ruidosa festa da Senhora de La Sallette, em Oliveira d'Azemeis, como na da Rainha-Santa, em Coimbra, a policia é tolerante para a exhibição dos aleijados, e assim foi na segunda que eu vi um casal de creanças de pernas torcidas sobre o dorso, e rastejando como sapos, e na primeira um homem sem braços nem pernas contando n'uma melopeia tragica como fôra feito um monstro!

Proximo ao Ervedal da Beira, na romagem de Santa Eufemia, e junto a Mangualde na festa da senhora do Castello, os pedintes veem de Cativeiros, de S. Paio, Villanova, Abrunhosa, Vinhó e Passos, no geral terras pobres e aridas, sem pinhaes ou lameiros, com poceirões e taleigas aprovisionando-se para largo tempo. O mendigo que saiba viver conhece, por via de regra, as romarias *que deixam*, e é elle quem a meias com o orago se apresenta a reclamar junto do povo o obulo de piedade... Abandonando os centros d'onde, com a vinda do progresso, se foi a estima pelos que esmolam, os mendigos escalonam-se agora nas cidades de provincia e nas villas sertanejas. E' ahi que elles não verão tão cedo expugnado o seu reducto, e aonde gozam ao sol, á chuva e ao vento a independencia d'um *lazzaronismo* que, no coração, os faz estoicos, quando não profundamente egoistas.

*

Em Lisboa, n'esta Lisboa, maravilhosa, o seu reinado, então, parece haver terminado com os automoveis vertigi-

A SOPINHA DE CARIDADE



PERTO DA EGREJA DA GRAÇA



EM FRENTE DO THEATRO DE D. MARIA

nosos e a electricidade da viação e das lampadas, excitando as ruas, e tornando-as febris. Ha annos ainda, sobretudo, nas noites invernosas em que o vento nos agride, e a neblina humedece as calçadas, via eu, cerzirem-se com a sombra, em Camões, por S. Roque, na Rotunda certos pobrinhos humildes, de fato cosado e corpo a tremer... No largo do Loreto o cego dos *carrinhos para crianças*, nas arcadas de D. Maria o cego obeso da taboleta explicativa, sob a Arcada o maltrapilho que entende de politica, na Graça a pobre das sextas feiras, na rua Augusta, ultimo quarteirão, a ve-

é que, ás tardes, não surja um homem magro e attencioso pedindo lhe comprem repertorios; um moléque que á noite é certo no Chiado pregôa cautellas, e conta que a mãe tem fome. Disfarçando-se na apparencia d'uma industria livre, a indigencia citadina observa as posturas e accomoda-se á epocha. O mendigo refez-se em *camelot*, e em vez de nos enternecer pelo andrajo procura captivar-nos pela bonhomia. Não ha muito que um «pobre de pedir», meu velho amigo, me dizia carecer d'um fatinho preto — para tratar da vida por casas ricas. Hoje em dia ha-os que fazem



À ESPERA DA ESMOLA PELA ALMINHA DO DEFUNCTO

phota que, dizem, tem seu pé de meia — eis, de resto, o que mais typico ha na cidade onde elles tanto ponderaram no tempo do alfenim e da sécia. Na escadaria de S. Vicente, quando lá entra em piedosa devoção uma dama natamente illustre ainda, sob o olhar indifferente da policia, se agrupam algumas dezenas de esfarrapados, mas a breve trecho se somem, como suspeitosos do progresso, e desconfiados dos compassivos. A minha casa vem periodicamente um velho offerer carros de algodão, agulhas, lapis, fivelas; ás portas da livraria Ferreira & Oliveira raro

beneficios; abrem subscrições; vão aos jornaes receber esmolos em occasião de festas. Em dias de enterro rico os doridos recebem cartas de desvalidos que o não são de tropos empolados; em dias de suffragios os pobres da freguezia do morto multiplicam-se que é um assombro...

Pelos mercados exorando os vendedores, á porta dos talhos pedindo aparas de carne, á entrada das pastelarias espiando os que n'ellas debicam, o mendigo, de licença e chapa, é audaz e solerte. E' já raro notar-se pelas ruas lateraes da Avenida a pobre de crian-

ças agarradas ás saias, como é raro verem-se mutilados estacionando nos largos mais concorridos. Na embocadura da rua Ivens encontro eu ainda horas mortas, uma preta tranzida de frio, e talvez nostalgica do sertão natal, mas essa é das que não sabem esmolar... Em compensação as *viúvas ao desamparo* e os *senhores bem vestidos* assaltam em plena rua contando-nos as desditas que os foram surpreender em meio d'uma felicidade remota. Do mesmo modo os *maritimos do Havre*, eternos naufragos d'um *Saint Antoine* desapareceram para

ceder lugar á pobreza envergonhada que se annuncia em periodicos, e implora protecção urgente — para pagar a renda da casa... De quando a quando corre, de predio em predio, e de andar para andar, uma lista de nomes contribuindo para enterros de crianças, e ha ainda typos indecifráveis que se dizem operarios desempregados mas que apenas *de visu* sabem o que é trabalho honesto.

Junto a uma escada de pedra que abre



TOMANDO O SOL... DE GRAÇA

caminho sobre a Costa do Castello vi, ainda não ha muito, á porta d'um sordido casebre, um pralytico estendido n'umas palhas infectadas, implorando a caridade — entretanto, aquillo já se não coaduna com o espirito da epocha, repugnando-nos que a cidade bella por excellencia ainda, n'um local ou n'outro, soffra abcessos d'estes que são um negrume no seu fastigio por todos reconhecido...

SEVERO PORTELA.



UMA RUSGA DE MENDIGOS — Á PORTA DE S. MAMEDE



LAVADEIRAS DA SERRA — PROXIMIDADES DE VIZEU

O CARAMULO

(Continuação)

IV

—O pico do Caramulo. O pôr do sol. Paisagem unica. Surge a lua. Saudação á lua. «Viva eu duzentos annos...»



os Jueus ao ponto mais elevado da serra, a que elles lá chamam propriamente o Caramulo, são 20 minutos de caminho, ou antes, 20 minutos de mato e pedras, que todavia se percorrem com prazer, pois d'ali se avista todo o campo de Besteiros, com as suas aldeias, as suas quintas, os seus prados e as suas florestas.

Mas embora d'ali se aviste um bello panorama, ninguem se demora a contemplal-o, porque uma coisa o seduz e o atráe, sobre todas as outras — é o pico.

E' elle o ponto obrigado de todo o viajante que queira conhecer e estudar a serra.

Assenta sobre um vasto plató, tapetado de relva e tojo molar, elevando-se quasi perpendicularmente, a mais de 100 metros d'altura. E' todo formado de granito, com grandes pedras sobrepostas desordenadamente.

O acesso não é difficil, mas só por um lado, — o nascente.

Uma especie de escada, umas vezes natural, outras vezes artificial, feita na mesma pedra, ensina que é por ali o bom caminho.

No cimo ha um pequeno terraço e uma piramide, mandada erguer ali pelo estado, para servir de marco geodesico.

Foi d'esse terraço e em volta d'esse marco geodesico que eu e os meus amigos assistimos ao mais bello e surpreendente espetaculo de toda a nossa vida.

Eram 5 horas da tarde.

Em baixo tinhamos deixado todos os fardos

inuteis, levando para o alto apenas os paus, os binoculos e o farnel.

O nosso primeiro cuidado, uma vez ali instalados, foi atender ao estomago que reclamava avaramente o delicioso farnel que havíamos preparado nos Jueus para ali ser comido, poeticamente, em plena tarde luminosa, sob o olhar benéfico dos astros, longe da terra ingrata e livres da iniquidade dos homens.

Eis o que tínhamos combinado.

Mas, ou porque a altitude nos fizesse bater o coração mais aceleradamente, ou porque a paisagem nos cegasse, avivando os sentidos do bello e embotando os do paladar, o programa não se cumpriu. Além d'isso achámos que seria philosophia de mais, excessiva magnificencia para tão vil mister, qual era o de devorar a carne guisada d'esse bode lascivo, que vinha da perversidade, sujo da libertinagem dos rebanhos. Por isso, tanto elle como essa enorme brôa que á despedida o tio Salvador nos metera no cesto, quasi á má cara, foram devorados ali em dois minutos.

Livres do estomago, demo-nos inteiramente ao sonho e á poesia.

O sol descia sobre o mar, limpido e bello, a principio.

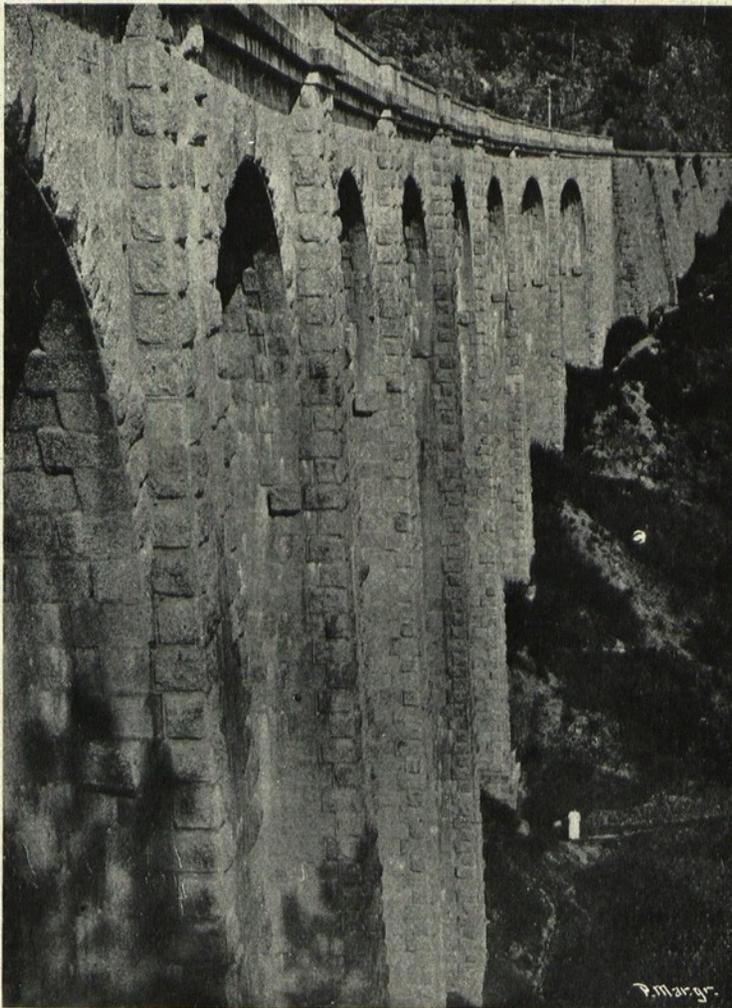
Quando tocou as ultimas camadas atmosfericas, adensadas pelos vapores do oceano, a

sua limpidez transformou-se, começando a tornar-se côr de purpura.

Mas era bello, mas era enorme !

Espectaculo unico para todo o vivente, mas sobretudo para quem não saiu nunca do seu pequeno bairro urbano, n'uma visita á natureza.

A sensação que logo de começo se experimenta é a sensação do infinito.



PASSAGEM SOBRE O DÃO

*Ponto onde finda o terreno argiloso e começa o granítico,
de que é formada toda a serra*

Julgamos em pleno espaço, com todos os horizontes livres, terra distante, mar longinquo e a nossa frente radiante e livre, mergulhando em pleno azul imenso, quasi ao contacto das nebulosas e dos soes !

As sensações precipitam-se e confundem-se. Não sabemos raciocinar; a nossa cabeça vagueia incerta como n'um sonho de lenda.

Entretanto pelo meu binoculo d'alcance admirava o rendilhado das nuvens que de sul a norte se esten-

diam em grandes fachas multicores — purpuras, esverdeadas, amarelas, côr de rosa, côr de cera, côr de leite, sanguinias, alaranjadas, rubras, — modificando constantemente a sua fórmula, fazendo variar continuamente a paisagem oceanica.

E não era só essa costa de mar, orlada com o fulgor das nuvens e o brilho d'ouro das areias.

Bellas eram tambem as serras longinquas

levemente empoadas, que faziam lembrar uma dessas tardes vaporosas da Irlanda, onde a natureza parece entoar ainda a harmonia das plangentes baladas d'Ossian.

E o sol descia, lentamente.

Outras nuvens d'outras côres tornavam mais bello ainda o panorama. Confundiam-se, cruzavam-se, absorviam-se, multiplicavam-se. As doiradas sobrepondo-se ás alaranjadas, as côr de safira casando-se ás côr de sangue.

Outras de estructura e contornos estravagantes, formadas em agulhas, em arestas, em flechas, em torres, em abismos, que me faziam supor ali andarem rugindo, andarem voando, mastodontes e magaterios, mesosauros, megalosauros, diclonius de 2:000 dentes, leviatans de 2:000 palmos.

Mas a voragem transformava-se para dar logar á relumbrancia de mil côres, que se confundia e se ampliava n'esse leito edenico das ondas.

E o sol descia, lentamente.

Uma luz difusa fluctuava agora, serena como a alma dos justos, por entre nuvens carregadas, sobrepostas.

O panorama do ceu junto á solidão da terra, mais nos faziam sentir ainda o peso desse infinito alvor deserto, que chegava a produzir-nos tonturas, com os seus incomensuraveis, misteriosos reverberos.

E lentamente o sol descia.

Agora já tocara o mar. E toda a costa se ia ruborescendo mais e mais.

Dividido paralelamente por uma nuvem oblonga, o bello astro semelhava uma galera purpurina, singrando n'um horisonte em fogo.

Tanto deslumbramento e tanta luz difusa, que as proprias montanhas que se estendiam a nossos pés, pareciam cobertas d'oiro e purpura.

Um silencio de morte pairava sobre a serra.

Apenas de longe em longe os mugidos do novilho, perdendo-se na profundidade dos valles, e os chocalhos do rebanho, dobrando a encosta, iam emudecedendo a pouco e pouco até se tornarem vagos, indistinctos, como o formar do sonho e o desfazer da nuvem.

Quando enfim o ultimo raio de luz desapareceu na neblina purpurea, um vasto clarão ruborisava ainda o horisonte, n'uma distancia de muitas leguas sobre o mar.

A nossa alegria, a alegria da luz, desaparecera com o astro.

Agora uma nostalgica tristeza nos velava a

face, ha pouco ainda tão cheia de sonho e de esplendor.

Que nos restava fazer, agora que tudo ali era soturnidade e abandono?

Um grito, subitamente, ecoou no espaço, grito solitario, grito funebre como a lousa quebrada d'um sepulcro, mas por todos repetido em clamor, como um adeus ao grande sol.

E por sua vez a noite vinha, lentamente.

Nada mais nos restava: iamos pois descer.

Subitamente, porém, das bandas do levante começava a destacar-se dentre as sombras um novo astro rutilante, a quem a distancia e os vapores da terra davam o aspecto olimpico d'uma grande deusa, com o seu cortejo e a sua coma d'oiro.

O' alegria nova, ó poesia, ó sonho novo! Era a lua, a lua bella, a lua imensa, em todo o seu folgor e magestade.

E um novo clamor reboou no espaço; agora clamor festivo, sonoro, vibrante como um grito de victoria, porque era uma saudação celeste, feita ali, em pleno espaço, acima da natureza rude, tão longe das miserias do mundo.

Ah! viva eu duzentos annos que da minha memoria não se apagarão jamais essas duas visões do infinito em que eu pela primeira vez vi e senti a mesquinhez das nossas crenças perante as forças infinitas da materia.

E ha gente que nunca demorou o olhar sobre um panorama de luz, ao cair do sol, ou ao subir da lua, por uma tarde de setembro!

V

— Tipos e costumes. A capucha e a sua influencia historica. Os coletes e os colares de rendi. O tio Zé Domingues. As terras e as contribuições. «Tudo nos rouba!» O padre. As mães e os filhos. Lá os fortes, na cidade os fracos. Como só a dôr e o trabalho faz o homem.

Nessa noite acampamos em Almofala, que fica a um quarto d'hora do pico, no valle que desce para o Malhapão.

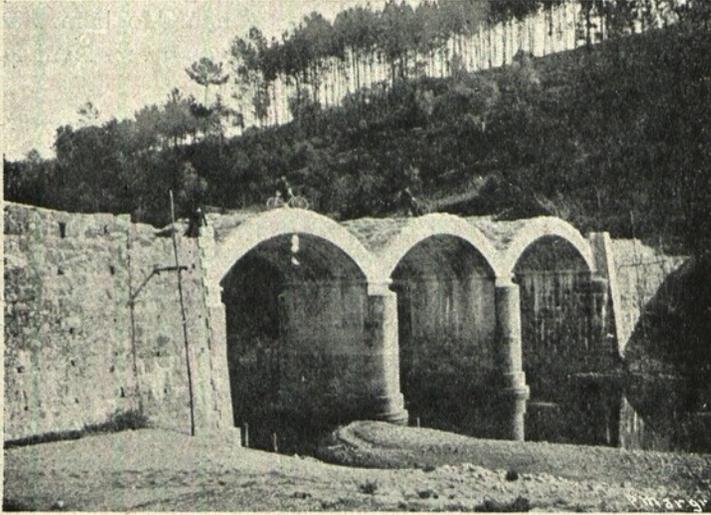
Ali fomos tambem amigavelmente recebidos, passando-se a maior parte da noite ao borralho do tio Zé Domingues, em amena e variada cavaqueira.

Eu, entretanto, precisava confirmar uma suspeita que trazia desde que chegára ao Caramulo.

Dizia comigo: que é dos famosos coletes

das serranas, feitos de grosso linho e reforçados com atacadores, que lhes erguiam os peitos fortes, coletes que eu me costumara a vêr desde a infancia, quando na minha aldeia apparecia alguma d'estas caramuleiras?

E os colares de renda, esses saudosos colares que circundavam o pescoço nú de mo-



PONTE DA BULFIAR, EM CONSTRUÇÃO
Descendo para Agueda

ças e velhas, em tira pendente sobre os hombros e os peitos?

Em vão os tinha procurado, em vão os procurei ainda. Não os havia já!

A moda tambem ali chegara e tinha-os escondido para sempre no fundo das caixas ou atirado para o canto da lenha.

E contudo nada mais simples nem mais comodo. Sobretudo nada mais pittoresco.

Duas tiras de linho de fabricação domestica, com uma costura nas costas, dois buracos para os braços, um atacador para apertar e eis um colete, eis uma farda para tudo.

Os colares então ainda mais simples. Uma creança de 6 annos com uma agulha e um novelo d'algodão, fazia dois ou tres num dia.

E lembrar-me eu que da ultima vez que ali estivera, havia 3 annos, os encontrara ainda em todo o seu dominio...

Ah! como o tempo caminha, e como o tempo leva os habitos!

Entretanto uma coisa ficara, uma coisa dominava ainda: era a capucha.

E o que é a capucha?

É uma especie de capa, feita de burel, sem adornos nem pregas, simples como os que a usam. E' commum aos homens e ás mulheres.

Tem um capuz em cima que se adapta á cabeça tão completamente como um barrete turco e para baixo é lisa, caindo umas vezes só até a coxa, outras ainda para baixo do joelho.

E serve para tudo: para levar ao gatto e ao mato, para ir á missa e ao tribunal, para visitar um amigo ou acompanhar um defunto. Segue-os na sementeira das terras e na colheita das searas. Vae ao casamento, á romaria, ás feiras, a toda a parte emfim onde seja preciso que o caramuleiro appareça. Á noite serve no borralho. Quando o frio aperta, os velhos sobretudo, enrodilham-se á la-reira, agasalhados nella e d'ali dão as suas ordens, ali comem a sua ceia e ali dormem o seu sono.

A capucha para elles, é mais que um foro: é uma instituição regional.

Usam-na os velhos e os novos, os ricos e os pobres.

É o seu unico luxo e a unica coisa inteiramente sua, em toda a vida. Envolvem-se nella quando

nascem, cobrem se com ella quando morrem.

Associou-se ás suas alegrias e ás suas dores, entrou na sua vida social de tal maneira que bem pode dizer-se que é uma parte integrante, um complemento essencial de cada um. Não usar capucha entre elles, é o mesmo que não usar gravata entre nós, burguezes, o mesmo que não usar tanga entre os selvagens, nem rabicho entre os chins.

Vi um dia, numa villa, um grupo de ociosos imbecis, assurriarem um homem de capucha.

Fui ter com elle e distrahi-o falando-lhe da sua terra, das suas vacas e dos seu rebanhos.

Ah! porque, assim como sou obrigado a respeitar a constituição d'um estado ou a religião d'um povo, sou igualmente obrigado a respeitar a capucha d'estes homens, tão indispensavel, tão sagrada para elles.

*
* * *

Entretanto o tio Zé Domingues, ao borralho, ia-nos contando muitas e interessantes coisas.

As suas palavras lentas, vagarosas, sinceras, diziam da verdadeira vida do seu povo e da

sua terra: alegrias e tristezas, prosperidades e infortunios.

Tristezas e infortunios sobretudo, porque a vida para elles é uma subida dolorosa, cheia de espinhos e percalços: um tormento. Falta de comodidades, falta de terras e falta de instrução.

Ah! as terras sobretudo como o estado lhas estava queimando com tributos. Não lhes bastava o serem poucas; era preciso tributá-las ainda tão pesadamente que mais valia não as possuir.

E virava-se para nós, erguendo a mão n'um gesto eloquente: Quem faz as leis não lavra terra nem lhe recolhe os fructos. Não sabe o que é o trabalho: se o soubesse não tributava assim; pelo contrario, reduzia os tributos a ments de metade.

Por que da maneira que isto está, a terra não dá para a gente viver.

Ainda se os objectos de consumo estivessem baratos, mas se elles estão pela hora da morte — pesados e carissimos como as terras.

Eu, por exemplo, á força de me levantar cedo e deitar tarde, á força de muito poupar e de muito prever, consigo, com os filhos, a mulher e os netos, que os bravios terrenos que por ahí amanho, me deem em anno mais que regular (aqui nunca ha annos bons) 7 moios de milho e menos de 5 quando o anno corre mal. Pois pago ao governo 30.000 de decima!

Ora comendo nós cá 5 moios e supondo que o anno corre bem, ficam dois, que vendidos a 500 rs. o alqueire dão 60.000 rs.

Ficam-nos 30.000 para despesas, não é verdade? Mas d'esses 30.000 temos que nos vestir, que nos calçar; com elles compramos a sardinha e o bacalhau; com elles compramos a louça e o porco; com elles pagamos a uma creada para nos guardar o gado e aos padres que nos dizem a missa e fazem as festas; com elles temos de pagar ao barbeiro que nos visita nas doenças, ao coveiro que nos enterra, se morrermos e, se nos accusam de qualquer falta, ao advogado e ao juiz que nos condenam sempre.

Temos, é certo, a vaca que nos dá o leite e o carneiro que nos fornece a lã. Mas tudo é incerto: veem annos em que a gafeira mata o

gado e o sol seca de tal modo as pastagens que nem as vacas criam.

Ha ainda o centeio e as batatas. Mas a neve é um inferno — dá cabo de toda a novidade.

Vejam, por exemplo este anno: semeei 30 alqueires de centeio. Era para dar mais de 3 moios. Pois tive 20 alqueires. Menos que o que deitei á terra.

As batatas tambem se não dão bem. São poucos os lavradores que aqui recolhem 40 alqueires d'ellas.

No meio d'isto tudo o que nos vale é estarmos costumados a viver com o que nos vem, — seja muito seja pouco.

Mas seja muito ou seja pouco, o estado é que se não importa. E como o estado são todos os que não trabalham mas que no entanto de nós vivem, vejam como hade o povo erguer cabeça!

Pois os funcionarios publicos!

Quando essa corja lá nos apanha, fazem-nos como os judeus fizeram a Nosso Senhor: flagelam-nos, crucificam-nos.

Quando elles se resolvem a deixar-nos é que nós sentem despejados. A casa regressamos sempre chupados, depois d'elles nos despirem pelas diversas repartições, á força de papeis,



O CARAMULO, VISTO DE TONDELLA

de sellos, de recibos, de emolumentos e o diabo.

Mas livres d'um lado, somos agarrados logo pelo outro: o padre.

O padre não vive de rezas: vive das nossas bolsas e dos nossos celeiros.

E agora que pagamos para dois... Como a

paroquia é longe, combinamos arranjar um padre que nos vae dizer a missa aos domingos, nos Jueus.

São nada mais nada menos que duas congruas. E então para quem ellas vão...

O que nós devíamos fazer todos sei eu, concluiu o tio Domingos, apreensivo.

*

* *

Nos meus apontamentos d'essa noite ha uma linha que diz: *lobos, alamo, capela e milagres*. Mas passo adiante, para dar toda a attenção a uma pequena nota sumida entre duas dobras do papel, onde já mal se conhecem estas duas palavras: *mãe e filho*.

Começo já por me corrigir, pois devia ter posto: *mães e filhos*, visto que no Caramulo todas as mães e todos os filhos são identicamente sadios, alegres, robustos, varonis.

Costumados desde pequeninos aos ventos e ás chuvas, tornam-se resistentes e audazes. Perdem o medo quando nós perdemos os cueiros.

O filho a que se refere a minha nota, encontrei-o ás 10 horas da noite, ao colo da mãe, sentada na corrente d'uma porta, em pleno, agudo frio, e além d'isso inteiramente nú. E não tinha mais de quatro mezes, o pobre petizinho.

E comtudo elle estava contente: riu-se muito para mim, enquanto interrogava a mãe acerca d'elle.

Como eu estranhara vê-lo assim, nú e ao frio da noite, ella então elucidou-me: todas faziam assim, chegando mesmo algumas a levar-os de madrugada, só com o capuchita de mandil, pelo vento e pela neve, atravez de montanhas e valesiros.

Mas é assim que ali se criam homens e mulheres. É tambem por esse motivo que o maior e mais robusto homem, e a mais viril e corpulenta mulher que tenho conhecido em dias de minha vida, foi no Caramulo que os achei.

Se algum dia o meu leitor tiver o bom senso de por lá dar uma volta, procure o Grande das Ladeiras e a taberneira de Dornas e depois me dirá se o enganei.

Mas ha muitos assim. E porque?

Porque o homem da serra não se alimenta com acepipes á franceza, nem toma bebidas esquisitas para fazer a digestão: come frugalmente e d'um só prato, indo fazer a digestão a cavar terra ou a guardar rebanhos.

Por isso é que elle, em geral, não tem doenças.

Porque — fique-o o meu leitor sabendo, — as doenças criam-se principalmente com os manjares.

É caso para se dizer: diz-me as iguarias que comes, dir-te-ei as doenças que tens.

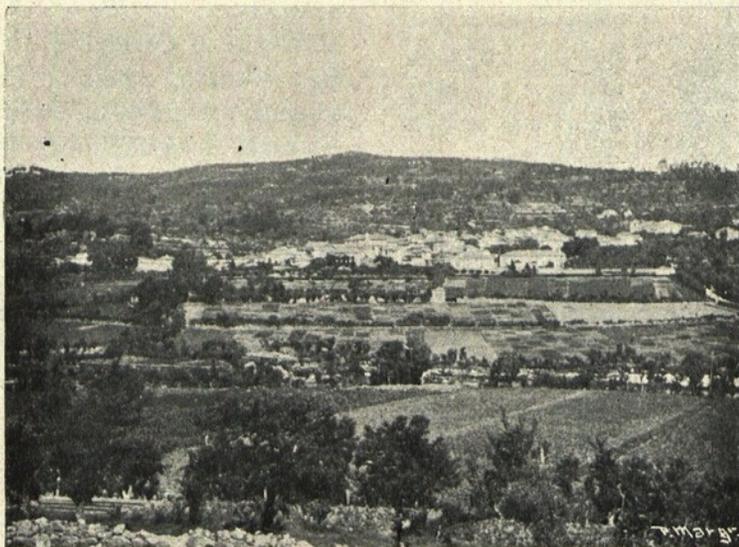
São as muitas iguarias, as

lambarices, os doces, os cafés, os chás, as conservas, etc., que acarretam ás nossas burguezas toda essa falange de doenças que começam pela indisposição do estomago, desinvolvendo dez ou vinte especies de nervoso, nervoso da manhã, nervoso do dia, nervoso da noite, acabando por fazer-lhes aparecer toda a casta de nevralgias, vomitos, agonias, maus humores, irritações, azias, enxaquecas, que sei eu?

Ora nada d'isso conhecem estes homens e estas mulheres da serra.

Elles, altos, robustos, de pés solidos e hombros largos; cheiram a mato e a sol.

Ellas, são tambem altas e robustas, de quadris volumosos, peitos salientes, dentes brancos, olhos vivos, cara redonda e labio forte.



S. PEDRO DO SUL

«Uns e outros foram feitos como se fazem cordas, retesando-os, torcendo-os, embreando-os, até ficarem homens e mulheres que não quebram, verdadeiros artigos de exportação, proprios para todas as intemperies, para todos os climas, para todas as regiões (1).»

Uma prova da saude e energia normal d'estas mulheres está na amamentação dos filhos.

Uma d'ellas me disse que não havia com certeza em toda a serra uma unica que se recusasse ou não

podesse amamentar um filho.

Conhecera apenas uma, ha 4 ou 5 annos, mas essa foi porque lhe crearam os peitos...

Lembro-me que enquanto ella falava, pensava eu como o meu leitor está de certo pensando, na immensidade d'ellas que tenho conhecido e conheço ainda, incapazes não só de crearem um filho mas até de lhe pegarem ao côlo.

Se percorrermos ambos, eu e o leitor, as senhoras de nossas relações, de cem não encontramos uma só que seja mãe; quer dizer — que realise todo o mister da mãe.

Esta é a verdade; por isso, se é com uma leitora que tenho estado a conversar, que desculpe e não se melindre nem se irrite, porque mais alto que os factos não há nada que fale.

Mas se fôr tão tola que se ofenda com a razão dos factos, então, minha senhora, queira dar-me as suas ordens... porque os meus companheiros esperaram-me para seguir-mos sem demora d'aqui para as Paredes, que distam ainda um bom pedaço.

(1) Ramalho Ortigão.

VI

— A serra como ella é. Aspectos diversos. O indigena e o viajante. Caminhos e distancias. Tratos que a serra dá ao viajante. O inverno. A neve. As escolas e a civilização. O dialeto serrano. Navalhas e tripas... Socegae!

Como d'aqui ás Paredes ainda é longe, pelo caminho tenho tempo de coordenar as minhas impressões, tal como eu as senti e segundo a verdade das coisas. Porque a minha obrigação é descrever-vos a serra e apresentar-vos os seus habitantes taes como são e não como a minha fantasia os quizer.

De que servia eu dizer-vos, por exemplo, que isto é um paraizo com verdura e flores, se vos mentia como um perro?

Não; se o Caramulo é safaro e o indigena um torturado, é pois uma região safara e um indigena torturado que vos hei de apresentar, sem mais coisa nenhuma.

Que a serra varia muito de aspecto: é segundo aquelle que a encara. Porque eu não sei se vos disse já que o Caramulo tem com efeito dois diversos aspectos: um para o que o habita, outro para o que o visita. Para o que o habita o Caramulo é uma terra amaldiçoada, onde falta o pão e não ha vinho nem azeite—a fome. Para o que o visita é uma grande paisagem arida, onde as revoluções geologicas deixaram estampadas para sempre as prodigiosas forças da materia revolta.

Mas o Caramulo é ainda isto para ambos: a tortura.

O indige-



COSTUMES DA SERRA
A capucha



CAMPONEZA DE BÉSTEIROS

na pode muito bem casar e não ter filhos, mantear a terra e não ter pão, amar a todos e não ser amado de ninguem, mas do que elle tem a certeza é da rigorosa pontualidade com que um funcionario publico lhe virá pedir todos os annos, o pagamento dos tributos. Apenas duas ou tres vezes no anno o correio lhe bate á porta: quando traz o aviso da decima, da congrua ou dos relaxes.

Mas a tortura do habitante do Caramulo em que?

N'isto: em pagar sempre, sem saber para quem, nem para que!

Da parte do viajante que ali apparece pela primeira vez, ha esta massada: andar sempre fora do caminho, sempre cançado, sempre sequioso, regressando, depois de um dia de privações, com os sapatos n'um trapo.

Ha ainda outra coisa peor para o viajante do Caramulo. D'esta ninguem se liberta, seja lá quem fôr, faça lá o que fizer.

Suponha um dos meus amigos que ia até lá, um dia d'estes, dar o seu passeio. Chegava, por exemplo, ao meio.

Como é natural que para lá não fosse sem farnel, sentava-se ao pé de qualquer fonte, puchava do presunto ou bacalhau frito que levasse e que comia, sem lhe tomar o gôsto, bebendo em seguida os quatro melhores copos de agua da sua vida e como é bôa pessoa e bom filosofo, espernegava-se ao comprido sobre a relva, na reclusão d'uma analyse á vida sempre dura e nunca aliviada d'essa pobre gente, depois do que o meu amigo se erguia para seguir viagem.

Puchava pelo relógio e via: duas horas. Muito bem: o tempo sobra para ir d'aqui—Malhapão, até adeante—Dornas.

Mas para o que desse e viesse e principalmente para chegar mais cedo, partia immediatamente, indo de passagem pelo *pico*.

O que sucedia n'este caso? Depois de duas boas legoas, que julgara dois pequenos kilometros, o meu desditoso viajante estaria muito áquem do meio do caminho e cheio de remorsos por ter passado sem beber, por duas fontes, na esperança dos dois decilitros do verde, na taberna que lhe annunciaram e que não apparecia nunca.

Qual é aqui a sorte do viajante? Ficar algures enrodilhado entre duas moiteiras ou chegar ao povoado quando tudo já dorme.

No Caramulo não ha vias de comunicação: ao que elles lá chamam caminhos, chamamos

nós aqui mato e pedras. Mas o homem das serras sabe bem em que reino vive: é por essa razão que elle, para ir d'uma terra para outra, não procura caminho nem carreiro: mete a direito.

Sabe em que reino vive, disse eu, mas não é sempre.

Ha ocasiões, em que elle perde por completo a consciencia d'essa nacionalidade. É quando apparece um homem importante: o viajante engravatado, o abba de ou mesmo o regedor.

Quando isso succede, elle deixa de ser o bom vilão em casa de seu sogro para ser simplesmente o basbaque.

Tudo se comove quando elle chega e não ha coisa que se lhe não faça quando elle lhe pára á porta ou entra em casa. Para o que traz fome ha logo ali uma taça de barro preto com um queijo fresco, em cima da mesa que é uma caixa, com uma faca ao lado, que é o podão das leitugas.

Toda a familia assiste religiosamente á refeição do esfaimado caminheiro e se alguma coisa falta na mesa, a brôa, o panno, o garfo, que solicitude em correr por elle á cesta da brôa ou á prateleira das massarocas!

O viajante que no Caramulo devora um queijo em familia, assiste ao mesmo espectáculo a que assiste um medico autopsiando um cadaver n'uma praça: tudo olha e ninguem fala. Se o viajante chega de noite ha logo uma cobertura e um palheiro onde faltarão commodidades mas abundarão ratos.

Mas tudo isto é dado sem reservas, espontaneamente, de todo o coração. Preferem dormir sobre uma pedra a deixar o viajante mal agasalhado. Isso porém, não obsta a que recebam mal toda a gente que os visita.

Recebem mal o viajante porque lhe não dão um caminho por onde elle vá na certeza de não quebrar as costellas, nem uma cara linda que lhe faça abrir um sorriso de goso estethico; recebem mal o devoto romeiro porque o atafegam na ermida de dois metros de largo pelos quatro de comprido, dando-lhe ainda o desgosto de se ver obrigado a implorar santos feitos mais a camartello do que a escopro ou picão; recebem mal o caçador, porque lhe escondem as perdizes no matto ou lhes favorecem as encostas para o vôo traiçoeiro... Mas o que elles recebem ainda peor é o inverno. O inverno no Caramulo é um d'estes sujeitos que não teem sympathias. Não encontra mesmo em toda a serra um bom telhado que o cubra,

lenha secca que o aqueça, cobertores felpudos que o agasalhem, nem, muitas vezes, cama alguma onde se deite. Quando elle chega, ali em principios de novembro todas as caras se transformam em carrancas. É recebido portanto á má cara; por assim dizer a murro.

Para com elle não ha contemplações de ninguem. A creança ameaça-o com o seu mais energico bater de dentes. O aldeão, esse, um pouco mais pratico, opõe-se-lhe com um lenço em volta das orelhas e uma carapuça até aos olhos. Os velhos mais praticos ainda e mais familiarizados com elle, enrodilham-no n'uma capucha ou n'uma coberta e sentam-se-lhe em cima, á lareira.

Os pobres, esses mal cae o primeiro floco de neve fogem todos, desde o avô ao neto. Vão ordinariamente para o valle de Besteiros ou para a Bairrada, donde voltam em março carregados de azeite, carnes e batatas.

Ha porém uma coisa que ainda ninguem sabe se lá é bem ou mal recebida: a civilização. Ninguem mesmo pensa n'isso. O homem do Caramulo vive privado de todas as regalias que aformoseiam a existencia. Não tem uma ponte para atravessar os enxurros, nem, como já disse, uma unica estrada. Não tem um medico, limitando-se, nas doenças, á alfavaca de cobra e ás papas de linhaça ou, nos casos mais graves, aos vaticínios da adivinhôa; dispensa portanto a pharmacia que tambem não ha. Não tem além d'isso, nenhum filho padre, nem primo algum doutor, nem, o que é peor, uma unica escola.

É o verdadeiro modelo do homem ignorante. Em todo o Caramulo não ha um unico individuo que não julgue doido completo aquelle que lhe disser que a terra é redonda e o sol fixo. Em compensação todos teem a certeza de trazerem o anjo da guarda em pé sobre o hom-

bro direito, e o diabo alapardado sobre o esquerdo.

Esta falta de instrucção e ainda mais a ausencia de todo o contacto com a civilização produziram o dialecto do Caramulo. Porque o Caramulo tem a sua linguagem propria como tudo o que pára ou degenera.

Ali tão bem fala o pastor de gado, como o regedor, como o mesmo abbade. Ha, porém, ás vezes expressões corretas, modos de dizer curiosos. Deu-se comigo este caso: a um boieiro que passava perguntei o caminho a seguir para a povoação mais proxima.

— O caminho para Almofala? perguntou elle, rectificando. Não tem nada: o amigo toma este caminho e em chegando além... vê

aquellas almas? pois bem, não faça caso: siga sempre e ao passar n'um portal, quebre ao braço direito e arrebente por ahi fóra que vai lá ter com os olhos fechados!

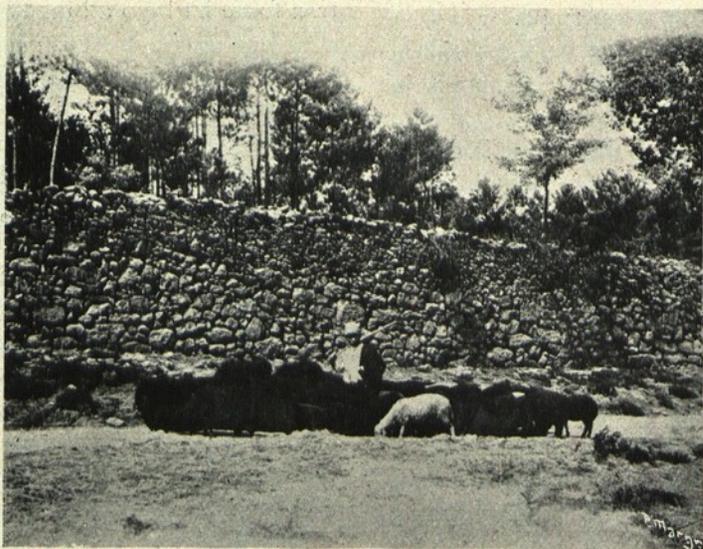
Na accentuação tonica das palavras é que mais se especialisa essa linguagem.

Aquillo que entre nós açoita as arvores, leva os chapéus e sópra pelos buracos, é o mesmo a que elles lá chamam *vanto*. Pelo contrario aquillo que nos templos illumina os sacrarios, suspenso das abobadas, chamam elles *lempada*.

D'ahi resulta não uma linguagem mas uma mixerufada sonica.

De resto os conhecimentos do homem do Caramulo a pouco se limitam. Sabe, por exemplo, cavar uma terra, pregar uns tamancos, comprar uma junta de bois ou procrear seis filhos robustos. Não pensa senão em si e nos seus. É, todavia, generoso e compassivo como ninguem.

Tem ainda esta qualidade: por bem deixa-se levar até á forca; a mal começa por deitar ao sol as tripas do parceiro, acabando por o deixar



UM REBANHO NAS FALDAS DA SERRA

metido n'uma carqueja, á espera do primeiro lobo que o quizer.

A' vista d'essas tripas é natural que o viajante queira voltar para traz, no receio de lá ficar tambem para sempre.

Não; aconselho-o mesmo a que vá. O seu

(Conclue no proximo numero.)

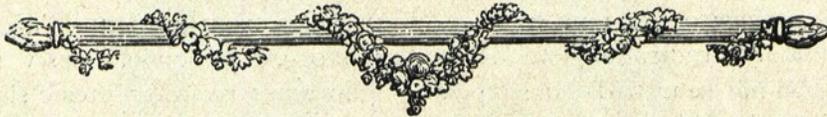
chapeu fino, a sua gravata, o seu anel e o seu bigode bem tratado, são a mais completa garantia d'um cidadão n'essas paragens.

Mata-se um lobo ou um visinho traíçoeiro, mas não se toca com um dedo n'um desconhecido, quanto mais no viajante bem trajado.

THOMAZ DA FONSECA.



UM TRECHO DA SERRA
Demarcação da propriedade



Nunca mais

**Nunca mais me esqueceu, aquella triste
meia-luz do crepusculo doirado . . .
E a doçura do horto perfumado
onde tu me beijaste e me fugiste . . .**

**Quantas vezes, depois que tu partiste
— coração sempre inquieto e insaciado —
bebi, por taças de oiro, sem cuidado
quanto amor e prazer na terra existe !**

**Quantas vezes — ai quantas ! — ao bulicio
das orgias, a rubra flor do vicio
fui arrancar á venenoça haste !**

**E p'ra quê, se de tanto inutil gôso
nenhum recorda o beijo gaudogo
da tarde em que a meus olhos te apagaste**

M. Cardoso Marta.

Os actuaes processos da arte de curar

Resenha descriptiva

POR

VIRGILIO MACHADO



INSTITUTO DE PHYSIOTHERAPIA EM LISBOA

mais facilmente, e isto succede, com frequencia, na arte de Hippocrates, chegam a ser aproveita-

das, com larga vulgarisação, certas praticas, nascidas exclusivamente d'um grosseiro empirismo e, a principio, umas vezes exercido por ignorantes muito crentes e sinceramente bem intencionados, outras vezes cultivado, com mais ou menos habilidade e successo, por curandeiros ou charlatães, com talento e pouco escrupulosos.

O empirismo na therapeutica

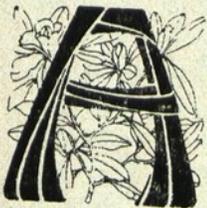
Pela porta do empirismo entraram, na pratica da medicina, alguns dos seus mais valiosos methodos e agentes utilizados no tratamento das doencas.

Muitas paginas não bastariam para a demonstração exemplificada d'esta asserção.

Por curiosidade fiquem registadas, a proposito, algumas citações mais interessantes.

O uso do mercurio, o precioso medicamento, curativo, por excellencia, de determinadas molestias, que, mal tratadas, são o flagello do doente e a causa d'estropiamento da sua descendencia, foi, pela primeira vez, realisado com as celebres pilulas do corsario Barbaroxa a quem fôra fornecida a receita por um charlatão, seu contemporaneo.

A casca da quina, d'onde os chimicos hoje extraem a quinina, já era usada, no seculo xvii, ou talvez ainda antes, no tratamento das febres-palustres.



Medicina está passando, neste momento, por uma transformação radical e profunda. — Já não se trata d'uma simples evolução lentamente progressiva, como a que se observa em outros ramos do Saber

humano — mais do que isso — dia a dia, vae-se operando, nas sciencias medicas, uma revolução quasi que d'exterminio, aniquilando velharias e rotinas veneradas e respeitadas durante algumas dezenas de seculos.

Foram ellas, sem duvida, que tornaram, em muitos casos, a arte de curar inutil em vez de proveitosa, travando, ao mesmo tempo, a marcha do seu progresso, preparado, *em parte*, pelos genios mais brilhantes que figuram na historia das sciencias; velharias e rotinas tantas vezes insensatas e até ridiculas, dando assumpto para as pungentes satyras d'espirituosos Molières.

Digna de reparo e meditação se torna a dificuldade que, á sua adopção e applicação, encontram algumas das brilhantes conquistas do engenho humano, ainda mesmo quando as valorise um alcance utilitario solidamente demonstravel.

Pasma a indiferença, senão mesmo a relutancia e a animosidade, com que, pelos leigos em Medicina, é recebida a apparição de novas descobertas nos dominios d'esta Sciencia;

Já de ha muito, entre o povo, eram empregadas as esponjas incineradas, na cura das alporcas ou escrofulas e da papeira chronica, como tambem o eram certos vegetaes maritimos, no tratamento da gotta, sobretudo pelos chinezes, quando a chimica, nos principios do seculo ultimo, mostrou que era o iodo a substancia activa d'aquelles vegetaes, os quaes depois substituiu, n'uma therapeutica mais scientifica, rigorosa e de mais largos resultados.

Seiscentos annos antes de Christo já os argonautas empregavam a medicação ferruginosa, obtendo o preparado correspondente pela dissolução da ferrugem no vinho.

Muitos annos antes de se ter extrahido da coca o precioso alcaloide que se chama a cocaina, já os indios da America do Sul mascavam as fôlhas d'este vegetal, para lhes suspender a sensação de fome, durante longas jornadas, em que lhes faltavam os alimentos.

Era o arsenico empregado, na antiguidade, sob a fórmula de sulfureto d'arsenico ou ouropimento, producto natural.

As dormideiras foram, durante seculos, applicadas para provocar o somno e acalmar as dôres, antes de terem sido preparados e applicados scientificamente os corpos existentes no opio e a que correspondem as acções primitivamente utilizadas, pelo empirismo, quando ministrava o succo do *papaver somniferum*.

A belladona, muito empregada, em outros tempos, pelos magicos e envenenadores, foi tambem, desde eras muito remotas, utilizada no tratamento das nevralgias.

Remonta á mais alta antiguidade o uso empirico da medicação purgativa, realisavel por multiplas substancias, algumas d'ellas offereci-

das pela natureza, em algumas das mais preciosas aguas mineraes de que a therapeutica ainda hoje faz uma larga applicação.

Muitas das mais solidas doutrinas scientificas actuaes vieram justificar a racionalidade das praticas empiricas d'aquella medicação.

No antigo Egypto, a arte de curar resumia-se á applicação de purgantes, clysteres, vomitorios e abstinencia alimentar relativa, quando não mesmo absoluta, na phase mais aguda das doencas.

A physiotherapia empirica

Não foram só as drogas que, na sua maioria, entraram pelas portas do empirismo, na arte de curar, muitas e algumas mesmo entre as mais valiosas praticas da moderna therapeutica, denominada physiotherapia ou tratamento pelos agentes physicos e naturaes, por outras portas não penetraram tambem, no templo de Esculapio, que não fossem as do empirismo.

Encontra-se, nos periodos mais primitivos da historia da medicina, larga menção das applicações medicas do calor a diversas temperaturas, umas vezes secco, outras vezes por intermedio da agua ou outro qualquer liquido.

A popular cataplasma de linhaça cujo uso se tem perpetuado atravez de centenas de gerações, realisa, por uma fórmula altamente proveitosa, em variadissimas circumstancias, a applicação simultanea do calor e humidade.

Em era remotissima, quando ainda nem sequer se pensava em produzir artificialmente essa energia proteiforme que se chamou electricidade, já os indios se curavam de paralyrias, banhando-se em rios, onde vivem certos peixes electricos, a raia ou tremelga, o gymno-



BANHO DE LENÇOL E ESFREGAÇÃO CONSECUTIVA

to, etc., de que recebiam as descargas, com a intenção de restabelecer a motilidade supprimida nos membros paralyzados.

Estas praticas muito conhecidas da mudança d'ares, banhos do mar, etc., não são mais do que modos, ensinados pela observação, de curar as doenças, pelos agentes naturaes: calor, luz, agua, pressão atmospherica, etc., mais adequados á modificação de diversos estados morbidos.

Tudo quanto o empirismo, as investigações de laboratorio, a experimentação e a observação, auxiliadas pelos poderosos meios de analyse de que a sciencia hoje dispõe, foram adquirindo, enriqueceu o vastissimo arsenal de que a medicina hoje lança mão, no combate de todos os dias, contra as doenças e affecções que torturam a humanidade.

A therapeutica pelos agentes physicos e naturaes

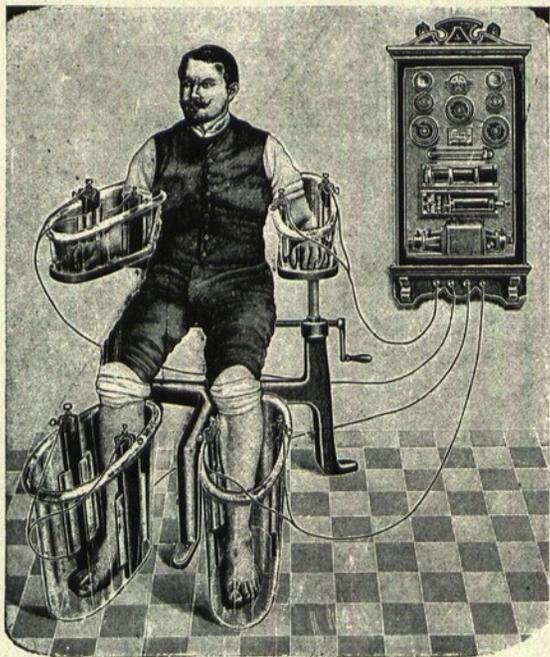
A tendencia mais pronunciada da medicina actual é para o emprego therapeutico dos agentes physicos ou naturaes, regimen alimentar e outros preceitos da hygiene geral, etc.

Procuram os sectarios da therapeutica pelos agentes physicos (*physiotherapia* ou *physiotherapia*) agora methodicamente organizada, sobre solidas bases scientificas, a realização das várias medicações exigidas pelas circunstancias do momento.

Assim, por exemplo, a therapeutica physica adopta, com incontestavel vantagem, o emprego methodico de banhos, a uma temperatura mais ou menos inferior á temperatura do corpo, o enfaixamento humido ou a refrigeração local do coração, pelo gelo contido em um sacco de cautchuc, para combater as altas temperaturas febris, em varias infecções, entre outras a febre typhoide, a pneumonia, a broncho-pneumonia, as febres eruptivas (sarampo, variola, escarlatina), etc.

Para combater os phenomenos dolorosos, as nevralgias ou os phenomenos espasmodicos está indicada a medicação calmante, sedativa ou anti-spasmodica, utilizada pela therapeutica physica e que consiste em qualquer d'estes variados recursos, segundo os casos:

Banhos mornos, duches de 24 até 30° ou mesmo temperaturas mais elevadas, (mas então applicados por mais tempo); certas modalidades da electricidade mais longe indicadas; luz azul radiações ultraroxas, luz intensa do arco,



BANHOS DE AGUA ATRAVESSADA POR CORRENTES ELECTRICAS

voltaico; duche d'ar quente; massagem pelo ar quente, segundo o processo de Bier, banhos d'areia quente, etc.

No tratamento de certos phenomenos depressivos, paralyzias, perda da sensibilidade, debilidade geral e em que se impõe a medicação excitante, estimulante e tonica, a therapeutica physica utiliza certos modos electricos; algumas praticas hydrotherapicas (duche frio durante 1 a 2 minutos, duche quente, mas de curta duração, duches circulares); applicação mais ou menos prolongada da luz vermelha, etc.

Está apurado scientificamente que as applicações d'agua fria, seguida de reacção, augmentam os globulos sanguineos vermelhos e os globulos brancos, ao mesmo tempo que augmentam a hemoglobina ou materia corante do sangue.

Frequentemente se empregam hoje no tratamento da anemia e da chlorose duches de 40° centigrados descendo rapidamente até 20 e mesmo até 15 graus.

Aproveitando a sua acção poderosa sobre a nutrição geral, empregam os sectarios da therapeutica physica os banhos d'agua atravessada por correntes electricas, as correntes de Morton, as de alta frequencia, muitas vezes associados com alguns utilissimos processos hydrotherapicos.

Os neurasthenicos deprimidos da nutrição, os convalescentes de doenças graves e longas,

os doentes de bocio exophthalmico frequentemente constituem os principaes aproveitadores destes tratamentos.

E' a insomniã um episodio morbido muito frequente em numerosas doenças, que, primitiva ou secundariamente, affectam o systema nervoso.

Com o fim de provocar um somno tranquillo, propõem, com successo, os cultores da moderna therapeutica mais avançada alguns dos agentes já aqui mencionados, a proposito da medicaçãõ calmante ou sedativa, dando, n'este caso, muito preponderante predilecçãõ aos banhos tepidos, ao enfaixamento frio da metade inferior do corpo, ao banho e duche d'electricidade franklinica, etc.

Assim pretendem os sectarios da therapeutica physica poupar os doentes ao uso dos narcoticos, dos hypnoticos ou dos calmantes do systema nervoso, representados pelos conhecidos venenos bastante valiosos, emquanto não foram substituidos e considerados até aqui erradamente indispensaveis em todos os casos indistinctamente: o opio e seus derivados (a morphina em primeiro logar), o chloral, o chloralamido, o hypnone, o trional, o sulfonal, o paraldehydo, o veronal, a chloralose, o hypnal, o urethanio, o ural ou chloral-urethanio, o hedonal, o hydrato d'amyleno, o dormiol, o methylal, o neuronal, o tetronal, os variados brometos, a bromidia etc.

Impõe-se, no tratamento de diversas molestias, sobretudo as de natureza arthritica, a utilidade d'uma transpiraçãõ cutanea abundante. Até aqui empregavam os medicos, com esse intuito, medicamentos, chamados diaphoreticos (sudorificos) e uma ou outra vez o banho de vapor; actualmente a physiotherapia provoca, sem drogas, abundante producçãõ e excreçãõ de suor, com o emprego dos banhos de calor luminoso, chamados geralmente banhos de luz; com o arco voltaico ou com lampadas electricas d'incandescencia.

Estes resumidos exemplos de medicações realisaveis pela physiotherapia dão uma vaga idéa do largo alcance deste capitulo da therapeutica geral.

Melhor juizo se poderá formular sobre a sua extensãõ e importancia, quando se aprecie a multiplicidade dos modos variadissimos da sua applicaçãõ que muito resumidamente passâmos a enumerar.

Trataremos sómente dos mais importantes cujas vantagens estão demonstradas.

Os methodos physiotherapicos — Sua nomenclatura

A physiotherapia significa, como dissemos, o tratamento das doenças pelos agentes physicos e naturaes e comprehende: A *hydrotherapia*, isto é, applicaçãõ geral ou local da agua, a variadas temperaturas, em repouso ou em movimento e, neste caso, incidindo sobre o corpo sob a influencia de maior ou menor pressãõ, etc. applica-se algumas vezes á *hydrotherapia* utilisada sob a fórma de banhos em tina ou piscina o nome de *balneotherapia*, adoptando-se para a therapeutica realisada pelos banhos do mar o termo especial de *thalasotherapia*.

Ao conjuncto das praticas curativas pela acçãõ do calor cabe o nome de *thermotherapia*, geralmente usado para temperaturas bastante superiores á temperatura média normal do corpo humano.

O tratamento pelo frio, á temperatura de 0° ou ainda mais baixa, é designada pelo vocabulo *cryotherapia*.

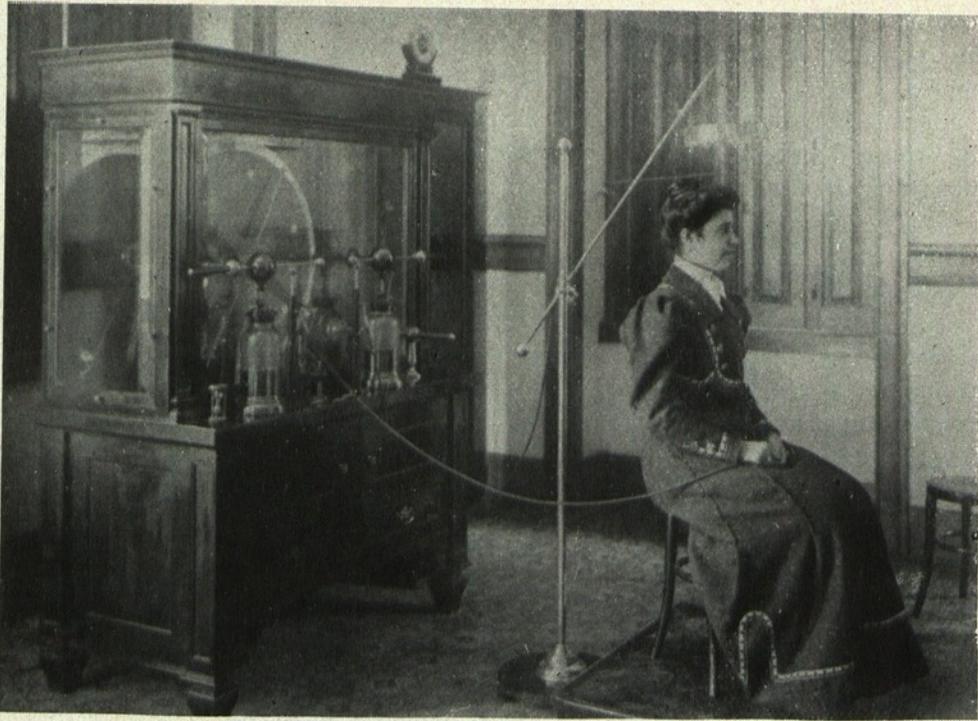
Pela palavra *phototherapia* é indicado o grupo de methodos de tratamento d'algumas doenças pela luz. — Se esta provém directamente do sol a sua applicaçãõ com fins curativos é chamada *heliotherapia*.

A luz utilisada therapeuticamente pode ser incolor ou diversamente corada, pela sua passagem atravez de vidros coloridos, denomina-se, neste ultimo caso, *chromotherapia* a sua applicaçãõ á cura de variadas molestias sobretudo na pelle.

E' dispensavel que a indiquêmos, por ser bem conhecida, a significaçãõ da palavra *electrotherapia*.

A applicaçãõ dos raios X ou raios Roentgen, na cura de diversas molestias, coube primitivamente a designaçãõ de *radiotherapia*, mais tarde substituida pelo neologismo *raentgenotherapia* ou *raentgotherapia*. Estes dois ultimos vocabulos são preferiveis ao primeiro, destinado a significar a applicaçãõ therapeutica do radio e substancias radioactivas, até aqui expressa pela palavra *radiumtherapia*.

Apesar de não corresponder ao emprego de agentes physicos e antes corresponder á utilisaçãõ de movimentos activos ou passivos, incidencias de acções mechanicas, etc. a *kinesitherapia* ou *kinesotherapia*, que tambem se escreve e diz *cinesitherapia*, figura nos capitulos da physiotherapia. Comprehende a



em muitos casos, á sua temperatura, estado electrico, radioactividade emanada dos gazes que dellas se libertam, etc. Comprehende-se, por isso, que o estudo e as indicações do emprego das aguas mine-

APPLICAÇÃO DE UM DUCHE ELECTICO

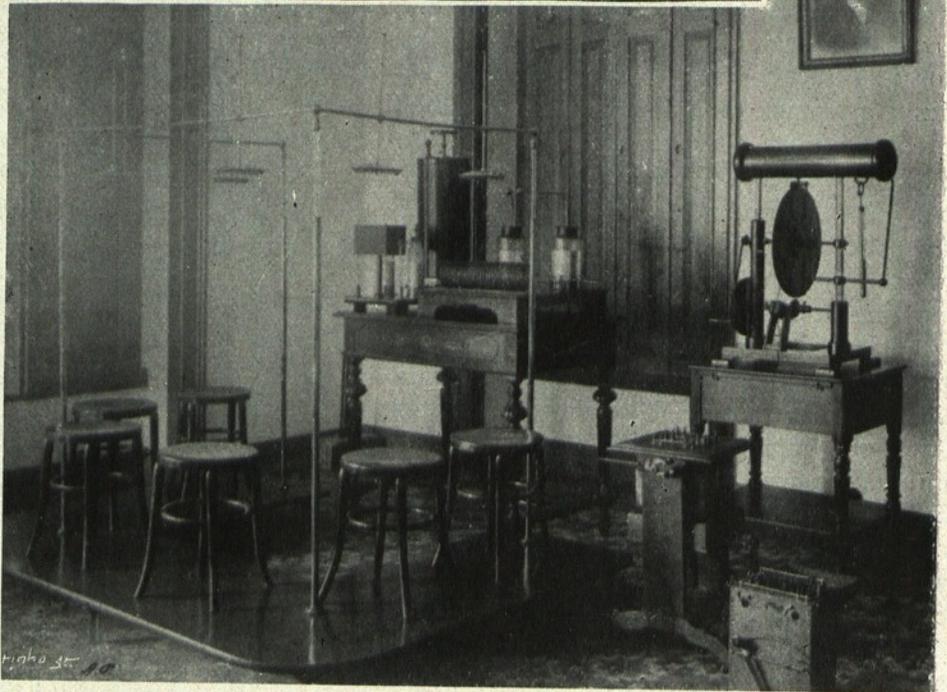
À direita uma senhora sentada sobre um estrado com pés de vidro, a qual segura n'uma das mãos, um conductor ligado a um dos polos da machina franklinica. O outro polo está ligado com o ducheiro a alguns centimetros acima da cabeça.

massagem geral ou local, manual ou vibratoria (*sismotherapia*), a gymnastica e até a kinesietherapia negativa ou cura de repouso.

O conjunto dos methodos de applicações mecanicas da massagem tem hoje o nome muito vulgarisado de *mecanotherapy*.

Aguas mineraes e climas

As aguas mineraes, cuja variedade é extensissima, devem as suas propriedades curativas não só á sua composição chimica, mas,



MATERIAL PARA APPLICAÇÃO DO DUCHE ELECTICO A SEIS PESSOAS SIMULTANEAMENTE

À direita a machina Carré e adiante d'ella baterias electricas para a galvanocauterisação (cauterisação por facas ou fios de platina tornada incandescente pela passagem da corrente electrica)

raes á cura de diversas doenças sejam abrangidos pela physiotherapia sob a designação de *thermalotherapy*.

E' conhecida tambem, desde tempos immemoriaes, a influencia que, sobre os individuos sãos ou sobre aquelles que estão affectados por diversas doenças, exercem os diver-



APPLICAÇÃO LOCAL D'UMA ALTA TEMPERATURA
POR MEIO DO AR SECCO

Aquecido em uma caixa com lampadas electricas e cuja abertura fica applicada sobre a região em tratamento.

so climas hoje muito bem estudados e classificados pela sciencia denominada climatologia.

A utilização d'um ou outro dos variadissimos climas, com fins curativos, denomina-se *climatotherapia* ou mais resumidamente *climotherapia*. Relativamente á temperatura os climas são quentes, frios ou temperados; quanto ao grau hygrometrico ha os climas seccos e humidos. Tendo em vista o conjuncto d'estas influencias, cumulativamente com a acção da pressão atmospherica, a proximidade do mar, a intensidade e a direcção do vento predominante, os climas mais vulgarmente aconselhados medicamente são os climas de montanha ou de altitude, os climas terrestres e os climas maritimos.

Pelas relações estreitas que, nos seus effeitos, apresenta com os que se observam nas applicações climatotherapicas é a *aerotherapia*, applicação de ar comprimido ou rarefeito, no tratamento de algumas doenças, estudado com a therapeutica pelos climas, no mesmo capitulo da physiotherapia.

Como se conclue de tudo quanto summariamente fica exposto é a therapeutica pelos agentes physicos, quer naturaes quer artificialmente produzidos, rica bastante nos seus methodos d'applicação.

Daremos agora alguns exemplos da vantajosa utilização d'esses methodos em diversas circumstanciaes pathologicas.

Tratamento pela massagem e gymnastica

A *massotherapie* ou applicação medica da massagem «o mais antigo d'entre todos os methodos de hygiene therapeutica empregados pelos medicos» tem, sobretudo quando associado á mecanotherapia (*systema Zander*), um campo muito vasto d'indicações.

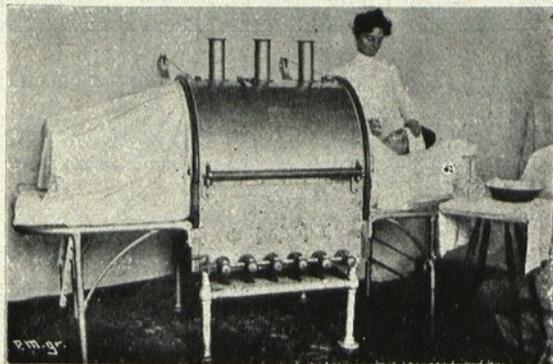
Nas entorses, fracturas e accidentes consecutivos, nas arthrites chronicas, em doenças das veias, em algumas doenças do estomago e do intestino, em certos casos de fraqueza do coração, em nevralgias e outras affecções do *systema nervoso*, conta a *massotherapie* alguns dos seus melhores triumphos.

De perto se relaciona com este methodo de tratamento a gymnastica, seja ella a sueca, a franceza ou a allemã, mais propriamente usada em praticas de hygiene ou para corrigir deformações ou debilidade congenitas, do que já propriamente para tratamento de qualquer doença em especial.

Ha um grande numero d'exercicios livres, sports, jogos etc., que são considerados (quando obedecendo a regras rigorosas) praticas muito vantajosas da hygiene.

A marcha, por exemplo, sobre terrenos gradualmente inclinados (methodo de Ertel) é, sem duvida, muito util no tratamento d'algumas lesões do coração, no periodo em que são ainda susceptiveis de compensação funcional.

Pertence ainda aos methodos kinesiotherapicos a reeducação dos movimentos, nos individuos que, em virtude d'uma doença chamada *tabes* ou *ataxia-locomotriz progressiva*, os apresentam incoordenados.—Pela reeducação dos movimentos de certos musculos, que expontaneamente se contraem, produzindo



BANHO GERAL DE CALOR POR INTERMEDIO DO AR SECCO

Aquecido n'uma estufa especial e com temperaturas que variam entre 80 a 200° centigrados.

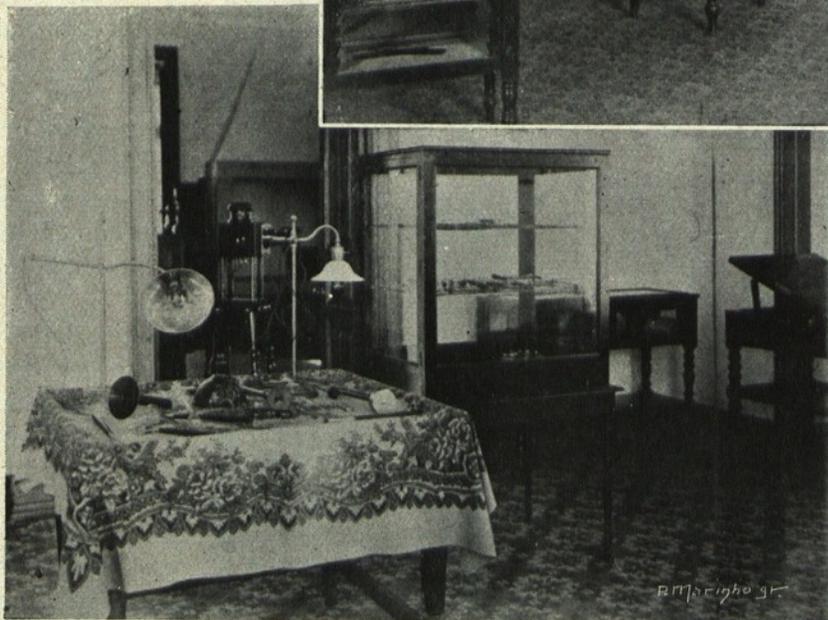
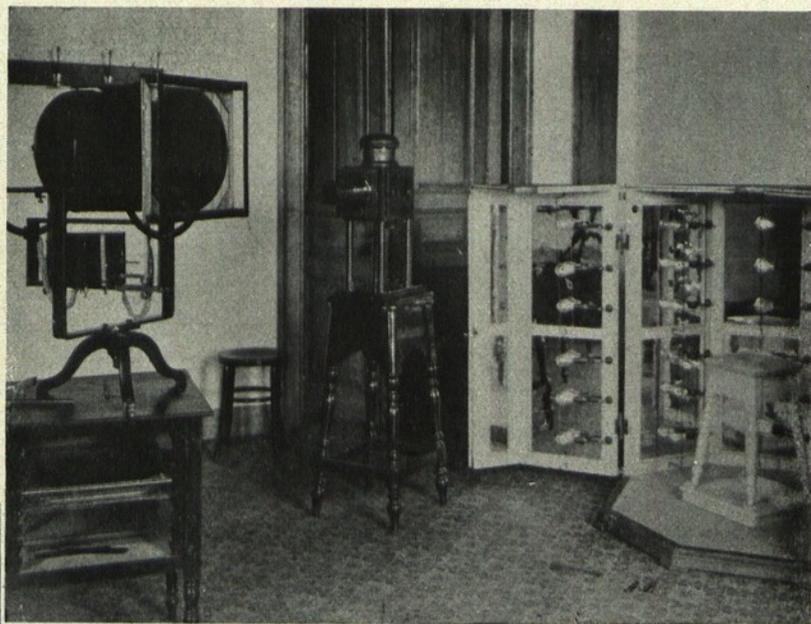
caretas ou diferentes gestos, segundo a região affectada, caracterizando o que se chama tics, tem-se conseguido attenuar e até curar esta importuna enfermidade nervosa.

Pela reeducação ou gymnastica methodica dos movimentos respiratorios, consegue-se debellar certas consequencias da pneumonia, asthma, pleuris, tuberculose no periodo inicial, etc.

A kinesiotherapica negativa ou cura de repouso, a que se pode associar a cura de sol, de ar ou d'altitude, repouso absoluto ou attenuado e durando desde alguns dias até algumas semanas, impõe-se, e é coroado de successo maior ou menor, em todas es-

A hydrotherapia

A hydrotherapia, tambem um dos mais antigos e dos mais valiosos ramos da physiotherapia, comprehende mais de trinta processos diversos d'applicação, a que correspondem effeitos especiaes sabiamente utilizados na cura



APPLICAÇÕES DE CALOR E LUZ

À esquerda lampadas com reflectores para a applicação de luz violacea, luz vermelha, etc. Sobre a mesma mesa na vitrine à direita o material para algumas applicações das correntes de alta frequencia e do calor e luz obtidos por meio da corrente electrica.

tas variedades de doentes: Cardiacos com o coração muito fraco; arteriosclerosicos; dyspepticos com nevralgias no estomago ou com uma ulcera nesta viscera; os tuberculosos; algumas hystericas; um grande numero de neurasthenicos; anemicos; chloroticos; convalescentes de doenças longas, etc.

BANHOS DE CALOR E DE LUZ

À esquerda dois projectores d'arco voltaico para as applicações de calor ou de luz, com diversas côres segundo as qualidades calorificas ou chemicas das radiações, que convém applicar. À direita uma caixa octogonal aberta, com espelhos e lampadas electricas de incandescencia, para applicação geral do banho de luz ou propriamente banho de calor luminoso.

de variadissimas molestias, ou dissipação d'alguns dos seus symptomas mais incomodos.

Já anteriormente nos referimos ao tratamento da febre pe-

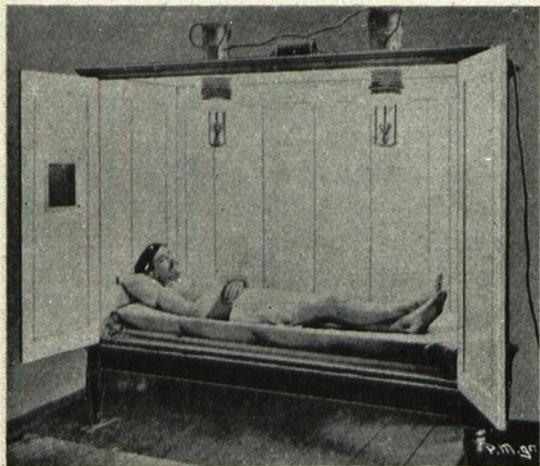
los banhos frios, em applicações varias.

Na pratica mostram-se mais pronunciadamente vantajosos os banhos progressivamente resfriados, sob a direcção d'um clinico experimentado nesta balneotherapia especial.

A temperatura póde chegar a 20 ou mesmo a 18°; repetindo-se o tratamento varias vezes

ao dia e com determinados preceitos, durante e depois do banho, segundo a intensidade da febre que se pretende combater.

São já de pratica corrente, mesmo entre nós, as applicações da balneotherapia nas febres typhoides, sarampos e escarlatinas graves; são muito menos empregados aqui do que no estrangeiro os methodos balneotherapicos na



BANHO DE LUZ OBTIDA COM ARCOS VOLTAICOS

Produzidos no alto do gabinete cujas portas estão abertas para indicar a posição do doente submetido a tratamento.

pneumonia, grippe, typho exanthematico e rheumatismo cerebral.

Os banhos quentes, a 37° centigrados e a temperaturas mais elevadas, são hoje, por toda a parte, onde se veneram e adoptam os progressos da arte de curar, muito usados no tratamento das bronchopneumonias das creanças, colicas diversas, convulsões, estado d'inquietação das hystericas, neurasthenicos e maniacos.

Ao lençol molhado em agua a 10° até 12° e cuja applicação se faz de diversos modos, com uma technica que deve ser meticulosamente seguida, corresponde uma acção calmante e ao mesmo tempo tónica, sendo por isso empregado, com pronunciada vantagem, na cura de certas nevroses, algumas dyspepsias nervosas, incontinençia d'urina, anemia, etc.

Os duches teem acções diversas, excitante em uns casos, calmante em outros, segundo a temperatura, graú de pressão, duração, etc.

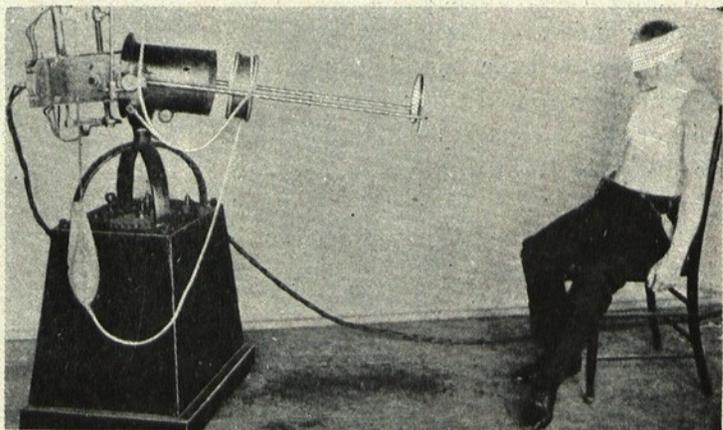
O duche plantar frio, por exemplo, combate a congestão cerebral ou as congestões do utero, do ovario, etc.

Os meios banhos (banhos da metade inferior do corpo), os semicupios, os banhos de pés, em agua a temperatura que pode ir até 45°, já de ha muito entraram na pratica corrente, sendo por isso muito geralmente conhecidas as circumstancias, em que são utilizados, com intenções curativas.

De perto se relacionam com a hydrotherapia, pelo menos com a hydrotherapia local, as irrigações internas, por exemplo, a lavagem do estomago, tão util em casos de estagnação alimentar e fermentações putridas, algumas gastrites, ingestão recente de venenos, etc.

Não menos dignas de citação figuram ainda, no dominio geral da physiotherapia, as lavagens dos intestinos com agua fria ou quente e soberanamente proveitosas em casos de atonia intestinal, estados congestivos, nevralgicos e inflammatorios das visceras abdominaes, etc.

A prisão habitual do ventre, as congestões e inflammções do utero e do ovario, a ictericia catarrhal, inflammções intestinaes e infecções que nos intestinos fazem a sua principal localisação, podem ser melhoradas ou curadas pe-



APPLICACÃO THERAPEUTICA DE LUZ ROXA

Por meio d'um forte projector d'arco voltaico

las irrigações intestinaes, feitas segundo rigorosos preceitos de quantidade de liquido injectado, pressão, temperatura, etc.

São exemplos de hydrotherapia local, mas externa, os enfaixamentos parciaes e a applicação das compressas molhadas em agua fria, usadas com resultados, por assim dizer, maravilhosos, nos casos de angina, falso crup, pneu-

monias, bronchopneumonias, congestão pulmonar aguda ou chronica, palpitações, dôres de estomago produzidas ou não por ulceração, atonia gastrica e intestinal, etc.

O tratamento pelo calor

Muitas applicações da hydrotherapia são um mixto de tratamento mecanotherapico, (embora não correspondendo aos processos grupados sob esta designação) e tratamento thermo ou cryotherapico expressões anteriormente definidas.

Ha porém numerosas praticas therapeuticas em que se utilizam exclusivamente o calor ou o frio seccos. Na sua maioria são bastante conhecidas do vulgo e desde muito longa data.

Nas applicações locaes é usada bastas vezes a areia aquecida a 45° e contida em pequenos saccos de panno ou de camurça. Certas nevralgias e algumas inflammções articulares beneficiam muito com esta therapeutica.

Saccos de cautchuc cheios d'agua quente applicados sobre o ventre, aliviam as colicas de intestinos, de rins ou do figado.

Ha aparelhos especiaes o de Tallerman, por exemplo, com o ar sobreaquecido até 170°, muito empregados, em Inglaterra, no rheumatismo simples ou na gotta articular.

Em vez da agua contida em saccos de cautchuc podem empregar-se certos sais crystallisaveis em aparelhos que no mercado têm o nome de *Thermophoros*.

Depois de immersos em agua muito quente, conservam, durante horas e com muita constancia a temperatura que lhes foi communicada.

Em cidades, onde estão muito generalizadas as canalisações de corrente electrica, empregam-se, nas applicações locaes do calor, com fim curativo, placas ou redes, de fio metallico

envolvidas em amiantho, aquecidas pela passagem da corrente electrica.

O enfaixamento secco em um grande cobertor é um dos processos mais rudimentares de produzir um aquecimento geral do corpo, com a producção de suor mais ou menos abundante. Em casos de bronchite, em principio, no rheumatismo dos musculos lombares (lumbago) é muito usado, mesmo entre o povo menos culto, este processo thermotherapico.

Em algumas regiões maritimas utilizam-se em applicações geraes do calor, no tratamento do rheumatismo chronico principalmente, os banhos de areia aquecida pelo sol.

Para isso pratica-se á hora do sol mais vivo, uma cova na praia, ahi se introduz o doente com a cabeça de fóra e coberta por um largo chapéu de palha, ou por um turbante improvisado com uma toalha, cobrindo-se-lhe depois todo o corpo com a areia e deixando-o assim exposto, durante algum tempo, ao aquecimento feito pelo sol atravez da original cobertura siliciosa.

Os antigos banhos d'estufa secca e os de estufa humida, muito usados no tratamento da gotta, nevralgias e rheumatismo chronico vulgar, tendem a ser substituidos pelos banhos de calor luminoso, os chamados banhos de Kellog, de Dowsing ou incandescencia, muito mais facilmente tolerados pelos doentes, com acção mais energica, naturalmente porque se associam os efeitos calorificos e luminosos, e com uma escala muito mais extensa d'indicções.

Entre estas, occupam lugar primacial, além das varias manifestações do arthritismo (a gotta, a obesidade, a asthma, o rheumatismo), as molestias em cuja cura aproveite um exa-gero artificial das funcções da pelle, utilizando



ALGUNS APPARELHOS PARA AS APPLICÇÕES MEDICAS DAS CORRENTES GALVANICAS E FARADICAS OU DE INDUCCÃO

assim a depuração organica que se faz pela transpiração.

Impõe-se esta therapeutica especial, quando o rim, alterado, não cumpre os seus deveres de depurador dos varios venenos ou escorias normaes, que devem sahir na urina; impõe-se ainda nos casos de impaludismo chronico, envenenamentos profissionaes, na convalescença mais ou menos longa d'algumas infecções, etc.

Tratamento pelo frio

São muito conhecidas tambem as applicações do frio na luta contra certos phenomenos congestivos, inflammatorios, etc.

Bexigas, tripas, saccos de borracha ou algumas vezes latas de metal leve, o aluminio por exemplo, cheios com gêlo, em fragmentos, são applicados sobre o ventre em casos de appendicite ou de peritonite; sobre a cabeça em casos de meningite ou de congestão cerebral; sobre a região do coração nos casos d'inflammação aguda d'este órgão, ou das suas membranas (o pericardio ou o endocardio) e ainda quando se pretende corrigir a elevada temperatura em certas infecções febris.

O gêlo ingerido ou as bebidas nevadas combatem, em alguns casos, os vomitos, rebeldes a outros tratamentos.

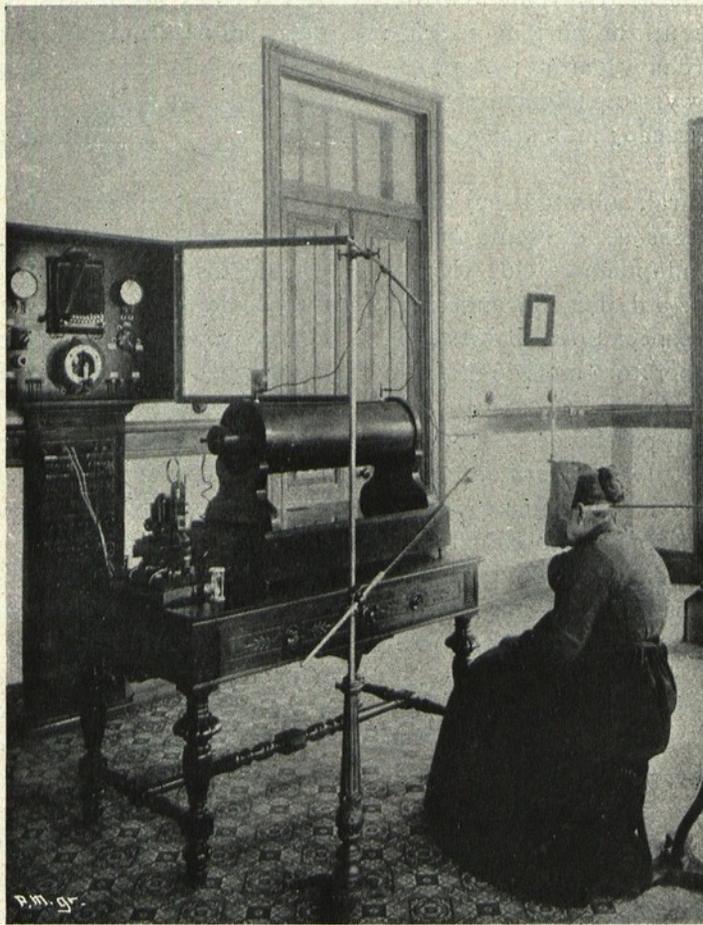
E' o frio, em applicações topicas, utilizado para acalmar as dôres (nevralgias) ou para adormecer a sensibilidade local permittindo

pequenas operações sem soffrimento, entre outras por exemplo a abertura d'um abcesso, a extracção d'um dente, etc.

Para obter a refrigeração local primitivamente obtida pela evaporação do ether ordinario pulverisado sobre a pelle, usam-se hoje, de preferencia, as pulverisações com o ether ethylchlorhydrico (chloreto d'ethylo) ou com o methylchlorhydrico (chloreto de methylo).

Tratamento pela luz

A observação mais rudimentar mostrou, em todos os tempos, a poderosa influencia da luz natural sobre a saude e o desenvolvimento dos sêres vivos, animaes e vegetaes. Uns e outros, subtraídos á acção da luz, soffrem uma depressão profunda da sua nutrição. As plantas na escuridão estiolam e morrem. Os animaes perdem a coloração dos seus tegumentos, pello ou pennas, etc. Os homens que vivem subtraídos á acção da luz natural, os mineiros, por



MATERIAL PARA A PRODUÇÃO DOS RAIOS X

Utilizados no tratamento de varias doenças na pelle. A doente está protegida por uma lamina de chumbo, com um orificio no logar da applicação, em frente do tubo de Crookes ou empola productora dos raios Röntgen.

exemplo, perdem grande parte da sua energia e tornam-se anêmicos. Estes e muitos outros factos, de desnecessaria enumeração, eram bem conhecidos desde longos seculos. Muito antes do nascimento de Christo, Hippocrates, o pae da Medicina, expunha os seus doentes á luz viva do sol (excepto no verão), com o intuito de os robustecer, umas vezes nus, outras cobertos por um tecido mais ou menos transparente, em ambos os casos

com a cabeça protegida por um chapeo de palha. No tempo dos Romanos, havia em muitas casas uma varanda ou terraço, para os banhos de luz solar e por isso chamado *Solarium*.

O tratamento pela luz solar chamado, em medicina, *heliotherapia*, faz-se hoje nalguns sanatorios ou institutos especiaes, tambem em terraços cercados de vidraças, sobres as quaes corre constantemente agua fria, para absorver os raios de calor, deixando passar somente os luminosos. A insolação, convenientemente graduada, mostra-se util na cura da anemia; tuberculose de marcha vagarosa; convalescença de doenças graves e prolongadas; chagas de difficil cicatrisação; inflammações das articulações, etc.

Em vez da luz natural, sobretudo em paizes onde o sol raras vezes se apresenta descoberto, muito se está adoptando a luz viva do arco voltaico e menos a de luz d'incandescencia, usada mais em especial para banhos que operam pela sua temperatura mais do que pela acção luminosa.

Iluminação geral ou parcial do corpo, pela luz amarella quasi incolor, vulgarmente chamada luz branca, está indicada nos casos em que convém produzir uma acção calmante e tonica ao mesmo tempo, maior actividade dos phenomenos da nutrição e, em certas circumstancias, até uma acção antiseptica e desinfectante.

Por meio de projectores d'arco voltaico, em apparelhos a que se podem adaptar placas de vidro colorido (azul, verde, vermelho, etc.) ou por meio de lampadas d'incandescencia cuja empola é de vidro corado, podem fazer-se applicações therapeuticas de luz de diversas côres, segundo fôr exigido pela natureza da doença em tratamento.

As nevralgias, por exemplo, são melhoradas pela luz azul.

A iluminação d'um recinto pela luz vermelha, como se faz nas camaras escuras dos photographos, para evitar a acção dos raios chimicos da luz sobre a chapa sensivel, mostrou-se, nas mãos de Finsen, muito util no tratamento das bexigas (variola), subtrahindo os respectivos doentes aos raios chimicos, necesarios á evolução da erupção com a respectiva suppuração, febre e cicatrizes com as suas desastradas consequencias cosmeticas.

Tudo isto se deixa de produzir, sob a influencia do tratamento pela luz vermelha, chamado tambem phototherapia negativa.

O sarampo, a escarlatina, a erysipela, certos eczemas, têm sido tambem submettidos, com resultados animadores, a esta therapeutica especial.

Em grandes salas largamente illuminadas e rodeadas por vidraças azues ou vermelhas, facilmente se verifica, pela observação clinica, uma pronunciada acção calmante, quando a luz que entra nas mesmas salas, é azul, mostrando propriedades oppostas a luz vermelha.

São estas acções respectivamente aproveitadas em determinados casos de excitação ou de depressão por affecções mentaes.

A Finsentherapia

Os focos luminosos não emittem somente a luz que nos faz perceber, por meio da vista, os objectos que nos rodeiam; emittem tambem raios caloríficos e raios chimicos que certas experiencias de optica permitem dissociar.

Os raios chimicos da luz são aproveitados principalmente na photographia, são tambem chamados raios actinicos; attribue-se-lhes uma acção destruidora d'alguns microbios. Quem muito se expõe á luz solar fica trigueiro (excesso de pigmentação) o que na linguagem vulgar se exprime por «ficar queimado pelo sol», algumas vezes mesmo produz-se, nestas circumstancias, uma viva erupção a que se chama erythema solar e até, por acção intensa e prolongada, verdadeiras queimaduras.

Fazendo passar a luz viva do arco voltaico, por um systema de lentes e peças accessorias, de modo a permittir somente a passagem dos raios luminosos, com exclusão dos raios caloríficos, o professor dinamarquez Finsen, ha poucos annos roubado, na flôr da vida, á Sciencia que cultivára com brilho e originalidade, conseguiu, em applicações sabiamente methodisadas, a cura de graves doenças da pelle, verdadeiro flagello da humanidade. O seu principal triumpho foi conquistado com a cura do lupus vulgar, essa chaga tuberculosa, frequentemente localisada na face e que, na sua marcha devastadora, muitas vezes, corroe o nariz, produzindo repellentes e asquerosas mutilações.

Longas paginas não bastariam para a descripção de todo o material adoptado por Finsen e seus continuadores, neste ramo de applicações therapeuticas da luz denominado, em homenagem ao glorioso mestre, a *Finsentherapia*.

Não foi só o lupus, outras molestias de pelle, umas ulcerativas e outras que não o são, teem sido submettidas, com vantagem evidente, ao

tratamento pelos raios chimicos ou actinicos por motivos de ordem scientifica denominados ultraviolettes ou ultraroxos.

(Conclue no proximo numero.)



Meu amor!

*Quando elle me jurou que me adorava,
e que eu me vi n'aquella immensa altura
do formoso castello de ventura
em que o seu grande amor me collocava,*

*senti que intensa luz illuminava
esta minh'alma affeita á desventura,
e julguei-me... — apoz feitos de bravura,
— um rei! — que sobre os povos triumphava!*

*Mas quando percebi — desilludida!
que toda a aspiração da minha vida
se limitava a que elle me sorrisse,*

*fui cedendo á tristeza a pouco e pouco...
Hoje, sou como um prisioneiro, louco,
a quem a liberdade — espavorisse!...*



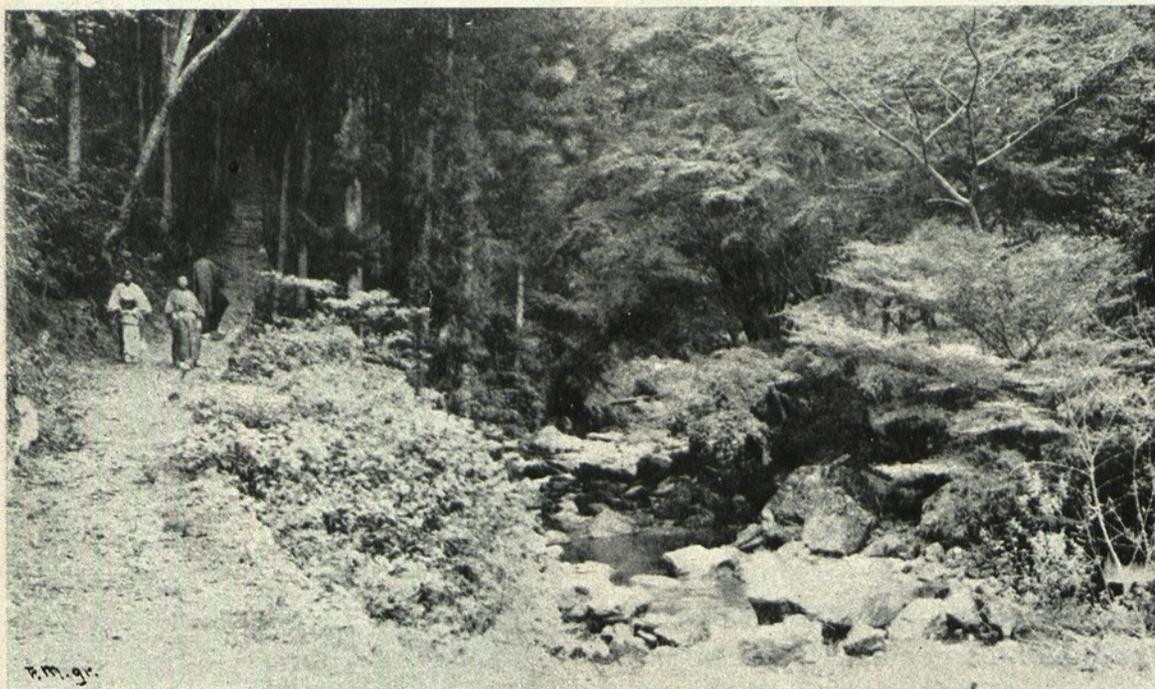
mez de novembro, para o sentimento profundamente amante do nippnico pelas coisas gentis da criação, é, fóra de duvida, um mez abençoado. É em novembro que floresce o chrysanthemo, o que já é dizer muito. Mas convém advertir que as galas outomnaes não ficam por aqui. A coloração variada das folhas, no periodo que immediatamente precede a sua queda do arvoredo, constitue em toda a parte, com excepção talvez dos paizes tropicaes, onde não ha outomno, um espectáculo aprazível. O verde viçoso e uniforme da paizagem, na quadra pompejante que abrange a primavera e o verão, póde afinal cançar os olhos, á força de monotona insistencia. De improviso, o outomno traz á paizagem tonalidades caprichosas, realça-a de loiros e vermelhos, doces á vista; impregnando-a d'essa suave poesia melancolica, que nos fala do fim de uma florescencia,

do fim de uma fructificação, do fim de uma colheita, da proxima nudez dos campos, expostos então á inclemencia das refregas da chuva e das nevadas. Pois no Japão, mercê das circumstancias especiaes do clima e tambem da especialidade da propria vegetação, o espectáculo é, mais do que em outro qualquer canto do mundo, particularmente seductor.—*Momiji!*—ora, aqui está uma palavra que nenhum japonez deixará de pronunciar sem alvoroço. *Momiji* quer dizer, em geral — folhagem vermelha do outomno; — mas applica se de preferencia para designar uma certa arvore, aqui muito abundante, cujas folhas, graciosamente digitadas, o outomno com intensissimo deslumbramento ruborisa. Ao *momiji* chamam os francezes *érable*, os inglezes *maple*, e nós chamamos *bordo*, se não erro; penso que as especies europeias não offerecem igual maravilha em colorido.

São, n'este paiz, varios os sitios preferidos para se ir admirar os *momiji*,

em meados de novembro. Sem me afastar muito do meu poiso, cito o valle do Arima, e em Kyoto e seus suburbios o parque de Kiyomizo, Takao e a pittoresca montanha Arashiyama. Mais perto ainda, está Minô, adoravel, em plena paizagem rustica : — uma estreita garganta entre montanhas, revestidas de densissimo arvoredado, descendo o solo em precipicio até um profundo

palavras não traduzem a visão ; nem tão pouco se pinta, fôsse embora um grande artista que se lembrasse da tarefa, porque sahiria da tela um disparate, uma embriaguez convulsa de côres, sobre a qual os olhos incredulos não saberiam commover-se. O artista é a natureza, e só ella ; obra ephemera em todo o caso, durando apenas alguns dias ; porque a desfolha começa,



UMA VISTA DE MINÔ

leito pedregoso, por onde as aguas serpêam, espumam e murmuram.

Eu estive em Minô ha poucos dias. É um deslumbramento, uma apothose. A floresta estende sobre a gente, ao longo dos ziguezagues dos caminhos, a sua rama afogueada, variando, por mil gradações, do amarello ao carmezim ; ou são os aspectos distantes, na magestade das alturas da serra inacessivel, entremeando-se o verde eterno dos pinheiros, das cryptomerias, dos bambus, com as manchas sanguineas dos *momiji*. Isto não se descreve, as

já é uma continua chuva de folhas rubras, de folhas seccas, de folhas mortas, a atapetarem o chão ; dentro em pouco, só ficarão os troncos nus, a projectarem no azul do céu os seus esguios esqueletos negros. Disse — folhas mortas ; -- assistimos, com effeito, ao funeral da vegetação de um anno inteiro, embora o quadro apresente esmaltes de alegria... Feliz terra esta, onde até a morte é galhofeira!...

Aqui, em Minô, o povo japonéz acode em chusma ; elle que, á lista das suas esplendidas florescencias, — de

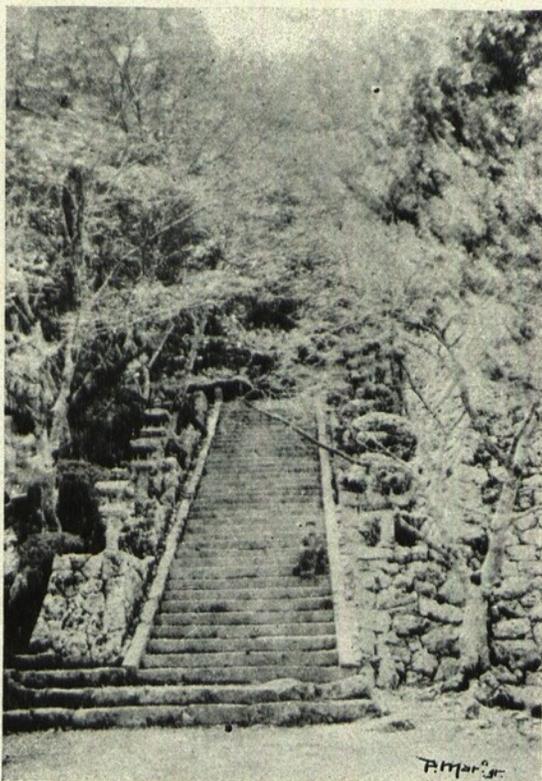


UMA HOSPEDARIA EM MINÔ

ameixieiras, de cerejeiras, de glycinias e varias outras, — junta as folhas es-carlates de *momiji*, como se as folhas fossem flôres; preferindo talvez ás flôres as folhas. A chusma vem de longe, cada qual no seu *kuruma*, o carrinho puxado por um homem, que n'este sitio, por usança local, é ajudado por um cão. A gente apêa-se quando a azinha-ga, que se empina, deixa de ser acces-sível ao vehiculo. Segue-se então a pé, de passeio, contornando o precipicio. Ao longo do caminho, estende-se uma fila interminavel de cosinhas de comida, onde a chusma abanca, e vendas, im-provisadas, de mil bagatelas graciosas. Em alguns poisos, vão frigindo em azeite, sobre caçarolas, as folhas seccas de *momiji*, passadas previamente por uma pasta doce e farinhenta; e o povo compra e come. Já, na epocha das flôres de cerejeira, se prepara um chá ou infusão d'estas flôres, que o povo compra e bebe. Denota isto que esta gente

se apraz em comer e em beber aquillo que vê com alegria; curiosa afinidade entre a lingua e o olhar, a qual, se não é quasi barbara, é pelo menos quasi infantil, quasi animal, lembrando o gesto do menino, que leva á bocca tudo em que se interesse, lembrando o gesto do cão, que lambe as mãos do dono. (Talvez o beijo europeu, considerando-o como a expressão summaria e polida da dentada, se possa filiar na mesma ordem de phenonemos.)

Varios incidentes do scenario vão attrahindo a attenção de peregrino. Aqui é a ponte rustica, atravessando a quebrada sobre um grupo de pedregulhos, vendo-se em baixo o charco de aguas glaucas; além é a velha escadaria que conduz ao templo de Benten, a deusa das riquezas; outros templos se seguem; tudo isto enfeitado pela lenta acção dos seculos, que vestiram de musgos as pedras, que espalharam e



CAMINHO PARA O TEMPLO DE BETEN

fizeram crescer por toda a parte relvas e arvores, em cuja companhia serena o japonês se sente bem, lembrando-se por certo do proverbio que diz: *Kusaki wa hito no saga wo iwan*, — as plantas não se occupam em mexericar das vidas alheias. — E a scena termina naturalmente, quando as duas margens do precipicio se unem, se fundem, formando um alto paredão de rochas e



CASCATA DE MINÔ

verdura, agora salpicada de rubros, e cahindo de cima a agua em cascata.

Antes de pôr termo ao assumpto dos *momiji*, talvez não venha fóra de proposito a citação de alguns exemplos de poesia popular, do *fólklore*, sempre tão digno de consulta em qualquer caso que se estude.

A seguinte *uta* (poesia) dá bem ideia do interesse que desperta a curiosa coloração.

Aki ó-matsu
Hito ó-mayowasu,
Momiji kana!...

A traducção approximada... e de pé quebrado, é como segue:

Quando vem vindo o outomno,
Quanto alvoroço se sente!...
— Ancia d'ir vêr, nas florestas,
O *momiji*, em rama ardente!...

Cito outra *uta*, que exprime o mesmo sentimento, mas ainda mais intensamente. Note-se que, durante os frios, os aldeões usam muito de cobertores vermelhos, á laia de capotes. Nas cidades, o termo *akaghetto* (cobertor vermelho) é mesmo synonymo gracioso de aldeão, de camponez. A *uta* accusa a suggestão, o contagio do rubro, provocado pelo esgazeamento do espectáculo:

Momiji mini,
Hito mo de kakèru
Akaghetto!...

Traducção:

Corrâmos a vêr nos bosques
O *momiji* avermelhado.
Levo suspenso dos hombros
Um cobertor encarnado!...

As diferentes tonalidades das folhas de *momiji*, passando por mil gradações na quadra outomnal, suggerem a esta gente a idéa de duvida, de indecisão em julgar um factó. Diz uma *uta*:

Eu ao certo não percebo
O sentir do meu amor;
Vário em supposições,
Como o *momiji* na côr..

Outras vezes, o *momiji* traduz a volubilidade, a inconstancia de character; em contraste com o pinheiro, cuja rama persistente, em qualquer epocha do anno, retém a mesma côr. Diz outra *uta*:

Muda de côr o *momiji*,
Tu tambem és variante.
Eu sou qual verde pinheiro,
No mesmo verde constante.

Kobe, novembro de 1906.

WENCESLAU DE MORAES.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II—O PAIZ

II

BATALHA



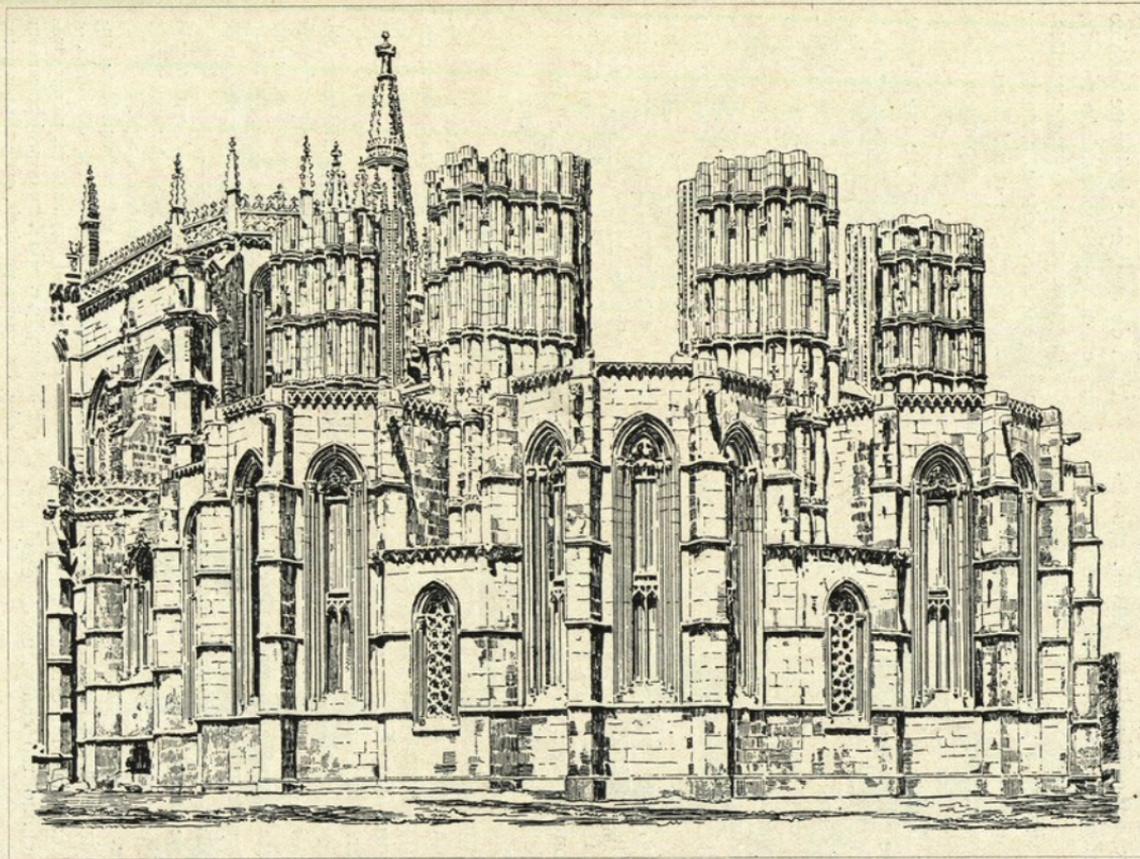
ESTAS campinas foram em tempos theatro das luctas dos portugêses pela existencia do seu paiz, das quaes conservam vestigios. E assim como a fundação do mosteiro de Alcobça encontrou a sua origem na victoria alcançada sobre os mouros pelo primeiro dos seus reis, o mesmo succedeu com o da Batalha (1) o qual, distante poucas milhas para o Norte, é uma commemoração da importante batalha de Aljubarrota; a limitada planicie onde se deu esta, permeando entre um e outro

mosteiro, ostentou outr'ora o unico monumento, que lhe restava desde tempos remotos, o formoso pelourinho de estylo gothico, desaparecido desde longa data; o nome, porém, resulta-lhe do dia da batalha, 4 de agosto de 1385, na qual a independencia d'este pequeno paiz foi conquistada para sempre em lucta contra o poder oppressor dos hespanhoes, pela galhardia de suas hostes e o valor cavalheiresco de um dos seus mais excelsos principes, cujo nome tão estreitamente anda ligado á historia de Portugal.

O mosteiro da Batalha, denominado Santa Maria da Victoria, foi unica e exclusivamente fundado como tributo de gratidão offerecido a Deus por elrei D. João I, pelo prospero resultado da batalha, ferida no dito valle. O conjuncto do monumento foi, a um tempo, disposto e destinado pelo mesmo rei para servir de mausoleu da casa de Aviz, por elle levantada a tamanha dignidade e cujos membros, com excepção dos ultimos, que encontraram logar de re-

(1) J. Murphy, *History and description of the royal convent of Batalha*. London, 1792.

Visconde de Condeixa, o *Mosteiro da Batalha em Portugal*. Lisboa, Paris 1889, obra recente, illustrada com photogravuras, tratando da tão sumptuosa estructura, e a qual, acompanhando textualmente, por assim dizer, a obra de I. de Vilhena Barbosa, nada nos diz de novo, mas que, ainda assim, imprimiu ao conjuncto maior desenvolvimento. Oxalá tão primorosos trabalhos viessem a encontrar continuador.



CONVENTO DA BATALHA.— LADO ORIENTAL DA EGREJA COM AS CAPELLAS IMPERFEITAS

pouso em Belem, ali jazem sepultados.

O nucleo primitivo do mosteiro consiste na egreja de tres naves, nas dependencias d'esta, a tão maravilhosa e ina capella do fundador, quadrada, situada a sudueste, e do espaçoso claustro com seus annexos, casa do capitulo, refeitório, etc., etc.; immediatamente a estes trabalhos seguir-se-hia, sem duvida, a breve lance, quando não fosse planeado desde a origem, situado no eixo principal por detraz das cinco absides do côro, o edificio central das capellas imperfeitas, assim chamadas, pelo facto de, havendo sido principiadas a construir, ha quatro seculos, se acharem ainda hoje por concluir. Que esta construcção, desde o inicio, seria destinada para o verdadeiro mausoleu dos futuros membros da Casa de Aviz, cuja primeira geração encontrou lugar na capella do fundador, pode deduzir-se do facto de haver D. Duarte, filho e successor de D. João I, recommendado no seu testamento, datado de 1438, a continuação da dita estructura ainda incompleta aos seus successores (1). Esta hypothese encontra confirmação nas particularidades estylisticas do conjuncto.

Com quanto a tradição portugêsa aponte como primeiro mestre da obra do mosteiro a um certo Affonso Domingues, do qual, na fé dos documentos, se encontra noticia até 1402, anno em que consta haver fallecido, não obstante, as mencionadas construcções e, sem irmos mais longe, a parte inferior das capellas imperfeitas, apresentam um cunho tão conspicuo do estylo in-

glês que não é licito duvidar de haver sido seu auctor um individuo inglês de nação (1).

Além de que, este brilhante gothico inglês encontra-se tão insulado no paiz, tão sem precedentes ou consequentes, que a propria hypothese, adduzida por Vilhena Barboza, de que Affonso Domingues poderá ter completado a sua educação na Inglaterra, — constituindo aliás exemplo unico, — se me afigura de absoluta inverosimilhança. E de mais, como a planta é absolutamente inglêsa, a nave perpendicular e a transversal, ambas identicas ás da cathedral de Canterbury, e apenas sem torre; e attendendo a que os edificios circulares ao modo das capellas imperfeitas não são raros em Inglaterra (como por exemplo, em Lincoln), e no proprio eixo maior, por detraz do côro (exemplo identico á assim chamada corôa de Beckett em Canterbury): e ainda á elaboraçãõ do conjuncto no mais cons-

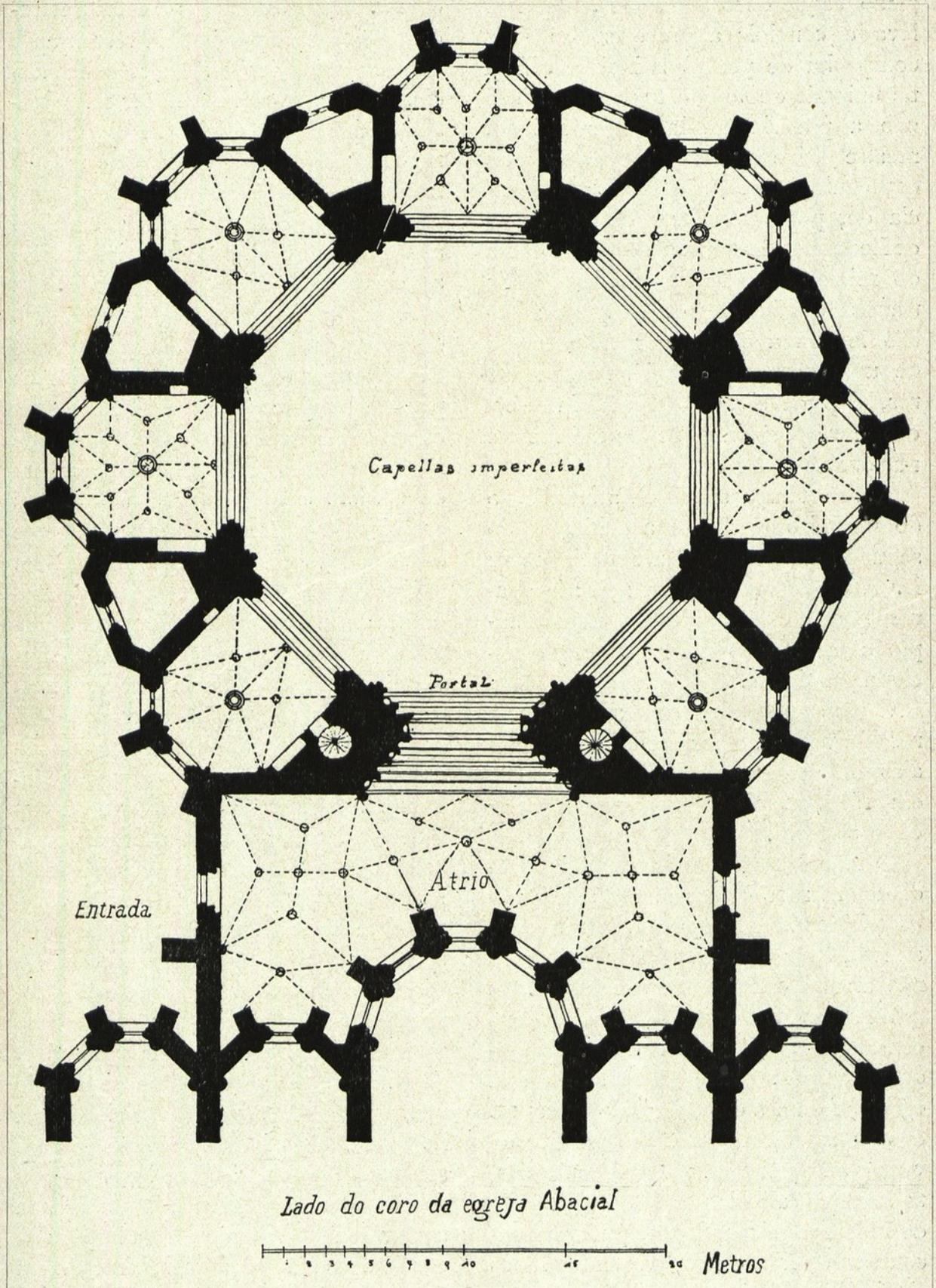
(1) O parentesco existente entre a architectura da fachada, não falando nas proprias minudencias ornamentaes, e por exemplo, os rendilhados da cathedral de York, fere desde logo a vista.

Infelizmente, porém, o aliás intelligente visconde de Condeixa esforça-se por encontrar toda a casta de afinidades alheias a esta; pois conclue, do eirado chato, de pedra, o apresentar parentesco aos monumentos ecclesicos de Chypre, e a outras edificações.

Nem precisava ir tão longe. A construcção de pedra dos terraços havê-la-hia encontrado em Evora tal qual se encontra aqui.

As superabundantes galerias rendilhadas antolham-se-me como altamente duvidosas, e muito em especial fundando-me na approvação de Murphy, e, pelo facto de projectarem em todos os logares possiveis, onde tempos antes se não divisavam, patenteiam-me o serem uma lucubração posterior. Prejudicam horridamente o conjuncto, reforçando o aspecto inglês de ferro fundido da mais desagradavel maneira.

(1) Vilhena Barbosa, *Monumentos*, etc., pag. 49.



PLANTA DAS CAPELLAS IMPERFEITAS DA BATALHA

picuo estylo decorado inglês, tudo isto leva a concluir a presença de uma companhia de pedreiros ingleses. Uma tal unidade de conjuncto na elaboração não a poderia um individuo isolado, mestre dirigente, muito embora, jamais conseguir. Accresce ainda a circumstancia de, por intervenção de D. Filippa de Lencastre (Lancaster), esposa inglesa do rei D. João I, a planta haver sido traçada em Inglaterra, e a sua realização levada a effeito por um membro de uma corporação inglesa de pedreiros, é possível que debaixo da direcção e responsabilidade de um mestre nacional.

A seu tempo seguiu-se a ampliação do mosteiro mediante a edificação do segundo claustro, durante o reinado de D. Affonso V, cerca de 1450: inteiramente em estylo simples e severo, exemplo característico porém do estylo nacional da época.

O mosteiro alcançou a conclusão respectiva com o accrescentamento das alas lateraes, nos tempos de João III, em 1551, as quaes abrangem um terceiro claustro.

O lanço atraz mencionado foi incendiado em 1810 «pelos alliados» de França (sic) como exemplo do seu ardente affecto, e no acto de desabar por pouco não arrasta comsigo o dito claustro. Os primorosos sarcophagos dos reis e seus consanguineos, tanto na capella do fundador como no restante mosteiro e na igreja, foram n'essa occasião quasi todos violados e o conteúdo espargido ao vento ou queimado; egualmente destruíram os alliados sob o commando de Massena (sic) tudo que puderam encontrar a geito, como, por exemplo, as riquissimas alfaias da capella do fundador e respectivos altares, na sua totalidade, e assim por diante, e a propria

egreja. Alguns vestigios d'estes destroços foram removidos pela restauração emprehendida desde 1840, cujo fito principal tem sido o restabelecer na primitiva nudez a obra original, e a incongrua reintegração de um acervo de balaustadas rendilhadas e corucheus no exterior, que nunca ali haviam existido, assim como o completar minudencias architectonicas em pequena escala.

A parte do edificio que mais particularmente nos interessa, é aquella amiude designada mausoleu dos reis, situada por detraz do côro da igreja, isto é, as capellas imperfeitas. Com a abbadia de Belem e o côro da igreja do convento de Christo em Thomar constituem as capellas imperfeitas a mais refulgente estrella tripontina do estylo manuelino.

Conforme acima notámos, os fundamentos da imponente estructura central foram lançados por el-rei D. Duarte, obra que aliás não havia sido planeada desde a primitiva; visto como el-rei D. João I com sua esposa e, conjunctamente, os seus filhos mais novos encontrou na capella do fundador um sumptuoso tumulo, condizendo em absoluto á igreja, não deixando ali, comtudo, logar para seu filho e successor D. Duarte. Este ultimo foi pois deposto provisoriamente na abside principal da igreja e quizera encontrar o seu definitivo logar de repouso no edificio central, muito mais sumptuoso, por detraz do côro. Semelhante disposição deve de ter sido planeada ainda durante a vida d'el-rei D. João, aliás haveriam deixado para seu filho primogenito um logar na primeira. Por este motivo foi a arcada transversal occupando toda a largura da igreja e do mausoleu accrescentada em data mais recente, ahi pelas immedições de 1500, visto como, para sua consecução, os pilares esteio da abside

principal foram visivelmente reduzidos em largura e parcialmente cerceados; e, afim de evitar o enfustamento lateral reportando-o sobre os massiços pilares da capella, ergueram uns arcobotantes de proporções colossaes, aliás por concluir. Assim, pois, é de suppôr que, originariamente, ligasse apenas a entrada do côro com o mausoleu uma estreita entrada, se é que effectivamente existiu semelhante ligação.

Os pormenos estructuraes e respectiva ornamentação estylistica da parte inferior do mausoleu, incluindo a cimalha, ficaram concluidos até ao fallecimento de D. Duarte (1438). A despeito das disposições testamentarias d'este monarcha, D. Affonso V, o *Africano*, durante o seu reinado de quasi meio seculo, e reinado que elle havia antecipado de cinco annos, attribulados de guerras e perturbações; principe soberbo e de indole irrefreavel é de suppôr que pouco ou nada pensasse em o completar. A construcção proseguida durante o seu governo, sem o seu auxilio, provavelmente, do segundo claustro, haverá sido mais onerosa para os inquilinos do mosteiro do que a do jazigo sepulcral do monarcha. E n'essa conformidade, tanto elle como a consorte vieram a encontrar sepultura temporaria, de madeira, na qual se conservam ainda, na sumptuosa sala do capitulo do mosteiro, e ali repousa elle ainda hoje desde 1481.

Seu filho e successor D. João II teve, no espaço de um reinado apenas de quatorze annos, que lutar com as consequencias dos desmandos paternaes e mais que fazer do que pensar na propria morte e no proprio jazigo. Quando, em 1491, o mallogrado principe D. Affonso, seu herdeiro, na flôr da juventude veiu igualmente a ter o seu jazigo

provisorio na mesma sala do capitulo, não deixaria de lhe haver sido estreneamente evocada, e muito em especial pela sua tão insigne consorte, D. Leonor, irman do excelso rei D. Manuel, a lembrança do legado de seu avô e a consciencia da nullidade humana, visto como d'ali em diante a continuação dos trabalhos foi emprehendida com vigor e actividade.

E assim se conclue, sem duvida, pois desde então a tradição aponta como sendo a primeira fundadora das capellas imperfeitas a rainha D. Leonor.

O provector Matheus Fernandes, que para ali se transferiu de Santarem, na data de 1480, deve ter sido encargado do proseguimento d'aquelles trabalhos, na mesma época, porquanto, até então, se presume haver trabalhado extensivamente, na qualidade de mestre da obra das edificações do mosteiro, seguindo o commodo trilho de seus antecessores, circumstancia que aliás se manifesta de modo ininterrupto.

A planta do edificio existente áquella data patenteia, como area mediana, um espaçoso octogono com 20 metros em largura. Agrupam-se a este, áquem da entrada, sete capellas com 8^m,70 de profundidade e com um remate de tres faces.

No intervallo dos angulos agudos aggregam-se-lhe ainda umas capellas, pequenas e baixas, apresentando externamente tres lados de um octogono, havendo algumas de fôrma pentagonal. O conjuncto mede exteriormente em diametro uns 40 metros.

Esta construcção foi elaborada em primorasas fôrmas do gothico-inglês até á abobada das sete capellas, com esbeltas janellas e elegantes botareus, isenta porém de ornamentação, além da que lhe imprime o formoso material, branco

como o proprio marmore, da macenaria rendilhada das janellas e dos sumptuosos frisos dos arcos das capellas. O lado da entrada deve ter apresentado um portico singelo, ligado provavelmente á abside principal da igreja mediante um passadiço. Todavia, a disposição do eixo da capella tumular d'isso não apresenta o minimo vestigio.

Obra encetada com primor e elegancia taes era votada a vir ser a joia mais insigne e sumptuosa da nova era. Com o ascenso ao throno do irmão estremecido tanto a irman, a quem elle, em parte, era devedor da corôa, como os planos da mesma adquiriram novo vigor, tanto mais visto como o juvenil monarcha, piedoso a par do seu antecessor, esposou incondicionalmente as suas vistas.

Elle, na sua porvindoira fundação predilecta em Belem nem se quer pensaria ainda, e por isso, concentraram-se aqui as forças todas, no sentido de realizar uma obra de peregrino encanto.

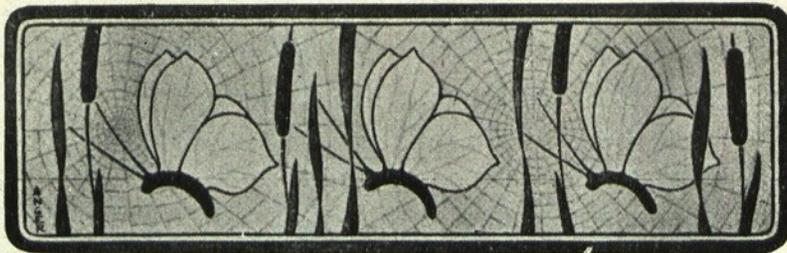
E' de presumir que haja sido Ma-

theus Fernandes o artista que o ajudou a satisfazer um tal desejo.

E' fora de duvida o haver sido planejado na primitiva um corpo superior oitavado, tal qual o ostenta a capella do fundador, mas não apresentando impressão tão conspicua de altura vertical. Além de que, a abobada de artezãos não nasceria a maior altura do que a da actual cornija precintando o interior; nos oito arcos de resalva existentes foram pois abertas as janellas para distribuirem a luz alta, destinadas provavelmente a preencher o fim de rosaceas. A hypothese de vir a coroar o conjuncto uma pyramide octogonal, á similhaça da que (segundo Murphy) haverá servido de remate á capella do fundador, anteriormente a 1757 — do que eu duvido —, é de absoluta incerteza.

E demais, quer-me parecer que o eirado de pedra, de leve inclinação, constituido por poderosas lagens de marmore, assentes directamente sobre a abobada e cobrindo, hoje em dia, quer a igreja quer a propria capella, corresponderia á primitiva intenção.

(Continúa.)



Edgar Prestage

DAMOS hoje o retrato de Edgar Prestage, outro amigo de Portugal no estrangeiro, e dos mais illustres. O distinctissimo escriptor inglez, que tanto bem quer á nossa lingua e á nossa patria, não ha muito que se consorciou com uma filha, por muitos titulos gentilissima, da eminente escriptora, que tanto honra a litteratura portugueza, sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

As publicações de Edgar Prestage são as seguintes: — Versão para inglez das *Cartas* de Marianna Alcoforado, com o texto francez da 1.^a edição, introdução e lista das traducções inglezas. Edição de Londres, de 1893. Este livro teve segunda edição em 1897, e 3.^a em 1903.

Sonetos, de Anthero de Quental. Londres, 1894. Traducção em verso de 64 sonetos escolhidos, com uma introdução

e a auto-biographia de Anthero. Edição artistica, com um bello retrato do poeta.

Chronica de Gomes Eannes de Azurara, 2 volumes. Londres, 1896-9. Retrato do infante D. Henrique, mappas com introdução e notas. — Versão ingleza da *Chronica da Guiné* (em collaboração com R. Beazley).

O Suave Milagre, de Eça de Queiroz. Londres, 1904; 2.^a edição, 1904; 3.^a edição, 1905. Traz uma copia da aguarella de El-Rei.

O Defunto, de Eça de Queiroz. Londres, 1906. Traz uma reproducção do monumento ao insigne romancista, levantado no Largo do Quintella.

Além d'estes livros, ha traducções feitas por Edgar Prestage de varias poesias de Camões, Antonio Ferreira, Garção, Diniz, Bocage, Rodrigues Lobo, Guerra Junqueiro, etc., espalhadas por jornaes



EDGAR PRESTAGE

inglezes. E. Prestage tambem verteu para inglez o *Fr. Luiz de Sousa*, de Garrett, de que publicou alguns trechos num opusculo em 1900. Em 1905 saiu outro opusculo seu intitulado *D. Francisco Manuel de Mello*—um ensaio sobre a vida e escriptos do celebre seiscentista. Algumas revistas inglezas trazem notas biographicas sobre E. Prestage.

*
* * *

O illustre escriptor, que ha mais de vinte annos tam carinhosamente se vem interessando pelas cousas portuguezas, nasceu em Manchester, em 1869. Foi educado em Radley e na universidade de Oxford. Conhece perfeitamente a nossa lingua, e as traducções que nos dá são modelares; nellas sempre se espelham

os seus altos dotes de poeta e de artista delicado e impressivo. A prosa de Eça de Queiroz e os versos de Anthero ahi estão admiravelmente vertidos, sem que os primeiros percam a sua pureza e a sua profundidade, sem que as paginas inimitaveis do excelso prosador se turvem na sua incomparavel graça, na sua leveza,—no seu humorismo ou no sonho que por vezes nellas esvoaça.

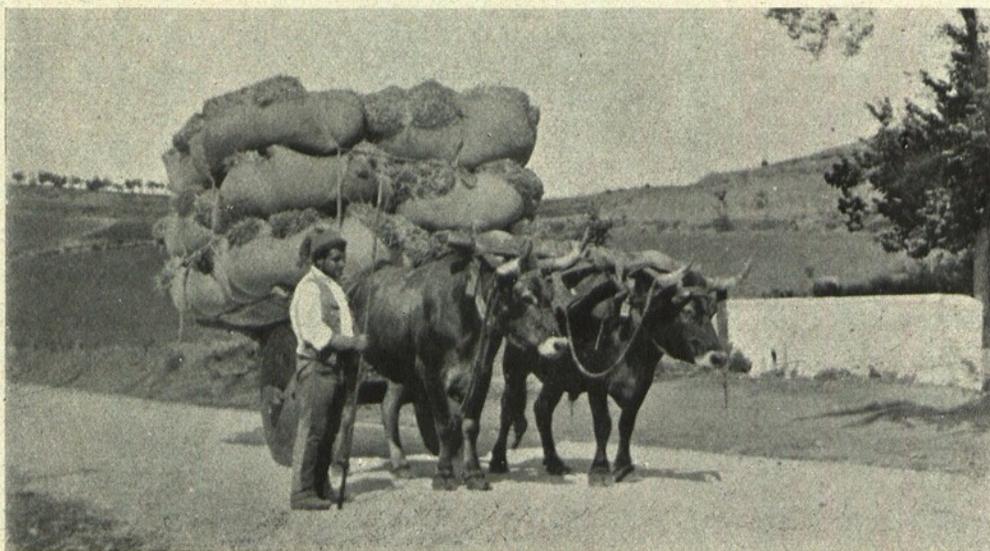
Os *Serões*, abrindo ha tempos uma galeria de «Amigos de Portugal no estrangeiro», não podiam deixar de referir-se a Edgar Prestage, a quem as nossas letras tanto devem, e que veio aqui encontrar na sua noiva, além da bondade e da belleza, as nobres tradições litterarias de seus paes — o alto poeta das *Miniaturas* e dos *Nocturnos*, e a notabilissima escriptora de tantas obras primas.

J. B.



Quarto concurso photographico dos SERÕES

MENÇÃO HONROSA



NA FAINA

(Photographia de Antonio Rosa da Silveira, de Lisboa)

A lenda

DO

Canzarrão

Summario dos capitulos I a XII

Sherlock Holmes, o tão celebre DETECTIVE é, segundo o costume, visitado pelo doutor Watson, seu fiel «achates». Este repara em uma bengala, esquecida ali na vespera por um consulente, e trava-se entre elle e Holmes uma discussão acerca da personalidade do individuo. — Lévam a melhor, como sempre, as faculdades de hermeneutica de Sherlock Holmes e, n'este comenos, comparece o visitante, um medico rural (o doutor Mortimer) que vem submeter ao tão preclaro policia amador um caso deveras mysterioso. — O cão dos Baskervilles — caso tragico envolvendo a morte de um dos solarengos da mansão de Baskerville, e a praga que paira sobre os representantes de tão nobre familia. — Leitura do manuscrito autografo do successor da victima, e do artigo de um jornal mencionando outro caso tragico succedido a um membro mais recente da mesma familia, herdeiro actual do Solar. — Discutem os tres o assunto. — Surpreza. — Declaração sensacional do doutor Mortimer. — O problema. — Discutem-n'o Holmes, Watson e Mortimer, o consulente. — As pégadas da victima; indicios contradictorios. — Volta á tela a LENDA DO CÃO FANTASMA. — Caso cada vez mais intrincado. — Mortimer annuncia a existencia de um herdeiro, prestes a tomar posse do solar de seus maiores. — A sollicitações de Holmes promete voltar e apresentar-lhe o novo baroneto. — Holmes pede 24 horas para estudar o caso. — Volvidas 24 horas de solidão, vapores de tabaco, e contemplação do lume na lareira, tem-se orientado no mappa regional e esboçado vagamente o seu plano de campanha. — Volta Mortimer acompanhado pelo novo herdeiro. — Nôvos mysterios: a carta de aviso em letras de imprensa. — O sumiço da bota. — O doutor Mortimer conta a sua historia ao baroneto. — Saem ambos e atrás delles, acto-contínuo, Holmes arrastando consigo Watson. — Encontro inesperado. — O espião de trem (o homem das barbas). — Os dois amigos seguem-lhe a pista. — Esforço baldado, some-se o espião. — Novo expediente: emissario. — Em cata da pagina do TIMES. — Pesquisas. — A bota trocada. — Peripecias. — O barometro resolve transferir-se para a mansão. — Novas indagações de Sherlock Holmes. — Telegrammas. — E' interrogado o doutor Mortimer com respeito ás circumstancias incidindo com a herança e ás personagens interessadas na desaparição dos herdeiros. — Reapparece a bota nova. — Some-se a outra. — Holmes nega-se a acompanhar a sir Henry e faz-se substituir pelo seu ALTER EGO, doutor Watson. — Resposta a telegrammas. — Interrogatorio do cocheiro do CAB. — Resultado inesperado. — Peripecia faceta: — O duplo Sherlock Holmes. — Mais um fio que quebra. — Jornada para a mansão. — Recepção do novo senhor. — Os conjuges Barrymores. — Uns soluços mysteriosos. — Watson tenta esclarecer o misterio. — Interrogatorio do mordomo. — Resultado infructifero. — Suspeitas. — Governante lugubre. — Pesquisas. — Encontro imprevisto: o naturalista. — Os perigos da charneca. — O sorvedeiro. — Berro mysterioso. — Habitações pré-historicas. — Surpreza sobre surpresa: a beldade do brejo. — Aviso inesperado. — Apreensões tetricas. — Amores do baroneto. — Visitas aos logares sinistros. — Novo misterio: a sombra nocturna. — A luz accusadora. — Watson surprehe o baroneto em colloquio amoroso com a irmã do naturalista. — Scena violenta entre este e sir Henry. — Confidencias do baroneto ao seu amigo: discutem ambos a attitude de Stapleton. — Este dá explicações, que concorrem a erguer uma pontinha do veu do mysterio. — Watson e o baroneto passam a noite de véla tentando encontrar a chave do enigma das rondas nocturnas do mordomo. — Barrymore surpreendido em flagrante — Telegrapho nocturno: a luz na janella e a luz na charneca. — O mordomo nega-se a dar explicações. — Intervem a governante, e declarações desta: o facinora a monte pela charneca. — Sir Henry e o doutor saem a dar caça ao presidiario. — Subita apparição. — Corrida desatinada em perseguição do facinora. — Nova surpresa: o vulto mysterioso surgindo na fraga. — O mordomo ministra explicações importantes quanto á morte de sir Charles: a carta reveladora. — As iniciaes do signatario. — Mortimer encontra-lhe a solução. — Mistress Laura Lyons, a dactylografa de Coombe-Tracey. — O doutor Watson vae a Coombe-Tracey conferenciar com mistress Laura Lyons, a signataria da carta fatal, mas não consegue esclarecer o mysterio que envolve os dramas sinistros do solar. Aventura-se a fazer pesquisas na charneca em busca do espião da fraga. — Encontro fortuito. — Um typo curioso. — Frankland, o demandista, e o seu telescopio. — Mais um indicio; o garoto suspeito pairando pelo descampado. — Watson reassume as pesquisas. — O coio do espião. — Lance palpitante, a sombra do malfeitor? — Surpreza das surpresas. — Sherlock Wolmes! Este discute as hypotheses referentes ao auctor do crime e indigita o naturalista. — O berro do cão mysterioso e o grito de angustia. — O cadaver de sir Henry? — Crime ou accidente? — O dedo da Providencia: o assassinado não é o baroneto, mas sim o proprio facinora. Acode o naturalista a verificar o obito. — Decepção do malvado ao dar pelo equivoco. — Watson e Holmes recolhem ao solar a intender-se com o baroneto e a expor-lhe o seu plano de acção.

CAPITULO XIII

O lançar da rede

Sir Henry manifestou-se mais agradado que surpreso ao vêr Sherlock Holmes, pois estava á espera, dias havia, de que os acontecimentos recentes o demovessem a vir ter conosco. Arregaçou as sobranceiras, não obstante, ao verificar que o meu amigo nem trouxera bagagem nem lhe apresentava qualquer explicação da sua ausencia. Entre ambos suprimos a este as urgencias, e em seguida, enquanto despachavamos a retardada ceia eu e Holmes expusémos ao baroneto as circunstancias dos factos presenciados que julgámos conveniente transmitir-lhe.

Antes, contudo, coube-me o desaprazível dever de comunicar a triste nova da morte de Selden a Barrymore e á consorte. Para elle, representaria isso completo allivio, ella, contudo, ensopou em lagrimas o avental.

Selden, para toda a gente, era o homem truculento, metade féra e metade demonio; para ella, todavia, ficou sempre sendo o garotête senhor da propria vontade da sua meninice, a criança que ella trazia pela mão. Mal vae ao homem, na verdade, que não tem uns olhos de mulher que vertam por elle uma lagrima.

— Tenho andado como um estranho por estes casarões desde que o Watson saíu, esta manhã, declarou o baroneto. Quer-me parecer que me portei menos mal, visto que cumpri o prometido. Não tivesse eu jurado não pôr pé sósinho fóra de casa, e haveria passado uma noite mais divertida, pois recebi um convite do Stapleton para ir entreter com elle um bocado de serão.

— Não ponho duvida em que teria passado uma noite mais aprazível, acudiu Holmes com sequidão. — A proposito, palpita-me que nos não levará em conta o havermos estado a carpir o seu azar pelo facto de ter partido a cabeça?

Sir Henry esbugalhou os olhos.

— Como assim!?

— Aquelle pobre diabo estava vestido com o seu fato. E tenho minhas apreensões de que o seu creado que lh'o deu, se arrisca a ter o seu tráva-contas com a policia.

— Não é provavel. Não tinham sinál algum distinctivo, que me lembre.

— E' o que lhe vale — e, com effeito, é uma fortuna para todos, cá em casa, — pois todos

se acham em contravenção com a lei neste negocio. E pela parte que me toca, na qualidade de *detective* consciencioso, verdade, verdade, o dever impunha-me o dar voz de prisão ao pessoal do solar, por atacado. Os relatorios do nosso Watson são documentos que altamente os crimnam.

— Mas que ha com respeito ao caso? indagou o baroneto. Conseguiu desvencilhar algum tanto a meada?

A meu ver, nem eu nem o Watson adiantámos muito desde que cá estamos.

— Creio achar-me habilitado a aclarar-lhe um tudo-nada a situação dentro em breve lapso de tempo.

O negocio saiu-se-me complicadissimo e todo elle difficuldades. Existem pontos ácerca dos quaes estamos ainda ás escuras — mas vem vindo a luz, em todo o caso.

— Inteirámo-nos de uma circumstancia importante, e o Watson não deixaria de lh'o contar. Ouvimos o cão lá na charnéca, e portanto, já posso jurar que não é superstição balofa. Tive meus dares e tomares com a canzoada, quando andei lá para essas terras do Poente, e não lhe confundo a voz quando os oiço. Se tiver artes de açamar a este e acorrentá-lo, estou pronto a jurar que é o mais abalizado policia de quantos hajam exercido a profissão.

— Tenho a convicção de que conseguirei açamá-lo e acorrentá-lo de vez, se o senhor quizer ajudar-me.

— Farei quanto me disser, tenha a certeza.

— Muito bem; e pedir-lhe-ei ainda o fazê-lo de olhos fechados, e sem perguntar motivos.

— Será tudo á medida dos seus desejos.

— Procedendo deste modo ousou crer que ha probabilidades de vir a ser resolvido dentro em breve o nosso problêmazinho. E não ponho duvida...

Estacou de golpe e pegou a olhar a fito para o espaço por cima do meu hombro. Batia-lhe no rosto, de chapa, a luz do candieiro, e tão intensa era a expressão, e tão inane, que dir-se-ia cortado cerce de uma estatua classica, personificação da vigilancia e da espectativa.

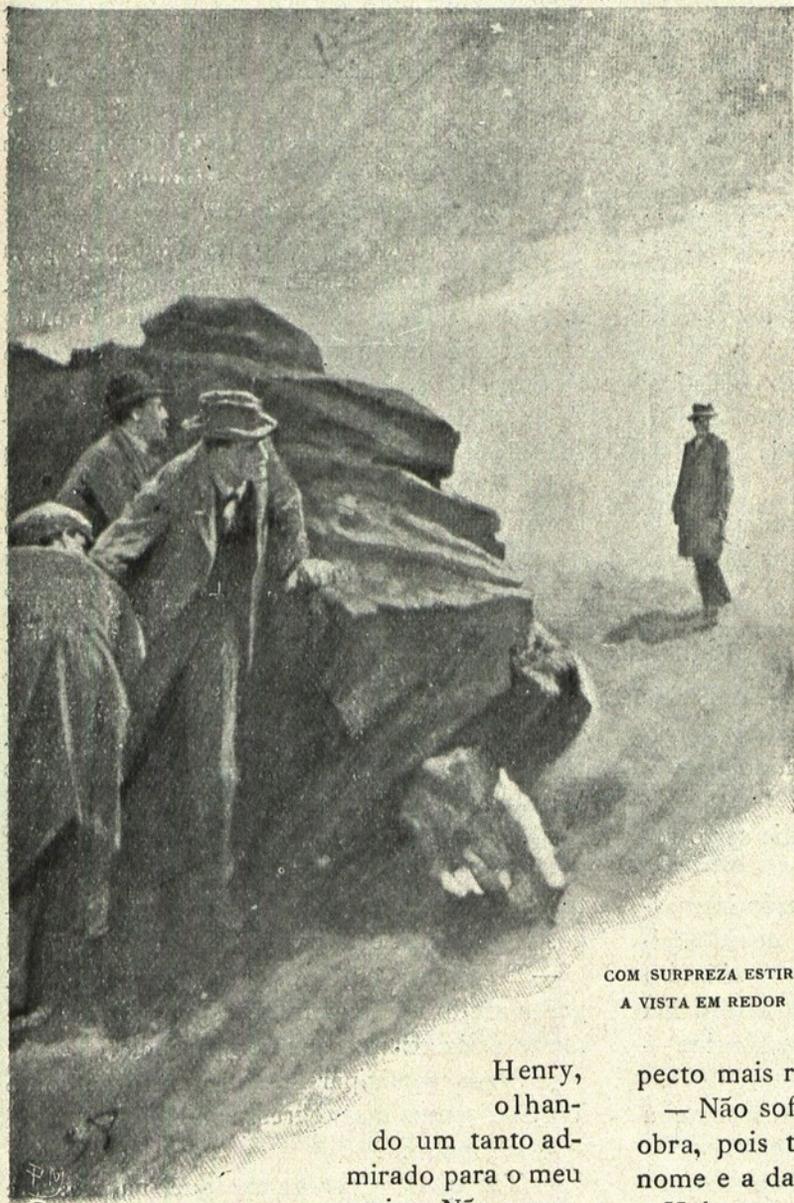
— Que foi? — exclamámos a um tempo.

Logrei perceber, quando declinou a vista, o estar sopitando a qualquer commoção intima. Denunciavam ainda compostura as suas feições, os olhos, porém, lucilavam de logrativa exaltação.

— Queiram desculpar a admiração de um

intendedor, emitiu a accionar com a mão no sentido da correnteza de retratos que cobriam a parede fronteira. — O Watson não quer ouvir dizer que eu intenda alguma coisa a respeito de arte, mas é a inveja que o faz falar, pois divergem de todo nossas opiniões a tal respeito. Palavra, é uma serie de magnificos retratos.

— Estimo ouvi-lo falar assim, replicou sir



COM SURPREZA ESTIROU
A VISTA EM REDOR

Henry, olhando um tanto admirado para o meu amigo. Não presumo de intender

muito a respeito desses assuntos, e tenho-me na conta de melhor juiz de cavallos ou de veados que de quadros. Estava longe de supôr que lhe sobejava tempo para se ocupar dessas coisas.

— Sei distinguir o bom sempre que se me depara, e deparou-se-me neste ensejo. Estou

vendo daqui um Kneller (1) i-lo-ia jurar, aquella senhora, além, com um vestido de seda azul, e aquelle cavaleiro nutrido, de cabeleira, é um Reynolds, (2) por mais que me digam. Tudo retratos de familia, presumo eu?

— Do primeiro ao ultimo.

— Sabe-lhe os nomes?

— O Barrymore tem andado a iniciar-me a esse respeito e ousou crer que posso dar menos má conta do recado.

— Quem é aquelle cavaleiro de oculo em punho?

— Aquelle é o contra-almirante Baskerville, que serviu ás ordens de Rodney, nas Indias orientaes. Aquelle, além, da casaca azul e com o rolo de papel è sir William Baskerville, presidente da grande commissão parlamentar, nos dias de Pitt.

— E aquelle cavaleiro, ali, defronte de mim, vestido de veludo preto e com bofes de rendas?

— Ah! quanto a esse, interessa-lhe saber-lhe o nome. Vê ali a causa de todas estas calamidades, o malvado Hugo, que deu origem ao Cão dos Baskervilles. Não é nome que se esqueça.

Contemplei com interesse e assombro o retrato indicado.

— Ora vejam lá! exclamou Holmes — o aspecto é o de um homem de maneiras affaveis, mas julgo lobrigrar-lhe um não sei quê de diabolico no olhar. Fantasiei-o com aspecto mais robusto, e mais mal-encarado.

— Não sofre contestação a autenticidade da obra, pois tem escritos no avesso da tela o nome e a data, 1647.

Holmes pouco mais disse, o retrato daquelle frascario de outras éras dir-se-ia comtudo exer-

(1) Sir Godfrey Kneller, celebre retratista inglês, dos fins do seculo xviii, de origem aleman. — N. do T.

(2) Joshua Reynolds, o grande retratista inglês, do meado do seculo xviii. Fundador da Academia Inglesa de Bellas Artes e notavel escritôr didactico sobre assuntos de Arte. — N. do T.

cer sobre elle fascinação, e não lhe tirou os olhos de cima, enquanto durou a ceia. E só mais tarde, depois de sir Henry haver recolhido ao seu quarto, consegui seguir-lhe o fio aos pensamentos. Obrigou-me a retroceder até á sala dos banquetes, de castiçal em punho, e ergueu a luz á altura do retrato melado pelo tempo.

— Notas-lhe qualquer coisa extraordinaria?

Afirmei-me no immenso chapéu de plumas, na peruca de massacrôcos, no pescocinho de rendas, e no semblante altivo e rispido emoldurado por ambos. Não era uma fisionomia brutal, mas sim affectada, dura, imperativa, com uma bôca de labios contrahidos, delgados e um olhar frio, insofrido.

— Conheces alguém parecido a este retrato?

— O queixo tem um não sei quê do de sir Henry.

— Assim a modos de uns longes, talvez. Mas espera um instante.

Subiu a uma cadeira, e passando o castiçal para a mão esquerda, encurvou o braço direito e tapou o immenso chapéu e os aneis da cabeleira.

— Santo Deus! exclamei assombrado. O rosto de Stapleton como que saltara para fora da tela.

— Ah! agora já vês. Os meus olhos estão adestrados em examinar rostos e não os arrebiques que os enfeitam. E' o predicado mais essencial a um investigador de assuntos criminaes o saber distinguir um individuo através de qualquer disfarce.

— Isto porém é portentoso! Podia ser o retrato d'elle.

— Podia, e representa um exemplo interessante de retrospectão, tanto fisica como espirital. Um estudo de retratos de familia é o bastante para converter um homem á doutrina da reencarnação. O patife é um Baskerville — isso é que não padece duvida.

— Com designios cubiçosos no tocante á successão.

— Sem tirar nem pôr. Este achado do retrato veiu ministrar-nos um dos élos que obviamente nos faltavam. Está-nos na unha, Watson, está-nos na unha, e não se me daria de jurar que amanha, antes ainda do anoitecer o havemos de vêr a espernear na nossa rêde, tão impotente como qualquer das suas borboletas.

Um alfinete, uma rolha de cortiça e uma apara de cartão, e é mais um numero para a collecção de Baker Street!

Prorompeu num daquelles seus raros accessos de hilaridade, ao voltar costas á pintura. Poucas vezes o tenho ouvido rir, e representou isso sempre um ruim vaticinio para alguém.

Pus-me a pé com a luz d'alva, e no entanto, Holmes achava-se já levantado, pois, quando me estava vestindo, o divisei vindo pela vereda, a caminho de casa.

— Não ha que vêr, espero que terêmos hoje um dia cheio, observou, a esfregar as mãos de contente com a expectativa de actividade. As redes estão todas a postos, e o arrasto não tarda a principiar. Ainda antes do anoitecer ficarêmos sabendo se conseguimos apanhar o nosso lucio, taludo, dos queixos de rabeça, ou se o peixe se esgueirou pelas malhas.

— Ja estiveste na charnéca?

— Mandeí participação de Grimpen para Princetown com respeito á morte do Selden. E julgo poder prometer-lhes que nenhum de vocês será incomodado, relativamente ao assunto. Communiquei tambem com o meu fiel Cartwright, que era capaz de se deixar morrer á mingua á porta do meu coio, tal qual um cão agachado na sepultura do dôno, se acaso eu lhe não houvesse socegado o espirito quanto á minha segurança pessoal.

— E, agora, qual o primeiro passo que dar?

— Falar com sir Henry. Ah! elle ahi vem!

— Bom dia, Holmes, emitiu o baroneto. Você está com uns modos de general a planear a batalha com o chefe de estado-maior.

— É essa a situação, sem tirar nem pôr. O Watson estava solicitando ordens.

— E eu igualmente.

— Muito bem. O senhor, segundo me consta, está convidado a jantar com os nossos amigos Stapletons, esta noite.

— E espero que nos fará companhia. É gente muito hospitaleira, e estou certo de que muito estimariam a sua comparencia.

— Sinto participar-lhe que tanto eu como Watson temos que regressar a Londres.

— A Londres?

— Tal qual, e parece-me que, na presente conjuntura, a nossa presença ali será de maior utilidade.

O rosto do baroneto estirou-se um tanto ou quanto.

— Eu esperava que me acompanhassem até vermos o fim a este caso. A mansão e a charnéca não constituem um paradeiro por demais aprazivel para quem se vê sosinho.

— Meu caro amigo, tem que confiar impli-

citamente na minha pessoa, e fazer á risca o que eu lhe disser. Pode dizer aos seus amigos que muito estimariamos acompanhá-lo, mas que um negocio urgente solicitava a nossa presença em Londres. Esperamos estar de

bilhete ao Stapleton a participar-lhe que sentes não poder comparecer.

— Estou tentado a ir com os senhores até Londres, declarou o baronêto. Que fico eu para aqui a fazer, sósinho?

— O dever impõe-lhe não desamparar o seu posto. Lembre-se de que me deu a sua palavra de que cumpriria cabalmente as minhas instrucções. e eu digo-lhe que se deve deixar estar.

— Está dito, visto isso, ficarei.

— Mais outra recommendação. Desejo que se meta no carro e vá até Merripit. Mande embora o carricóche, e dê-lhe a perceber que tenciona voltar a pé, para casa.

— E atravessar a charnéca?

— Tal qual.

— Mas se é isso, justamente, que tanto me tem recommendado que não faça.

— Desta vez póde fazê-lo com segurança. Não tivesse eu a maxima confiança já, nos seus nervos já na sua coragem e não lh'o recommendaria, mas é essencial que assim seja.

— Nesse caso, fá-lo-ei.

— E se tem amor á vida, não atravesse a charnéca em qualquer outra direcção que não seja o atalho que corta a direito desde a residencia de Merripit até á estrada de Grimpen, que é o caminho mais racional para sua casa.

— Seguirei á risca as suas instrucções.

— Muito bem. Desejava abalar daqui logo depois do almoço.

Causou-me assombro e não pouco um tal programma, comquanto me lembrasse daquillo que Holmes tinha dito a Stapleton, a noite passada: que a sua visita terminava no dia immediato. Nem sequer me havia passado pela idéa, contudo, o elle desejar que eu o acompanhasse, nem atinava a perceber como era que podiamos ambos estar ausentes num momento que elle proprio declarava ser critico. Não havia outro remedio, aliás, senão obediencia implicita; assim, pois, despedimo-nos do nosso contristado amigo, e dali a



ERA UM CÃO, UM ANIMAL DE PROPORÇÕES DESCONFIRMES

volta, muito brevemente, ao Devonshire. Peço-lhe que não se esqueça de lhes transmitir este recado?

— Visto que tanto insiste.

— É que não ha outra alternativa, tenha a certeza.

Pelo carregado parecer do baronêto percebi que o melindrara no amago aquillo que a seus olhos tinha o aspecto de uma deserção.

— E quando tencionam retirar-se? perguntou, com frialdade.

— Assim que acabarmos de almoçar. Vamos no carro até Coombe Tracey, mas o Watson deixa cá os tarcos como penhor do seu regresso. Watson, vê se trata de mandar um

duas horas paravamos na estação de Coombe Tracey e despachavamos a nossa tralhoada em viagem de retorno. Estava á nossa espera na plataforma um rapazito.

— Manda alguma coisa, meu senhor?

— Vaes levar esta bagagem á cidade, Cartwright. Assim que chegares, manda um telegrama a sir Henry, em meu nome, dizendo-lhe que, se acaso encontrar a carteira que me esqueceu, m'a remêta registada para Baker-Street.

— Sim, senhor.

— E pergunta 'no escritorio da estação se haverá alguma carta para mim.

O rapaz voltou com um telegrama, e Holmes passou m'ó para a mão.

Rezava o seguinte :

Telegrama recebido. Vou ahi com uma ordem em branco, prisão. Chego 5 e 40 — *Les-trad*.

— E' a resposta ao meu desta manhan.

E' o melhor do officio, a meu ver, e é possível necessitarmos da sua cooperação. Agora, Watson, sou de opinião que não podêmos empregar melhor o nosso tempo do que indo fazer uma visita á tua conhecida mitress Laura Lyons.

O seu plano de campanha principiava a evidenciar-se. Servia-se do baroneto no intuito de convencer os Stapletons de que effectivamente nos haviamos retirado, ao passo que nós, deviamos estar de volta, no instante em que era provavel sermos precisos.

Aquelle telegrama expedido de Londres, mencionado por sir Henry aos Stapletons, desvaneceria a estes de todo as suspeitas.

E eu a vêr já as nossas redes a involverem de perto aquella lucio dos queixos de rabéca.

Mistress Laura Lyons estava no seu escritorio, e Sherlock Holmes encetou a sua entrevista com uma franqueza e uma decisão que a assombraram consideravelmente.

— Ando a investigar as circunstancias que se deram com respeito á morte de sir Charles Baskerville, que Deus tem, declarou. O meu amigo aqui presente, o doutor Watson, informou-me de quanto a senhora se dignou communicar-lhe, e igualmente do que encobriu com referencia ao caso alludido.

— E que foi que eu encobri? — perguntou, desconfiada.

— Confessou haver pedido a sir Charles que estivesse no cancêlo ás dez horas. Sa-

bemos terem sido esses o lugar e a hora da sua morte. Encobriu a ligação que possa existir entre um e outro acontecimento.

— Não existe a minima ligação.

— Visto isso a coincidencia deve de ser de-veras extraordinaria. Mas estou persuadido de que lograremos estabelecer connexão, apuradas as coisas. Desejo usar para com mistress Lyons da maxima franqueza. Consideramos este caso como um caso de assassinio, e a evidencia pode comprometer não sómente o seu amigo senhor Stapleton, senão ainda a propria esposa.

A dama pulou da cadeira. — A... propria esposa! clamou.

— O facto deixou já de ser segredo.

A pessoa que passou por ser irman é na realidade mulher d'elle.

Mistress Lyons voltara a sentar-se. Fincou as mãos nos braços da cadeira, e notei que as rosadas unhas se lhe fizeram brancas com a força da pressão.

— Sua mulher! repetiu. Sua mulher! Mas se elle não é casado!

Sherlock Holmes encolheu os hombros.

— Uma prova! Venha uma prova! E se fôr capaz de a apresentar...!

A chamma ferina dos olhos dizia mais do que quaesquer palavras.

— Vim habilitado a fazê-lo, declarou Holmes, sacando do bolso um masso de papeis. Eis aqui uma fotografia dos conjuges tirada em York ha quatro annos. Está indossada: «Mister e mistres Vandeleur», mas não encontrará difficuldade em o identificar, e a ella egualmente, se é que a conhece de vista. Aqu estão duas descrições, por testemunhas fidedignas, dos conjuges Vandeleur, os quaes, a essa data, tinham um collegio em S. Oliver. Queira lê-las, e veja se acaso poderá duvidar da identidade desta gente.

Ella, correu a vista pelos documentos, depois, olhou para nós, com um semblante rigidissimo, resolutissimo de mulher determinada.

— Senhor Holmes, prorompeu, este homem propôs-me casamento com a condição de eu me divorciar de meu marido. Mentiu-me, aquella vilão, em tudo e por tudo. Não ha uma palavra de verdade em tudo quanto me affirmou. E por quê — por quê? E eu a pensar que era tudo por minha causa! Mas vejo agora que não fui mais que um instrumento nas suas mãos. Por que heide eu usar de boa fé com quem nunca a usou comigo? Por que heide eu

tentar defendê-lo das consequências da malvez das suas próprias acções? Pergunte o que quiser e dir-lhe-ei tudo sem reboço. Uma coisa lhe juro eu, e vem a ser, que quando escrevi aquella carta, nem sequer sonhava que dahi podesse advir damno para o venerando fidalgo que tinha sido para mim um modelo de bondade.

— Acredito implicitamente nas suas palavras, minha senhora, declarou Holmes. Ser-lhe-á penosa, sem duvida, a referencia a semelhantes acontecimentos e, afim de facilitar as coisas, ir-lhe-ei expondo a quanto occorreu, e poderá impugnar-me qualquer afirmação que se arrede da verdade. Foi Stapleton quem lhe sugeriu o escrever aquella carta?

— Dictou-a.

— Presumo que o motivo que allegou seria a probabilidade em receber auxilio da parte de sir Charles, para fazer face ás despêsas legaes inherentes ao divorcio?

— Exactamente.

— E depois de haver remetido a carta disuadiu-a de comparecer no logar aprazado?

— Alegou ser um desaire para a sua dignidade o appellar para o auxilio pecuniario de outra qualquer pessoa para semelhante fim, e que, supposto elle fosse pobre, inverteria o seu ultimo penny em remover os obstaculos que nos separavam.

— Elle, pelo visto, afigura-se-me ser dotado de summa consistencia de character. E não lhe tornou a constar mais nada até ler a noticia da morte do fidalgo, nos jornaes?

— Coisa nenhuma.

— E exigiu-lhe juramento em como não diria uma palavra referente á sua projectada entrevista com sir Charles?

— Exigiu. Afirmou que a morte de sir Charles era um caso misteriosissimo, e que, se os factos viessem a transpirar, as suspeitas não deixariam de cair sobre mim. Meteu-me medo e eu, calei-me.

— Naturalmente. Mas não deixaria de suspeitar?

Ella, hesitou declinando a vista.

— Eu conhecia-o, declarou.—Mas se elle tivesse sido leal para comigo, haveria encontrado em mim a mesma lealdade.

— Quer-me parecer que, no fim de contas, escapou de boa, opinou Sherlock Holmes.—Teve-o em seu poder e elle sabia-o, e não obstante, está viva. Tem andado, ha mêses a esta parte, a pairar pela beira de um precipicio. E

agora, mistress Lyons, têmos que retirar-nos, e é provavel que muito brevemente venha a, ter noticias nossas.

— O nosso caso vae-se definindo, as difficuldades tendem a aplanar-se ante nós, uma de pòs outra, afirmou Holmes, enquanto esperavamos a chegada do expresso vindo da capital. Não tardarei em achar-me habilitado a coordenar em uma narrativa integral um dos crimes mais singulares e de maior sensação succedido em nossos dias. Os estudiosos de criminologia lembrar-se-ão daquelles incidentes analogos que se deram em Grodno, na Russia Menor, no anno de 66, e ha tambem, já se vê, aquelles assassínios dos Andersons, na Carolina septéntrional, este caso, porém, apresenta certas feições unicas e espeziaes.

Agora, mesmo, não dispòmos de indicio algum positivo contra este velhaquissimo sujeito. Mas muito me admirará se esta noite antes de nos deitarmos, o caso não vier a esclarecer-se.

O expresso de Londres surgiu atroador na estação, e, in-continenti, um batoque, de um homemculo, arrebitado como um cão de fila pulou de uma carruagem de primeira classe. Mutuámos apertos de mão, todos três, e, pelos modos reverentes com que Lestrade olhava para o meu companheiro, percebi que, desde aquelles dias em que haviam trabalhado em commum, não deixára de aprender muito. Não me tinha esquecido o desdem com que as theorias do nosso raciocinador eram olhadas por aquelle homem pratico.

— Coisa que preste? indagou.

— O caso mais transcendente que se tem dado, ha annos, replicou Holmes.

— Podêmos dispor de duas horas antes de pensarmos em partir. E parece-me que não andariamos mal aproveitando-as em vêr se nos dão de jantar, e depois, Lestrade, debelar-lhe-êmos das guélas a impressão do neveiro londrino proporcionando-lhe respirar a aragem pura da noite em Dartmoor. Nunca lá estive? Não? Pois palpita-me que se hade ficar lembrando da sua primeira visita.

CAPITULO XIV

O cão dos Baskervilles

Um dos defeitos de Sherlock Holmes — se é que na verdade se pode chamar defeito, — era a sua extrema resistencia em communicar

cabalmente os seus planos a qualquer outra pessoa, até haver o ensejo de os pôr por obra.

Era isto motivado, em parte, pela sua indole imperativa, aprazendo-se em dominar e assombrar a quantos o rodeavam. Em parte, aiiás, filho da sua cautela profissional, que o impellia a nunca se arriscar. O resultado, contudo, éra um tormento para aquelles que ope-



HOLMES DESPEJARA OS CINCO CANOS NO FLANCO DA CREATURA

ravam na qualidade de seus agentes e ajudantes. Eu, por mim, mais de uma vez lhe havia sofrido as consequências, mas nunca a tal ponto como durante aquelle estirado passeio de carro na escuridão. Tínhamos em nossa frente a tremenda prova; estavamos afinal a ponto de empregar o nosso esforço derradeiro, e não obstante, Holmes não tinha dito uma palavra, e eu apenas podia suspeitar qual seria o seu plano de acção. Os meus nervos vibravam com anticipação, quando finalmente a

aragem fria a cortar-nos a cara e o espaço êrmo de cada lado da estreitissima estrada me vieram revelar o facto de nos acharmos por mais uma vez na charnéca. Cada passada dos caválos e cada giro da roda nos ía aproximando da nossa suprêma aventura.

Punha peias á nossa conversação a presença do cocheiro da carriola de aluguel, de modo que tínhamos que restringir-nos a assuntos triviaes ao passo que os nossos nervos se achavam tensos de sobresalto e expectativa. Para mim foi um alivio, quando afinal deixámos para trás a casa de Frankland, e percebemos que nos íamos apropinquando do solar e do logar da acção. Não fomos apear-nos ao portão, mas sim mais além ao pé da cancela da avenida. Despedimos a carrióla com ordem de regressar a Coombe-Tracey, e metêmos a pé a caminho da residencia de Merripit.

— Veiu armado, Lestrade?

Sorriu-se o cotête do detective.

— Em eu enfiando as calças conto com uma algibeira no quadril e eu que conto com ella, para alguma coisa será.

— Optimo! Tanto eu como este meu amigo andamos sempre prevenidos para o que der e vier.

— Está tão calado com este negocio, senhor Holmes! Que vem a ser o jogo, agora?

— Jogo de paciencia. Esperar.

— O sitio nem por isso é dos mais alegres, palavra de honra, commentou o *detective*, com um arripio, a prescrutar com a vista as lobregas vertentes do monte e a immensa lagôa de névoa pairando ao de cima do Marnel de Grimpen.

— Vejo luzes além, numa casa em frente.

— Aquillo ali é a Residencia de Merripit e o termo da nossa jornada.

Tenho que lhe recommendar que ande em bicos de pés e que fale em segrêdo.

Avançámos cautos pelo carreiro em fóra como se nos dirigiramos ao predio, Holmes, porém, mandou fazer alto, quando nos achámos distantes umas cem jardas.

— E' bastante, declarou. Aquelles penedos á nossa mão direita são um biombo pápa-fina.

— E temos que ficar aqui de plantão?

— Temos, é aqui que faremos a nossa embuscadinha, trate de se alapar nesse esconso Lestrade. Conheces os cantos á casa, acho eu, Watson? Poderás dizer-me qual é a disposição dos quartos? A que correspondem aquellas janélas de rótulas ali, á esquina?

— Se me não engano, são as da cozinha.

— E aquella, acolá, com tanta luz?

— A da casa de jantar, naturalmente.

— Estão erguidos os estóres. Estás mais em dia com as idas e voltas do lugar. Aproxima-te da janéla, pé ante pé e vê o que estarão fazendo — mas, em nome de Deus, que nem suspeitem sequer que os espreitamos!

Fui indo em bicos de pés pela vereda e agachei-me por detrás do muro baixo que vedava o engaiolado pomar, todo encolhido deslizei nas trévas até que alcancei um ponto donde podia varar com a vista a janéla sem cortinas.

No aposento apenas se achavam dois individuos, Stapleton e sir Henry. Estavam sentados de perfil, frente a frente, á mesa redonda. Ambos a fumar charuto, e tendo ambos diante de si vinho e café. Stapleton falava com animação, o baroneto, porém, estava palido e distraído. Pesar-lhe-ia, talvez, na mente, aquelle mal agoirado passeio através da charnéca.

Emquanto eu o estava observando ergueu-se Stapleton e saiu, entanto sir Henry voltava a encher o copo, reclinando-se na cadeira, e lançando baforadas de fumo. Ouvi ringir uma porta e o som restralado de umas botas a calcarem o saibro. As passadas deslizaram pela vereda para além do muro atrás do qual eu me agachara. Espreitando por cima, vi o naturalista parar á porta de uma casinhóla exterior, ao canto do pomar. Rodou a chave na fechadura e, no acto de elle se internar, sôou lá de dentro um curioso rumor de lucta. Demorou-se apenas um minuto, ou coisa assim, em seguida, ouvi outra vez rodar a chave, vi-o passar rente com o meu poiso, e recolher ao prédio. Vi-o ir ter com o hospede, voltei em pés de lan para o sitio onde estavam os meus companheiros e contei-lhes o que tinha visto.

— Afirmas, então, Watson, não estar lá a dama? indagou Holmes, quando conclui o meu relatorio.

— Com certeza.

— Onde demonio estará, então, visto que não ha luz em mais quarto algum, a não ser na cozinha?

— Não posso imaginar onde se encaixaria.

Já me referi ao nevoeiro lacteo, cerrado que pairava ao de cima do marnel de Grimpen. Vinha derivando a pouco e pouco em direcção ao nosso poiso, a condensar-se numa como que parede, daquella banda, baixa, compacta, porém, e bem definida. Alumeava-o a luz do luar, e dir-se-ia um immenso e fulgido estendal de neve, e lá ao longe, as agulhas dos farelhões a estremarem-se quaes immensos cachópos brotando á superficie. Holmes estava de rosto voltado naquella direcção, e murmurou impaciente ao notar que a cortina vinha avançando de vagar:

— Vem crescendo sobre nós, Watson!

— Será caso sério?

— E mais que sério, na verdade — a coisa neste mundo que mais podia vir transtornar-me os planos. Que elle não se pode demorar. Já são dez horas. O nosso exito feliz e a sua propria vida dependem talvez da saída delle antes de que a nevoa se alastre pelo carreiro.

A noite estava limpida e serena. Algas e fulgentes as estrellas, ao passo que a lua na sua fase media banhava completamente a scena em uma luz branda, incerta. Em frente de nós campava a negra mó do edificio, com os recortes do telhado e as impinadas chaminés a sobresairem contra o céu aljofrado de prata. Das largas janélas do rés-do-chão projectavam-se umas barras anchas de luz através do pomar e da charnéca. Uma das janélas fechou-se de subito. Era a da cozinha, a criadage ia-se deitar. Ficára apenas o candieiro na sala de jantar, onde aquelles dois homens, o hospitaleiro assassino e o hospede inconsciente, cavaqueavam ainda, a fumar cada qual o seu charuto.

A cada minuto a flocosa e alva planicie alastrada por sobre a metade do bréjo vinha derivando de mais em mais cerrada para o edificio. Os delgados farrapos serpeavam já através do aureo quadrado da illuminada janéla. A parede do fundo do pomar já nem era visivel, e as arvores a surgirem ao decima de um torvelinho de vapôr alvacento. Em quanto seguíamos com a vista a invasão, os frangalhos de nebrina, surrateiros, a involverem as esquinas do prédio, e a condensarem-se mano a mano em um pego, cerrado, immenso, acima do qual boiavam o andar superior e o telhado, tal qual um navio fantastico num mar de sombras.

Holmes, impaciente, furibundo, assentou

uma palmada no penêdo em frente de nós, e bateu o pé.

— Se a nevoa se não diluir dentro de um quarto de hora, some-se de todo o carreiro. Daqui a meia hora nenhum de nós será capaz de ver um palmo adiante do nariz.

— E se nós recuassemos um tanto e alcançassemos um terreno mais elevado?

— Dizes bem, está-me a parecer que seria o melhor.

Assim, pois, ao passo que a cortina de nevoa deslisava para a frente, iam os nós recuando até alcançarmos a uma milha para além do edificio, e aquelle mar denso, alvinitente, com o luar a pratear-lhe a orla superior, sempre a varrer para a frente, lento, inexoravel.

— Vamo-nos afastando demais, ponderou Holmes. Não devemos correr o risco de elle ser alcançado antes de que possa vir ter conosco.

— Têmos que ficar onde estamos, custe o que custar.

Ajoelhou e encostou o ouvido ao chão.

— Graças a Deus, pareceu-me ouvir-lhe as passadas.

Um som de passos apressados rompeu o silencio da charnéca. Alapados por detrás dos penêdos, cravávamos os olhos no muro semovente acarelado de prata, em frente de nós. Eram de mais em mais audiveis os passos, e através do nevoeiro, como que através de um cortinado, surdiu o homem que estavamos aguardando. Com surpresa estirou a vista em redor, ao defrontar-se-lhe a noite limpida e estrelada.

Depois, investiu, apressado, pelo carreiro, passou rente conosco, e trepou pela extensa ladeira por detrás de nós. Ia andando e olhando sem cessar por cima do hombro, como homem que se não sente socegado.

— Chiton! socinou Holmes, e ouvi o estalido de uma pistola aperrada.

— Álerta! Elle ahi vem!

Sentia-se um tropel, continuo, soturno, compassado, vindo de algures no seio daquella mó perambulante. A nuvem estava já a umas cinquenta jardas do nosso poiso, e nós, á uma, na incerteza de qual seria o horror que de subito ia romper-lhe do seio.

Eu estava a par de Holmes e observei-lhe o semblante, de relance. Estava palido e exultante, com os olhos a luzirem-lhe á luz do luar. De subito, porém, boquiaberto, esbugalhou-os, fitos, espantados. No mesmo instante,

Lestrade, aterrado, soltou um berro e atirou consigo ao chão, de borco. Pús-me a pé de um pulo, aferrando com a mão inerte a coronha da pistola, paralizado o espirito ante o vulto horripilante a crescer sobre nós de entre o cerrado nevoeiro. Era um cão, um animal de proporções desconformes, negro como carvão, um cão, porém, como jamais terão visto olhos mortaes. Rompia-lhe das fauces uma labareda de fogo, os olhos, coruscantes com fulgor fosforescente, focinho, sedas, belfas, tudo contornado de chammas a latejar. Nem no proprio delirio de um cerebro desorganizado poderia nunca haver surgido mais selvatica, mais pavorosa, mais infernal appareição do que aquelle vulto negro, de mascara bravia, medonha, a arremeter para nós através da muralha de nevoa.

Dando uns immensos galões, a monstruosa e negra creatura lá vinha galgando a vereda, seguindo as pisadas do nosso amigo. A tal ponto nos paralizou a appareição que o deixámos passar antes de havermos recobrado a presença de espirito. Então, eu e Holmes disparámos, a um tempo, e o monstro, soltando um uivo horrente, deu mostras de que um dos tiros, sequer ao menos, lhe havia acertado. Não parou, comtudo, mas seguiu em frente, dando upas. Já distante, no carreiro, lobrigámos a sir Henry a olhar para trás, livido o semblante á luz do luar, aterrado, de mãos erguidas, a olhar atonito para a medonha avantesma que lhe vinha dando caça.

Aquelle berro de dôr emitido pela féra havia desvanecido de todo os nossos receios. Se ella era vulneravel, logo, era mortal, e visto que a podiamos ferir, podê-la-iamos matar. Não me lembro de ter visto homem algum correr como correu Holmes, aquella noite; tenho fama de correr bem, elle, contudo, levou-me a mesma dianteira que eu levei ao tarráco do professional. Corriamos, corriamos, e, na frente iam ouvindo, um após de outro, os gritos de sir Henry, e os rugidos atroadores do cão. Cheguei a tempo de ver a féra investir de salto com a victima, rojá-la pelo chão, e filar-se-lhe ás guelas. Acto-continuo, porém, Holmes despejára os cinco canos do revolver no flanco do monstro. Com um uivo derradeiro de agonia e arreganhando as prezas numa ultima investida, rebolou-se de costas, a sarilhar com as quatro patas, furibundo, até que baqueou, finalmente, inerte, deitado de lado. Debrucei-me, ofegante, e assestei-lhe a pistola á medonha,

fosforescente cabeça, mas era inutil premêr o gatilho. Estava morto o cão gigantesco.

Sir Henry jazia insensível no sitio onde tinha caído. Rasgámos-lhe o colarinho, e Holmes murmurou uma prece de gratidão ao verificarmos que não apresentava sinaes sequer de ferimento e que havia chegado a tempo o socorro. Dali a instantes latejavam as palpebras ao nosso amigo e fez este uma debil tentativa para se mexer. Lestrade insinuou o gargalo do cantil da aguardente entre os dentes do baroneto, e dois olhos aterrados fitaram-se em nossas pessoas.

— Meu Deus! socinou. Que foi isto? Em nome de Deus, que foi?

— Fosse o que fosse, está morto, afirmou Holmes. Liquidámos com o espectro da familia, de uma vez para sempre.

Em tamanho e força era uma creatura temível a que jazia estirada a nossos pés. Não era um galgo legitimo, mas tambem não era um mastim; antes parecia ser uma combinação de uma e outra raça. — esgaldado, selvatico, e com as proporções duma leôa, pequena. Agora mesmo, na tranquillidade da morte, as descomunaes mandibulas dir-se-iam estilar uns fogachos azulados, e os olhos pequenos, encovados, ferinos estavam orlados de fogo. Pus lhe a mão nas fauces coruscantes, e ao retirá-la os meus proprios dedos lucilavam, latejando, na escuridão.

— Fosforo, exclamei.

— Um engenhoso preparado do mesmo, confirmou Holmes, aspirando os efluvios do prostrado animal. Não sinto cheiro que possa haver empécido o apurado faro do bicho. Têmos que lhe pedir um milhão de perdões, sir Hen-

ry, pelo facto de o havermos exposto a semelhante susto. Eu estava esperando ver um cão, mas nunca uma creatura deste lote. E dahi, o nevoeiro não nos deu tempo para o receber como cumpria.

— Salvaram-me a vida.

— Depois de lh'a havermos submetido a um perigo. Sente-se com forças de se pôr a pé?

— Dê-me outro góle de aguardente, e ficarei apto seja para que for.

Isso mesmo! Agora, ajudem-me a levantar. Que é que tencionam fazer?

— Deixá-lo ficar aqui. Não se acha em estado de se arriscar a novas aventuras, esta noite. Se não duvida esperar por nós, um de nós o acompanhará até á mansão.

Tentou equilibrar-se; mas estava ainda livido como um defunto e todo elle num tremor. Ajudámo-lo a sentar num penêdo, e para ali se ficou a tiritar e com a face escondida nas mãos.

— E agora, temos que deixá-lo, declarou Holmes. O remanente da nossa obra tem que ser levado a cabo, e cada minuto é importante. Já estamos senhores do caso, falta-nos agora assenhorearmo-nos do homem.

— Ha mil probabilidades contra uma quanto ao encontrá-lo em casa, proseguiu, ao retrocedermos a passo dobrado pelo carreiro. — Os tiros tê-lo-ão avisado de que se lhe gorára o jogo.

— Estavamos muito distantes, e o nevoeiro haver-lhes-á talvez amortecido o som.

— Elle vinha seguindo o cão para o chamar — podem ter a certeza. Nada, nada, a estas horas, onde irá elle! Mas vamos dar busca á casa e confirmar-nos.





Cawnpore

(EXCERPTO DE UM LIVRO INEDITO)

BANHADA pelo Ganges, Cawnpore, posto que seja uma cidade commercial importante, com 185:000 habitantes, junção de quatro linhas fer-

reas e *terminus* de um grande canal de navegação, não tem monumentos antigos de vulto nem edificios modernos sobre os quaes mereça fixar-se longamente a attenção.

O seu aspecto geral é o de uma terra trabalhadora, commercial e industrial, com as suas fabricas de altas chaminés avermelhadas, golfando negras ondas de fumo para a immensidade do céu azul, purissimo, inundado de uma luz intensa.

Prendem-se, no entanto, a esta cidade recordações historicas de grande interesse: foi n'ella que se desenrolou um dos mais sangrentos actos do drama do *Sepoy Mutiny de 1857*, a celebre revolta dos cypaes, que a tamanhas crueldades deu origem. Por esta razão, não quiz deixar de visitá-la e de repassar ali pela memoria os pormenores do horroroso massacre que n'aquella cidade teve logar ha meio seculo.

Nos primeiros dias de maio de 1857, havia um grande numero de europeus em Cawnpore.

Sessenta e quatro homens de artilharia europêa, com seis peças, era a unica guarnição regular da cidade com que, ao tempo, o major-general Sir Hugh Wheeler podia contar para fazer face aos 3:000 homens de tropas nativas, de cuja fidelidade nada se esperava já, no ambiente de revolta em que se vivia, especialmente depois da violenta anexação do Oudh por lord Dalhousie.

Além d'isto, nos arrabaldes da cidade, em Bilthur, vivia Nana Sahib, de seu nome Nana Dhandu Pant, filho adoptivo e pretendente ás honras e pensão do ultimo dos *Peshwas*, Baji Rau. Ora Nana Sahib, apparentando excellentes relações de amizade com a sociedade ingleza de Cawnpore, animava secretamente a rebellião, que não tardaria a rebentar na cidade, visto como já lavrava intensamente em outros pontos da India: Barhampur, Meerut, Delhi e Jhansi estavam em poder dos rebeldes.

Em vista de tudo isto, Wheeler fez recolher, em 22 de maio, todos os não combatentes christãos em dois *bungalows* que igualmente serviam de hospital privativo de um esquadrão de dragões: para abrigar os combatentes, construiu-se á volta um parapeito de terra de 1^m,20 de altura; dentro do pequeno recinto fechado por elle deviam afinal ficar pouco menos de 1:000 pessoas. D'estas, mais de 400 eram mulheres e creanças; havia tambem uns

200 soldados europeus que a esse tempo tinham recolhido a pouco e pouco a Cawnpore, uns 80 officiaes dos regimentos nativos, alguns paizanos validos e perto de 80 cypaes fieis.

A 4 de junho, declarou-se abertamente a rebelião: os corpos nativos 1, 53 e 56 de infantaria, o 2 de cavallaria e os cypaes addidos á bateria europêa saquearam os cofres, soltaram os prezos, queimaram os edificios publicos, apoderaram-se dos paioes e dos depositos de armamento e iniciaram a marcha para Delhi, que se achava já nas mãos dos rebeldes do Norte.

O cruel Nana Sahib mandou-lhes ao caminho um emissario e as tropas voltaram para Cawnpore afim de atacarem os europeus que tinham ficado na cidade.

A 6 de junho, os rebeldes punham as suas peças em bateria contra o insignificante entrincheiramento de Wheeler que, com uns 300 defensores, em posição desvantajosissima e sujeitos ao fogo mortifero de 3:000 soldados aguerridos, bem alimentados, bem armados, bem municados, não poderia resistir por muito tempo. Wheeler era um velho soldado, bafejado pela gloria, e que por mais de uma vez conduzira ao fogo as tropas que agora o atacavam e cujo valor elle conhecia de sobejo.

Durante perto de tres semanas os

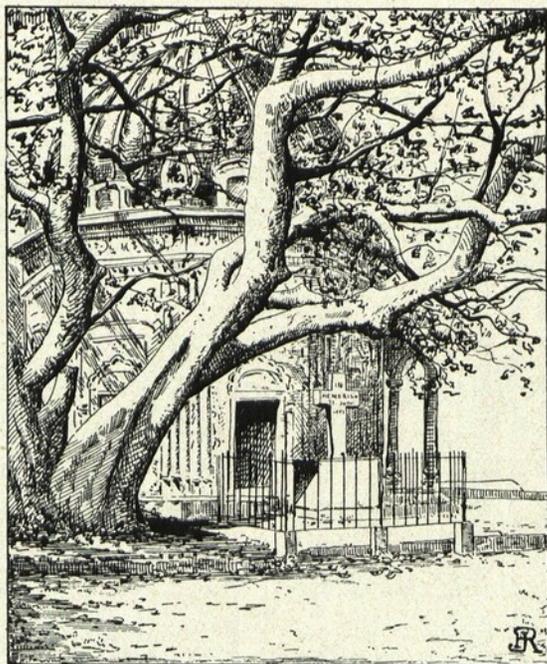
rebeldes dizimaram com um fogo constante os sitiados, cujos actos sublimes de heroicidade me abstenho de pormenorisar. No sitio mais exposto ao fogo havia um poço que abastecia de agua os sitiados: muitos d'estes alli encontraram a morte, quando em vão tentavam prolongar a vida.

A 23 de junho, os rebeldes dão um assalto geral ao entrincheiramento: o ataque foi repellido á custa de muitas vidas dos sitiados e com enormes perdas por parte dos sitiantes. A 25, os rebeldes propõem aos sitiados deixal-os seguir pelo Ganges para Allahabad. A 26, ha um armisticio, e Nana Sahib exige que os inglezes entreguem a posição, as peças e munições, e os cofres do thesouro; concedia liberdade incondicional ás mulheres e ás creanças; os

homens sahiriam com as suas armas e com 60 cartuchos cada um; Nana Sahib daria um salvo-conducto e forneceria embarcações para conduzir todos a Allahabad.

Imagine-se a alegria com que os inglezes acceitaram estas vantajosas condições!

A 27, de manhã, os sitiados dirigiram-se para *Sati Chaura Ghat*, o caes onde deviam embarcar e onde foram entrando para as embarcações, que, por ordem de Nana Sahib, ali os esperavam. Logo que o ultimo entrou para



TEMPLO DE SIVA

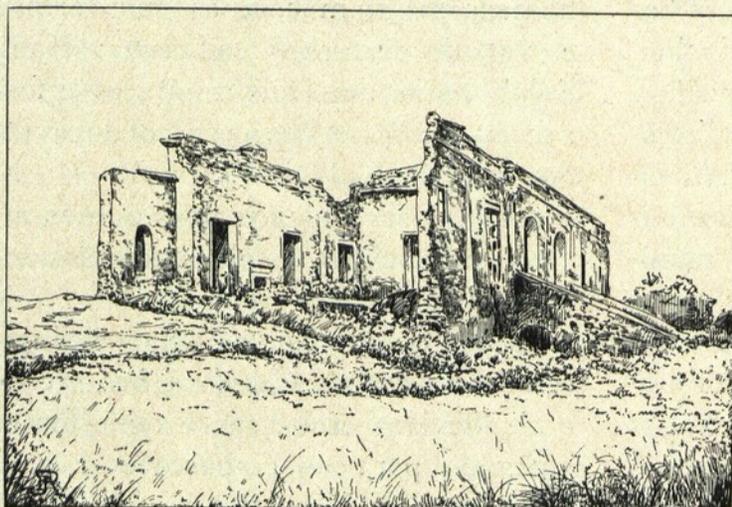
bordo, e, ao tempo que os barcos se afastavam do caes, ouve se um toque de corneta: a um tempo, os marinheiros nativos atiram-se á agua, tendo primeiro deitado fogo ás coberturas de ólas das embarcações, previamente untadas com alcatrão. Em seguida, rompe das margens um vivo tiroteio de mosqueteria e duas peças de artilheria metralham sem cessar a massa de gente apinhada nas embarcações. Os rebeldes armados de sabres e machados assaltam em massa os barcos mais proximos da margem e matam todos os desgraçados que haviam escapado ao fogo e á metralha: apenas 125 mulheres e creanças foram poupadas por ordem de Nana Sahib.

Um dos barcos conseguiu ganhar o meio da corrente e seguiu rio abaixo, sempre perseguido das margens pelo fogo dos soldados que por fim conseguiram aprisionar os que iam dentro e para os quaes luzira ainda um debil clarão de esperança: os homens, uns 70, entre os quaes ia o major Vibart, foram logo mortos e as mulheres e



creanças ficaram presas juntamente com as 125 que haviam sido poupadas em *Sati Chaur Ghat*, que se ficou chamando *Slaughter Ghat*, o *Caes do Massacre*. Do barco, apenas conseguiram salvar-se quatro soldados, que, com nove outros, haviam saltado em terra para atacar os rebeldes já muito proximos da embarcação, sacrificando-se assim para salvar a vida dos restantes. Repelliram, por então, a parte dos rebeldes que se achava mais perto do rio; a outra parte, a mais numerosa, continuou em perseguição do barco, que, levado pela corrente, breve se afastou para longe: d'esta sorte, não puderam os soldados voltar para bordo. Como porém eram bons nadadores alcançaram a nado a outra margem: fôram os quatro unicos sobreviventes da horrosa catastrophe.

As mulheres e creanças aprisionadas, perto de 200, foram encerradas n'uma pequenissima casa sem ar nem luz; umas 30 morreram de



RUINAS DO PALACIO DE NANA SAHIB

fome e das commoções profundas por-
que passaram: foram as mais felizes.

A 12 de julho, o general Havelack, vindo de Allahabad á frente de 1:200 homens, derrotou as forças rebeldes que tinham ido ao seu encontro e marchou sobre Cawnpore. A 15 inflingiu-lhe novo revez, a um dia de marcha da cidade.

Então Nana Sahib, sentindo o inimigo tão perto, deu ordem para matarem todas as mulheres e creanças e, como os soldados se não prestassem a servir tão deshumanos intentos, encarregou um grupo de magarefes, sedentos de sangue e de luxuria, da repugnante tarefa, que foi levada a cabo logo

na tarde de 15. Ao cahir da noite, haviam cessado de todo os gritos de terror das victimas; dentro do misero casebre só havia mortos, moribundos ou inanimados. Os sicarios, então, fecharam-se por dentro e durante toda a noite não cessaram os gemidos de agonia...

Um horror! Uma profanação, sobre a qual é melhor correr pudicamente um véu...

Na manhã seguinte, sahiram os assassinos do lugubre recinto e, em seguida, os mortos, moribundos e simplesmente desmaiados, ao todo uns 200 corpos, tudo foi lançado dentro de um poço que havia na visinhança!

Em volta d'esse poço existe hoje uma especie de balaustrada de marmore

branco, em estylo gothico, muito alegre e vistosa, mas de gosto duvidoso, nada em harmonia com a impressão lugubre dos successos que commemora, nada suggestiva da horrrosa hecatombe que ainda se sente viva em cada arvore, em cada pedra, no proprio ar que ali se respira.

Sobre o poço, collo-

caram uma estatua representando o *Anjo da Misericordia*, obra de Marochetti.

O anjo parece-me tão descabido como a balaustrada florejante. Como o erudito e elegante escriptor George Forrent, direi que, á similhaça do Colyseu em Roma, o unico symbolo a collocar n'aquelle local deveria ser o symbolo de uma grande agonia:—uma cruz—o



O POÇO

symbolo da fé em que as creaturas ali sepultadas viveram e morreram.

Em volta do pedestal, sobre que se eleva o anjo, lê-se, em caracteres gothicos, a seguinte inscripção:

«Sacred to the perpetual memory of
«a great company
«of Christian peo-
«ple, chiefly Wo-
«men and Chil-
«dren, who near
«this spot were
«cruelly murdered
«by the followers
«of the rebel Nana
«Dhundu Pant, of
«Bhitur, and cast,
«the dying with
«the dead, into the
«well below on the
«XV.th day of July. MDCCCLVII.»

Dizia um francez, que em 1875 visitou Cawnpore, que ao lêr-se esta inscripção, no proprio theatro de um drama que ainda hoje faz estremecer

de horror, quer se seja inglez, portuguez, francez ou russo, todos aquelles que tenham nas veias sangue de branco, comprehendem instinctivamente que per-

tencem todos a uma mesma patria, e, em face d'este lugubre episodio da lucta, que se vem travando, desde a origem dos tempos historicos, entre a Europa e a Asia, cada um de nós sente em si qualquer coisa de mais profundo

do que o odio de uma nação para a nação sua inimiga: — o verdadeiro odio de raça. Em vão o cinzel de Marochetti corou o cenotaphio com o *Anjo da Misericordia*; não nos afastamos do poço sinistro em mais benevola dis-

posição de espirito do que aquelle com que ao poço nos chegamos.

Razão teem os inglezes para não permittirem a nenhum nativo o accesso áquelle lugar. Ha sangue demais entre as duas raças!

Esta prohibição é formal: vi eu pro-

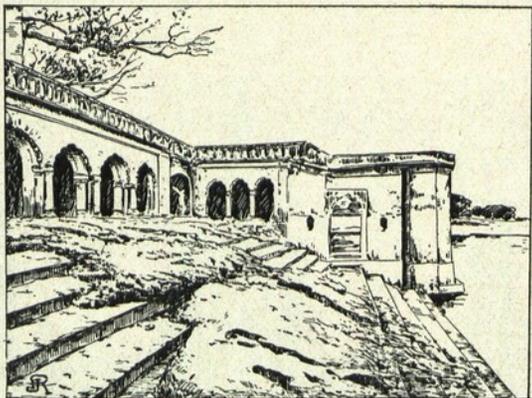
prio o guarda europeu não permittir que se approximassem do monumento o meu creado mouro e um *cicerone* nativo que me acompanhavam.

Cawnpore é hoje uma cidade de 185

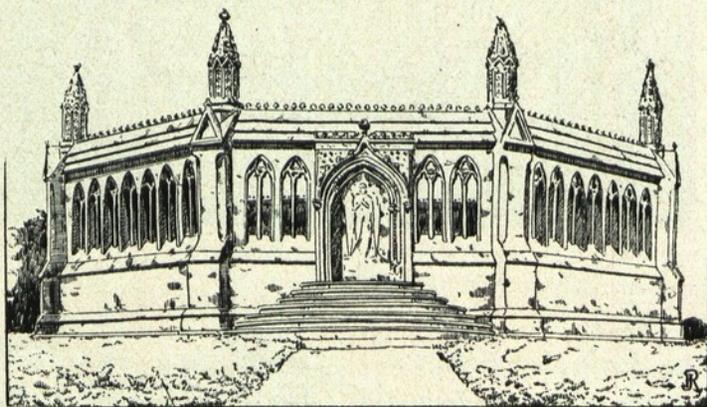
mil habitantes: possui um grande numero de fabricas de tecidos, couros, moagem, arreios, objectos artisticos de barro, etc.

As suas obras de

couro são famosas em toda a India e o *Cawnpore Leather* faz ali concorrência séria ao cabedal inglez. É em Cawnpore que se fabrica a quasi totalidade das tendas de campanha usadas na India, algumas das quaes são



CAES DO MASSACRE



MONUMENTO Á MEMORIA DAS VICTIMAS

modelo de commodidade e de conforto no genero.

A cidade está cheia de funebres recordações e de lapides commemorativas dos tristes successos de que acima dei rapida noticia. Perto do sitio onde esteve o entrincheiramento de Wheeler foi construida uma egreja, a *Memorial Ehurch*, cujas paredes conteem um sem numero de inscripções, relembando os nomes dos que ali encontraram a morte.

O entrincheiramento ficava um pouco ao sul da egreja ; é um lugar aberto, dominado, que só á custa de muita heroicidade podia ter sido defendido; ainda ali existe o poço d'onde os sitiados tiravam a agua. Lá vi o tumulo do major Vibart e dos 70 homens que com elle haviam escapado ao massacre, no caes, mas que depois foram capturados e fuzilados por ordem de Nana Sahib.

O caes do massacre, hoje bastante aruinado e deserto, vê deslisar, serenas e tranquillias, as aguas do Ganges, alli onde tiveram a sua sepultura tantos cadaveres. Sobranceiro ao caes, existe um pequeno templo de Sivah, o deus cruel,

em cujo nome se fez aquella horrosa hecatombe : abrigados por detraz dos seus muros, muitos dos assassinos fuzilaram a salvo os desgraçados que tiveram a ingenuidade de confiar na palavra do chefe de um bando de fanaticos, fementidos e crueis.

O templo está abandonado : talvez por um resto de pudor, ou, melhor, por medo dos seus senhores de hoje, os sectarios de Sivah, descendentes dos assassinos de 1857, não se atrevem a ir adorar o seu deus no proprio local onde tanto sangue innocente foi derramado.

O templo cáe em ruinas ; o Ganges, em tempo de cheias, corróe-lhe os alicerces e uma *ficus indica*, arvore sagrada dos hindús, desconjunta-lhe as paredes com as suas multiplas raizes, por entre as quaes se acoitam os reptis, enquanto que bandos de aves, fugindo ao ardor do sol, chilreiam canções estranhas de entre as verdes ramarias, por onde a brisa perpassa com um sussurro, que deve recordar ás victimas, adormecidas sob as aguas do sagrado rio, alguns sons familiares da sua patria longinqua...

Mormugão — Outubro, 1899.

(Desenhos de Julio Ramos.)

ADRIANO DE SÁ.





A PROCISSÃO DOS RAMOS

A entrega dos Ramos

COSTUMES DE AVEIRO



OM o estralejar da bomba final do derradeiro foguete, que fendeu os ares á madrugada de 7 de janeiro corrente, terminaram n'esta terra as festas do Natal e, com ellas, as *entregas de ramos*.

Mas, o que será uma *entrega*? perguntar-nos-hão os illustres leitores dos «Serões».

Eu me explico.

Em Aveiro, terra muito liberal e assás religiosa, existem, legalmente erectas, varias irmandades e confrarias:—a de Santa Joanna, Terceiros, da Conceição, Senhor das Dôres, Coração de Maria, Apresentação, S. Miguel e Almas, duas do Senhor dos Passos, uma em cada freguesia, Santissimo da Gloria, Santissimo da Vera Cruz, Senhor do Bemdito (muito

querida da classe piscatoria), Senhor Jesus Crucificado, etc., etc.

A estas quatro ultimas, porém, é que incumbe a celebração das principaes festividades religiosas do anno, as quaes, como sobejamente é conhecido, se realisam com grande solemnidade e desusada pompa.

Compõe-se cada uma das citadas irmandades do Santissimo de oito *simples* mordomos, a do Senhor do Bemdito de um numero variavel, nunca inferior a deseseis, e a ultima de quatorze.

Em todas ellas ha, além do referido numero de mordomos, quatro *cargos*:—o de juiz ou o *cargo maior*, e os tres *cargos menores*: escrivão, thesoureiro e mordomo do altar.

Segundo a lei d'estas aggremações, das quaes a mais rica e florescente é a do

Senhor do Bemdito, só pode receber o ramo de cargo maior quem já tiver servido de escrivão, thesoureiro ou mordomo do altar, e só pode receber o cargo menor quem tiver recebido o ramo de simples mordomo.

A antiguidade da entrada na confraria é sempre motivo de preferencia para o exercicio de qualquer cargo.

A renovação das citadas quatro ultimas irmandades, e exclusivamente n'ellas, é feita annual e respectivamente em 26 e 27 de dezembro, no dia de Anno Bom e no primeiro domingo seguinte a 1 de janeiro, dias em que se effectuam as *entregas de ramos*.

A entrega é um cortejo mixto de religioso e de profano.

Terminada a missa solemne, os mordomos, que n'esses dias findam a sua missão, enfileiram-se dois a dois, como uma das photographias indica, e revestidos das suas opas de seda encarnada e borla de ouro, vão, em passo ordinario, empunhando os seus ramos, alguns bem valiosos, e seguidos de uma philarmonica percorrendo procissionalmente as ruas da cidade.

Dirigem-se das egrejas parochiaes a outros templos, ou á porta de certa residencia, onde o *parceiro*, que tem de receber um dos ramos, aguarda com a familia e amigos o alegre cortejo e o momento da cerimonia.

Na frente da florida procissão, a garotada aos pulos conduz acesos alguns morrões, feitos de trapo velho, e com o seu assobiar estridulante acompanha a *peça*, que a philarmonica executa, quasi sempre uma musica popular como, por exemplo, as «Carvoeiras», o «Vae di banda, olé», a «Margarida vae á fonte» ou o «Compadre chegadinho».

Quer o ramo seja aceite na igreja, quer á porta, a cerimonia é sempre a mesma.

Chegada a irmandade, o *parceiro entregador* avança e ajoelha sobre uma almofada de setim, seda ou velludo, e, beijando a passadeira do laço de fita pendente, depõe o ramo nas mãos do acceitante que, tambem ajoelhado, por sua vez a oscula, passando-o em seguida á mulher ou irmã

que, muito de proposito ficou collocada a seu lado para suster aquelle emquanto o marido ou irmão é, já de pé, abraçado por todos os mordomos antigos.

Grandes e pequenos, nobres e plebeus, ricos e pobres confundem-se, por momentos, n'um apertado amplexo.

A fina mão aristocratica não se peja de sentir então, junto á sua, a mão callosa do trabalhador de enxada. E' o lado democratico da festa.

Durante todo este quadro, a musica não tem cessado de tocar; por instantes a egreja

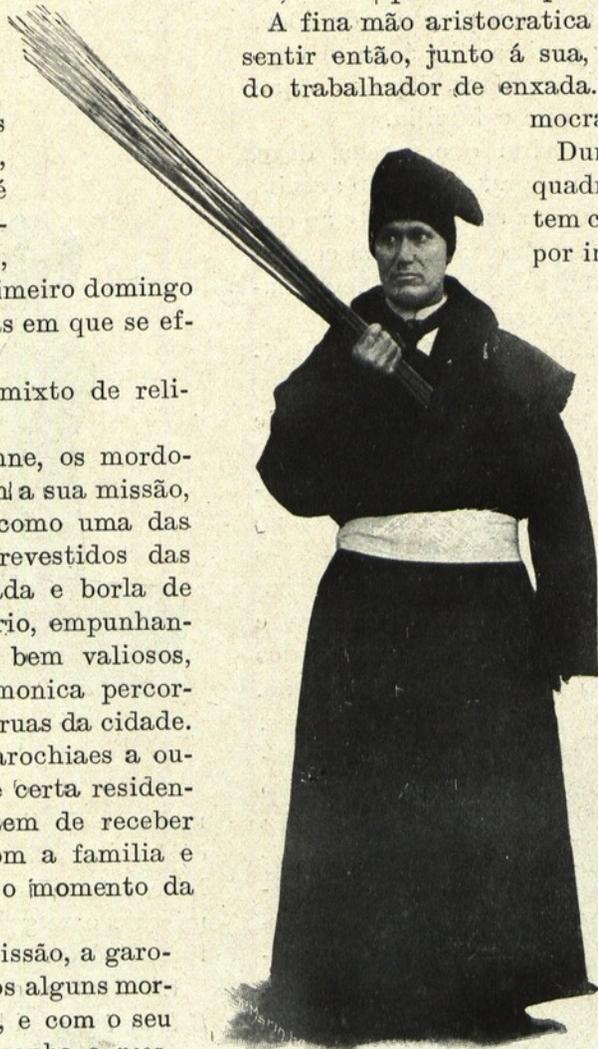
transformou-se em praça publica; o aranzel e balburdia, que n'ella vão, é medonho, e, cá fóra, na rua entram a funcionar os morrões do rapazio *atigando* o foguetorio com que os amigos do acceitante atroam os ares.

Outros rapazitos, sempre de nariz no ar, andam em correrias afim de apanhar os *rabos*

que vão caindo. Não raro se engalfinham uns nos outros, saindo ás vezes os mais fracos com as ventas esmurraçadas pela lucha.

Terminada n'aquella igreja a cerimonia da entrega, reorganisa-se o cortejo, indo a mesma scena repetir-se n'este ou n'aquelle outro templo até estarem entregues todos os ramos.

Em casa do *parceiro*, que acceitou, está preparado um altarsinho, onde, ao lado da Imagem do Crucificado, que se destaca d'entre flores, luzes e sedas, é posto, em uma jarra, o ramo recebido.



UM DOS MÓRDOMOS

Quando a entrega é feita ás portas, os limiães d'estas são juncados e tapetados e toda a casa do novo parceiro encontra-se caprichosamente enfeitada com arbustos, palmeiras e outras plantas ornamentaes.

Entre parenthesis:

E' do estylo o parceiro, que entrega, enviar ao que recebe um presente de dôce, e, na vespera, ir queimar-lhe á porta uma ou duás duzias de foguetes, depois do que entra e ceia com elle e familia.

O parceiro, que recebe, deve, segundo a praxe, quando acceita á porta, dar um banquete ao que lhe entregou o ramo, bem como a todas as pessoas que lhe enviaram presentes.

Fechado o parenthesis, prossigamos:

Ahi pelas tres horas da tarde terminou a entrega.

A's seis horas, os antigos mordomos reúnem-se outra vez no adro da egreja matriz e enfiados nos seus gabões, faixa branca á cintura e barretes encarnados na cabeça ahi se vão, á luz dos archotes,

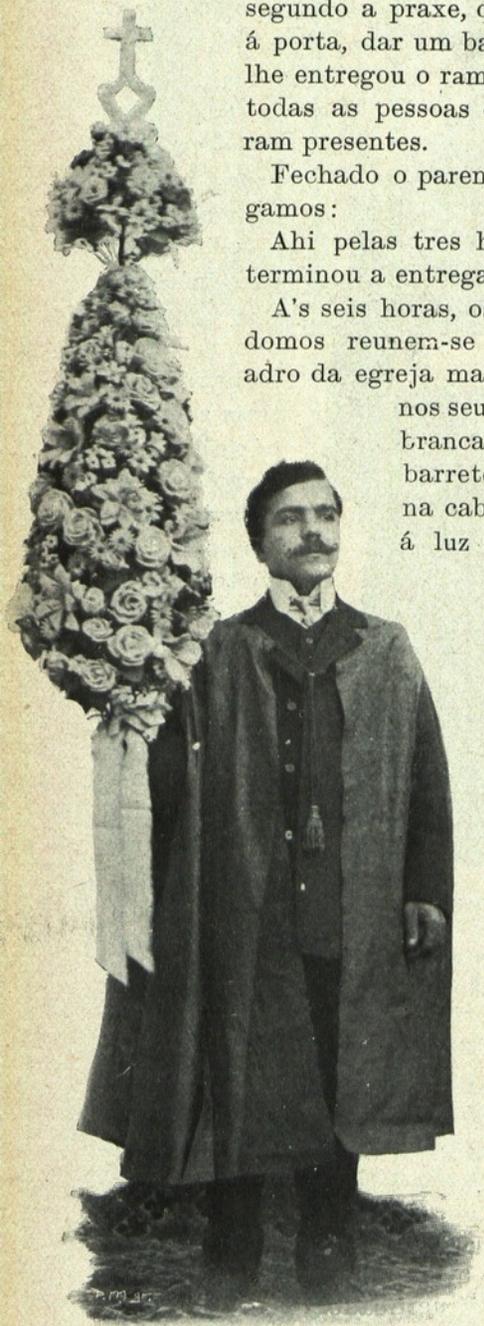
a acompanhados de muito povo e pela philarmonica, cumprimentar os novos confrades.

Cada um sobraça pelo menos a sua duzia de foguetes, que são queimados á porta de aquelle a quem entregou o ramo.

Em seguida mordomos e philarmonica são convidadas a entrar.

O parceiro

que accitou, tem disposta na sala principal a *meza dos mordomos* sobre a qual, coberta por finas toalhas, se destacam os bellos manjares brancos, lampreias doces, ovos



O PARCEIRO ENTREGADOR



A ENTREGA DOS RAMOS

molles e de fio, pão de ló, cavacas, queijadinhas de Cintra, belharacos, rabanades, leite crême, letria, arroz doce, etc., etc., á mistura com garrafas de vinhos generosos e finos licôres.

Lá dentro, em outra sala, fumégam o *fiel amigo* cosido com batatas, grêlos e nabos, o saboroso arroz de capatão ou a bella pescada.

E' a *meza da musica*, que come á tripa forra. De vez em quando, a philarmonica rompe com o «Ora vae tu, ora vae tu, ora vae, vae!» ou com o «Agora viras tu, agora viro eu», e tudo, ainda os mais graves e sisudos, ri, folga, dança e brinca.

A certa altura, escusado é dizel-o, já ninguem se entende.

Os *amigos* do novo mordomo veem cumprimentál-o, queimando até á madrugada em frente á casa, duzias e duzias de foguetes, e invadindo depois o domicilio do pobre paciente ali se *pregam* á meza, comendo e bebendo como uns alarves.

Ha menino que por si só *destróe* o que daria para dez.

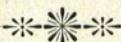
No dia da recepção do ramo quem menos governa em sua casa é o dono d'ella.

Imagine-se por aqui o *lindo* estado em que se encontrarão os velhos mordomos

e a philarmonica depois de terem percorrido todas as casas!

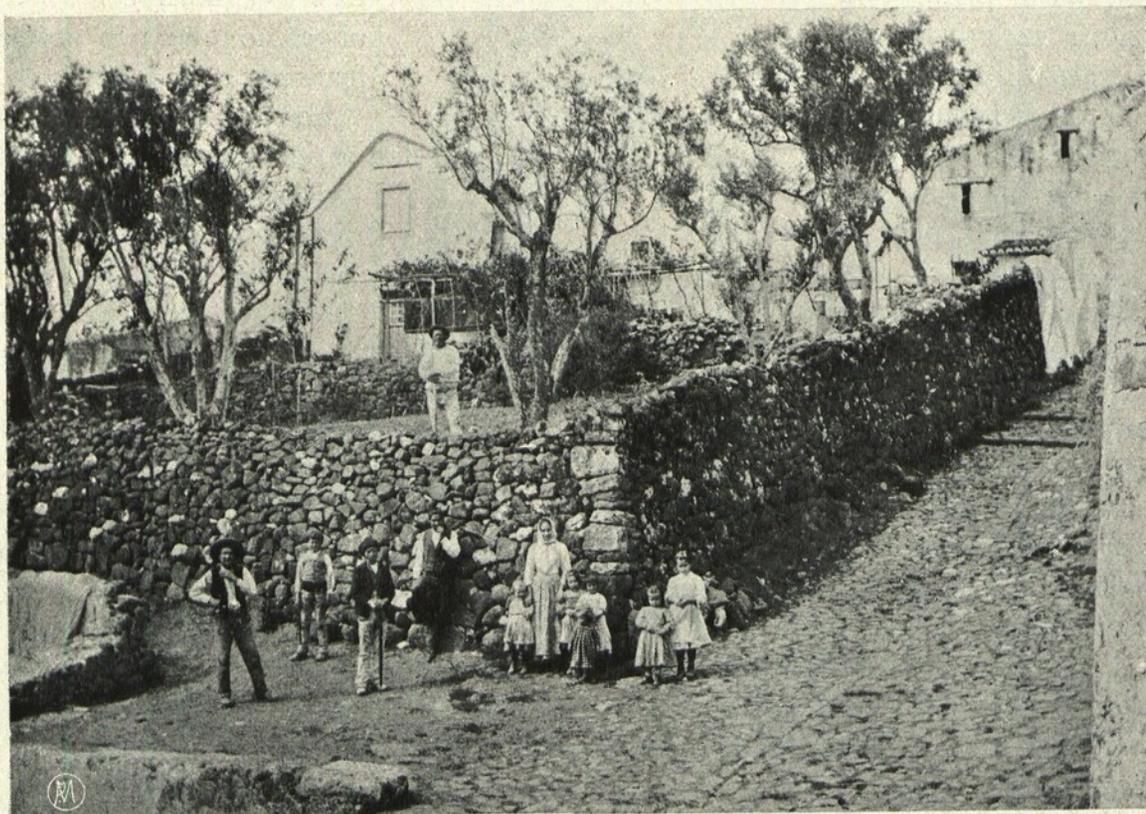
Os executantes musicaes teem perdido a *embocadura*, e a irmandade, essa já tem mudado de nome... é a confraria de S. Martinho.

ANDRÉ DOS REIS.



Quarto concurso photographico dos «Serões»

Menção honrosa



NO LOGAR DE QUEIJOS

Photographia de Antonio Rosa de Oliveira—Rua das Chagas, Lisboa

Os Serões dos Bébés



BONIFACIO olhou para Maria e achou-a linda, o que no seu paiz era pouco apreciado, pois, como anda lá tudo ás avessas, só o horrendo tem valor, e o bonito é desprezado e até escarnecido.

Apesar d'isso, tinha tanto amor á fadassinha, que respondeu ao gato:

— Se dizes mais uma palavra em seu desabono, puxo-te pelo rabo.

— Repito que é uma estúpida!

Ainda o bichano não tinha acabado de miar esta palavra, e já Bonifacio lhe tinha dado tão forte puxão á cauda, que o obrigou, com a dôr, a pregar um enorme salto, indo cahir em cima da cabeça da velha, que estava a cabecear com somno, sentada n'uma cadeira de costas muito altas. Levantou-se de esfusiote e enxotou o gato, e o gato arranhou-a, e ambos ficaram tão zangados um com o outro, que não trocaram mais palavra até se deitarem.

Na manhã seguinte, Maria e Bonifacio deram muitos agradecimentos á bruxa, e puzeram-se outra vez a caminho do Reino das Flôres.

Se o duende tivesse estado ali sózinho, a bruxa matava-o por meio de um sortilegio, que não podia fazer em presença da fada e que tinha arranjado

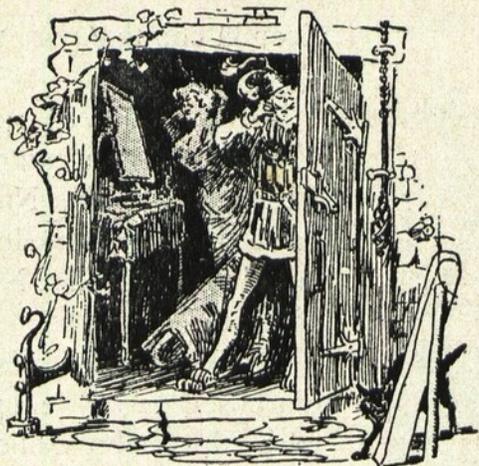
muito tempo antes, de parceria com o gato.

Se Maria tambem lá tivesse estado só era certo o gato matal-a, enterrando-lhe as unhas compridas e agudas como punhaes, o que não pode fazer por causa do duende.

Mal os viu desaparecer, a velha deitou a correr por um atalho e foi avisar o irmão para que não os deixasse passar. O irmão da bruxa — o Feiticeiro Maldito — habitava á entrada do Reino das Flôres.



Era tido como homem de grande saber. De barba branca muito comprida, mandava em dois gnomos, que são uma especie de duendes dos mais ruins. Para seguir o conselho da irmã, mudou-os n'um principe muito bonito e n'uma princeza



muito linda, e foi espreitar á porta de casa. Quando avistou Maria e Bonifacio, sahiu-lhes ao encontro e convidou-os para entrarem.

— Muito obrigada, meu senhor, disse a fada. Eu e o meu companheiro vamos a caminho do Reino das Flôres, em procura de um principe e de uma princeza que nos façam mudar de nome.

— Escusam de ir mais longe, porque estão servidos, respondeu o feiticeiro. Tenho justamente o que procuram.

Deu tres palmadas e logo appareceram os gnomos. Estavam tão bem encantados, que pareciam exactamente um principe e uma princeza, tanto pelas suas pessoas como pelos fatos, de maneira que nem Maria nem Bonifacio desconfiaram da traição.

— Dá o braço ao principe, disse o feiticeiro a Maria, e desce por aquelle caminho á tua mão direita. Vaes ter ao Reino das Flôres e d'aqui a pouco deixarás de ser Maria.

O Feiticeiro Maldito não mentia, pois o gato preto estava a esperal-a por traz de umas arvores e matava-a com certeza, se a fada não fosse acompanhada pelo duende.

E o feiticeiro disse a Bonifacio:

— Dá tambem o braço a esta encantadora princeza e desce pelo caminho á tua mão esquerda. Vae ter egualmente ao Reino das Flôres, onde pouco mais tempo serás Bonifacio.

Ainda falava n'isto verdade o Feiticeiro Maldito, porque se o duende se separasse da fada ia cahir nas mãos da bruxa, que o matava por meio do tal sortilegio.

— Estamos promptos a ir, mas ha de ser juntos, disseram os dois ao mesmo tempo.

— E' impossivel, respondeu o Feiticeiro Maldito. Só pódem entrar no Reino das Flôres se casarem um com o outro, mas de certo não quererão fazer semelhante disparate. Uma fada casada com um duende! Ah! Ah! Ah! Olha bem para elle! Olha bem para ella!

Assim fizeram. E Maria conheceu que as orelhas e a bôca de Bonifacio parecia não terem fim, que a pelle fazia lembrar a casca de um so-



Thomas, M. B. B. B.

ESCUSAM DE IR MAIS LONGE,
PORQUE ESTÃO SERVIDOS,
RESPONDEU O FEITICEIRO

breiro, e que todo elle era muito exquisito e ratão, para poder casar com ella. E Bonifacio viu que a bôca e as orelhas da fada eram ridiculamente pequenas, que a pelle era espantosamente lisa e que toda ella parecia inteiramente impropria de casar com um duende, para quem estas excellentes qualidades são outros tantos defeitos.

Apesar de tudo, como gostavam muito um do outro, o duende desbarretou-se, poz um joelho em terra, pegou na mão de Maria, e disse com a suavidade que se pôde esperar de quem se chama Bonifacio :

— Querida fada, tenho muita pena de que sejas tão linda, mas lá por isso não te quero mal, nem te chamarei nomes feios. E como gosto immenso de ti, estou prompto a entrar contigo no Reino das Flôres. Juro-te que hei de gostar de ti para todo o sempre!

Vae então Maria deulhe a outra mão e disse-lhe, toda risonha :

— Querido duende, tenho muita pena de que sejas tão... que não sejas muito bonito, mas, como gosto muito de ti estou prompta a entrar contigo no Reino das Flôres e a



APENAS CASARAM MUDOU-SE TU GO

ficar lá contigo para todo o sempre!

— Mas que é isto? perguntou do seu canto o Feiticeiro Maldito. Nunca se viu semelhante loucura! Nada! Nada! Não consinto!

E correu para casa, em busca de um feitiço, para dar cabo d'elles. Mas por mais que o procurasse nos armarios, nas gavetas e até debaixo da cama, não achou nenhum capaz. Os que lhe vieram á mão não tinham a virtude precisa, n'um caso completamente novo como aquelle. Furioso, sahiu outra vez de casa, mas fingindo que se ria, para embaçar o duende e a fada, e disse-lhes :

— Esqueceram-se de uma coisa, meus filhos. Se se casarem, já não podem casar com o principe e a princeza que lhes farão mudar esses feios nomes e ficarão sendo eternamente Maria e Bonifacio.

Puzeram-se ambos muito tristes, mas afinal o duende voltou-se para a fada e murmurou :

— Sabes que já não acho muito feio o teu nome, Maria?!...

— Tambem já me não parece tão feio... E' que sabes dizel-o tão bem, meu querido Bonifacio!

— Dize outra vez o meu nome ! supplicou o duende.

— Bonifacio ! Meu Bonifacio ! repetiu a fada, com meiguice.

— Que palavra tão harmoniosa ! exclamou elle, abraçando-a. E' porque tu a pronunciaste.

E resolveram continuar a chamar-se como até ali, e tanto disseram que queriam casar um com o outro que veiu pelo ar um sylpho e os casou.

Apenas casaram mudou se tudo. O Feiticeiro Maldito voltou ao que era d'antes, perdendo a fórma de gente e tornando-se n'um repugnante bicharoco ; os dois gnomos tiveram a mesma sorte ; o gato fugiu a sete pés, de rabo mettido entre as pernas ; e a bruxa foi pelo ar aos tombos e cahiu afinal estatelada n'um lamaçal, onde ficou esperneando com desespero, por ter visto a fada e o duende transformarem-se n'uma linda princeza e n'um principe encantador.

Será bom dizer que a negregada bruxa ostinha encantado quando esta-

vam ainda no berço, e eram uma princezasita e um principesinho. Ainda se não tinha podido quebrar o ençanto, que só devia acabar quando casassem um com o outro, o que a velha julgava um perfeito impossivel, porque nunca uma fada tinha casado com um duende.

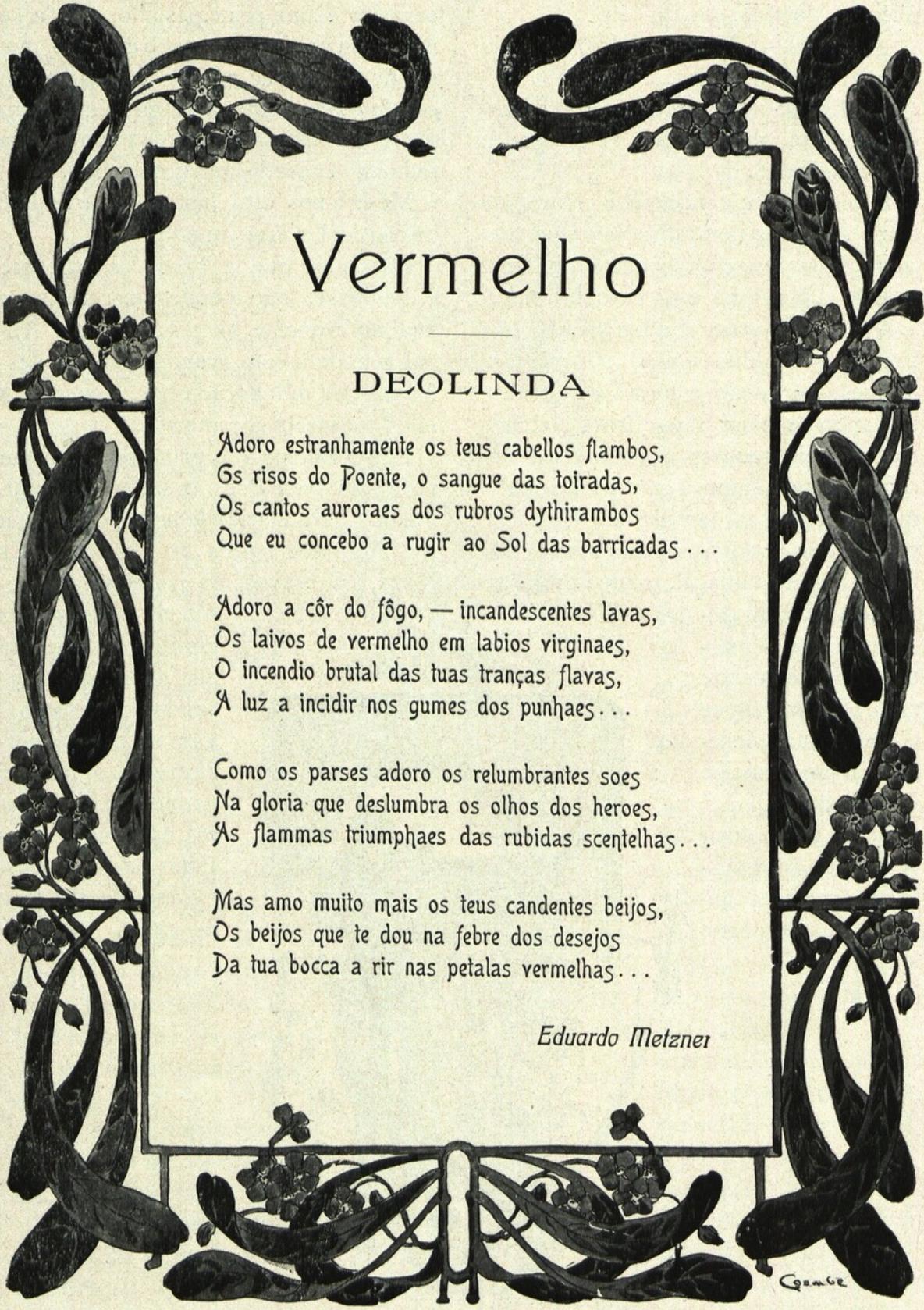
Mostrá-nos esta historia que nada é impossivel n'este mundo.

Por mais que a bruxa esperneasse e berrasse, não poude fazer nenhum mal ao principe nem á princeza. Afinal rebentou com grande estoiro e desfez-se em mil bocadinhos, que nunca mais tornaram a juntar-se.

E o principe e a princeza entraram no Reino das Flôres, brandamente allumiados pela claridade prateada da Lua de Mel, que surgia do horisonte. As rosas, os cravos, os jasmins, as anemonas baixavam as corollas á medida que elles iam avançando e derramavam no ar seus perfumes, ao mesmo tempo que os passaros entoavam, pousados nas ramarias, hymnos de alegria e de amor.



O PRINCIPE E A PRINCEZA ENTRARAM NO REINO DAS FLORES



Vermelho

DEOLINDA

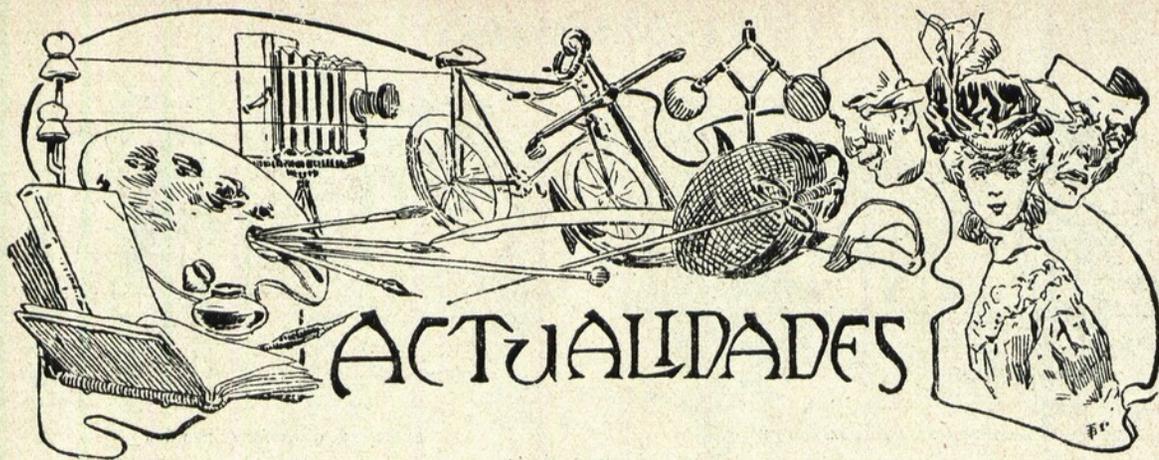
Adoro estranhamente os teus cabellos flambos,
Os risos do Poente, o sangue das toiradas,
Os cantos auroraes dos rubros dythirambos
Que eu concebo a rugir ao Sol das barricadas . . .

Adoro a côr do fôgo, — incandescentes lavas,
Os laivos de vermelho em labios virginaes,
O incendio brutal das tuas tranças flavas,
A luz a incidir nos gumes dos punhaes . . .

Como os parses adoro os relumbrantes soes
Na gloria que deslumbra os olhos dos heroes,
As flammæ triumphaes das rubidas sçentelhas . . .

Mas amo muito mais os teus candentes beijos,
Os beijos que te dou na febre dos desejos
Da tua bocca a rir nas petalas vermelhas . . .

Eduardo Metzner



Grandes topicos

A Triplice alliança **E**m principios de julho foi especuladamente annunciada uma entrevista do sr. Tittoni, ministro dos estrangeiros da Italia, com o barão d'Aerenthal, ministro dos estrangeiros da Austria. Essa entrevista realizou-se, effectivamente, no dia 14 do mesmo mez, em Desio, e dos seus resultados deu conta uma nota officiosa fornecida á imprensa, e segundo a qual os dois ministros «chegaram a um perfeito accôrdo nas questões pendentes entre os seus respectivos paizes.»

Não tendo essas questões uma importancia capital — a não ser, porventura, a do irredentismo, e essa encontra-se actualmente n'uma phase absolutamente calma — toda a gente comprehendeu logo que a nota officiosa era poeira atirada aos olhos do mundo e que atraz d'ella qualquer coisa de mais importancia havia.

Assim era, de facto. Precisamente no mesmo dia da entrevista, os jornaes allemães e italianos atiravam aos quatro ventos da publicidade a noticia de que a Triplice Alliança havia sido mais uma vez renovada, até 1914.

Sabe-se que o tratado em questão fôra renovado em junho de 1902, por um periodo de seis annos que, portanto, devia terminar em junho de 1908. Mas, segundo uma das suas clausulas, elle devia

continuar em vigor durante um novo e igual periodo, se qualquer das partes o não denunciasse um anno antes da expiração do praso. Ora não tendo sido feita a denuncia em junho ultimo — *et pour cause* — a alliança entre a Austria e a Italia permanece em vigor por um novo periodo de seis annos, a datar de 1908. Nas mesmas condições estão a Italia e a Allemanha, pelo que a Triplice continua subsistindo — aqui cai, acolá se levanta — até 1914. É provavel que então, se não fôr antes, dê a alma ao creador.

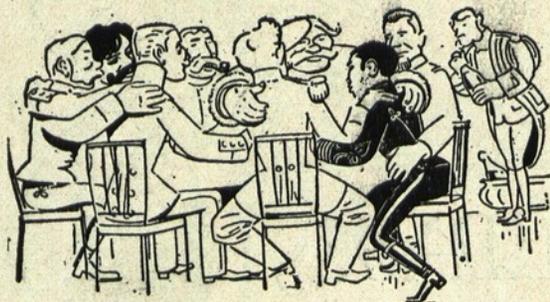


O GENERAL GARIBALDI

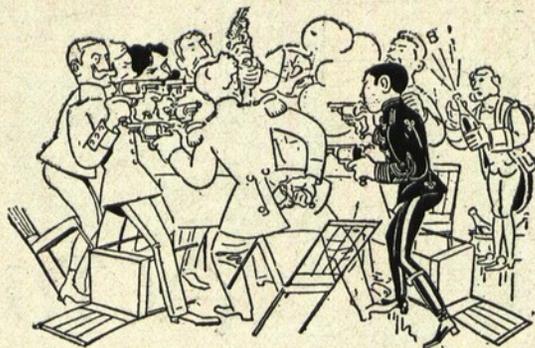
Um dos fundadores da Italia moderna, cujo centenario se celebrou a 3 de julho

(De uma aguarella de Angelo Achini, de Milão, copia de um retrato a oleo feito pelo mesmo, dois mezes antes da morte do heroe.)

A situação **C**OMO se sabe, as potencias em Marrocos tinham exigido do Maghzen que elle reduzisse á impotencia o celebre bandido Raisui, que nos ultimos tempos tem assolado o imperio e posto em perigo as vidas e as propriedades dos europeus. O Maghzen enviou contra elle todas as suas tropas disponiveis, mas como estas fossem successivamente derrotadas em todos os encontros, resolveu-se a adoptar outro systema: oferecer-lhe o perdão. E assim fez. Para negocia^r as respectivas condições, mandou ao acampamento



A CONFERENCIA DA PAZ COMO É



PROPHECIA QUE NÃO SE REALISA

Do «Lustige Blätter»

do bandido, o subdito inglez Harry Mac-Lean, favorito do sultão e homem de grande influencia em Marrocos.

Mais Raisuli é muito mais esperado que os membros do Maghzen e, reconhecendo que a ocasião era magnifica para se sair dos apuros em que tem vivido, á custa do proprio sultão, apenas lá apanhou Mac Lean prendeu-o e mandou dizer ao Maghzen que só o libertaria a troco do seguinte: cem mil duros; reconstrucção da fortaleza de Zinat, destruida pelas tropas cherifianas; a sua nomeação como governador

de Tanger, e o commando da policia internacional organizada em virtude do que ficou estipulado n'um

dos artigos da Acta da conferencia de Algeiras!

Evidentemente, o Maghzen não pôde satisfazer estas exigencias porque as potencias não lh'o consentirão.

E como é provavel que o bandido não ceda, terão ellas naturalmente que acabar por intervir para o meter na ordem e ao proprio Maghzen.



NA EDADE DE OURO DA LIMITAÇÃO DOS ARMAMENTOS!

O dr. Puck vae fazer uma proposta á Conferência de Paz. Quando haja questão, cada uma das partes manda um guerreiro, e um combate singular na presença dos delegados das potencias decidirá a contenda. Não mais soldados, nem peças de artilharia.

Do «Tokyo Punch»

Eduardo VII e Guilherme II na entrevista do tio com o sobrinho. Para quê? Simplesmente para épater. O kaiser quer mostrar ao mundo, por todas as fórmulas

feitos, que o seu paiz e a Inglaterra estão nas melhores relações, do mesmo passo que procura real-



O NOVO MACBETH OU AS VINHAS MOVEDEICAS

Macbett-Clemenceau contempla a marcha dos vinhateiros cada um dos quaes traz uma «vide»

Do «Kiadderatsch»



JAPONEZITO E TIO SAM

PAZ— Se quer ao menos, tenham um bocadinho de decoro! Esperem que termine a conferencia de Paz!

Do «Pasquino»

mente melhora-as. Esquece-se, porém, de que não é por meio de entrevistas de soberanos que esse resultado actualmente se consegue entre as nações, e muito menos quando um d'esses soberanos é o inglez que, pelas suas attribuições, absolutamente definidas e marcadas na Constituição, e pelo seu finissimo tacto pessoal, não se póde envolver e não se envolve nunca n'esses assumptos por fórma a liquidal-os.

Eis porque será absolutamente inutil a nova entrevista de Eduardo VII com Guilherme II, que deve realizar-se a 14 de agosto, em Wilhelmshøve.

A Belgica e o Congo **N**UMA das ultimas sessões da camara dos deputados belga o sr. Trooz, presidente do conselho declarou oficialmente



O rei Eduardo tenta estabelecer a concordia em toda a Europa.

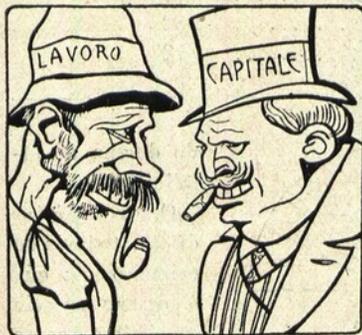
Do «Tokio Puck»

o partido socialista lh'o dá é simplesmente porque a annexação traz implicitamente a necessidade de se crear uma esquadra, o que elle evidentemente não póde defender.

A bandeira do Transvaal **O** pavilhão inglez que, desde o termo da guerra anglo-boer, fluctuou sobre todos os edificios publicos do Transvaal, vae ceder o logar a outro symbolizando o novo regimen.

Compõe-se elle do «Vierkleur», a bandeira das quatro côres da antiga republica boer, com as côres britanicas no angulo esquerdo superior, constituindo assim o emblema da reconciliação e da união das duas raças.

O modelo da nova bandeira submettido pelo general Botha, primei-



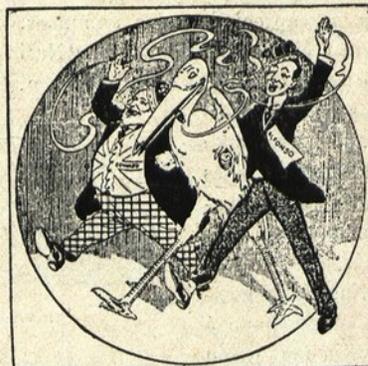
CAPITAL E TRABALHO

As duas potencias que não mandaram representantes à conferencia da paz.

Do «Tokyo Punch»

O sr. Trooz propoz que a comissão colonial continue a funcionar durante as ferias parlamentares, a fim de que possa apresentar um trabalho completo sobre o regimen colonial e sobre o projecto de annexação quando a camara voltar a reunir-se em sessão extraordinaria, no mez de outubro.

O mais curioso do caso é que, com a sua declaração, o governo conquistou o apoio de muitos liberaes e mesmo de socialistas que preferem a nova solução a todas as outras apresentadas. E se nem todo



A NOVA TRIPLICE ALLIANÇA

Do «Chicago News»

que estavam encetadas negociações entre o governo belga e o governo congolez para a annexação do Estado Independente. A respectiva convenção está sendo discutida por quatro plenipotenciarios, nomeados pelas duas partes, e, segundo o sr. Trooz, deverá ser assignada antes do fim do anno.

Pelo que respeita propriamente ao regimen colonial, declarou o presidente do conselho que o governo tencionava modificar o projecto apresentado e que a camara julgou inaceitavel. Assim, será dada uma quasi autonomia ao governo da colonia que, entretanto, continuará a exercer-se sob a fiscalisação da Belgica.



NOVA FIGURA NO MAPPA

Um tio Sam da America central encheria de jubilo os seus amigos do Norte.

Do «Minneapolis Journal»

meiro ministro do Transvaal, ao ministerio das colonias de Inglaterra, foi aprovado por lord Elgin, representante do governo inglez em Pretoria.

O ministro Nasi **H**A pouco mais de de tres annos, o ministro da instrucção publica da Italia, Nasi, abandonava o governo por motivos puramente politicos, quando o deputado Seporito o accusou de ter feito taboa rasa do thesouro publico, durante a sua gerencia. Nomeada pela camara uma comissão de inquerito, esta averiguou a breve trecho que todas as accusações feitas contra Nasi eram verdadeiras.



A CONFERENCIA DE HAYA

A BARONEZA DE SUTTNER — Não excitem o animal! Olhem que morde!

(A Alemanha e a França estão a irritar a conferencia enquanto a Inglaterra está observando, muito divertida).

Do «Wabre Jacob»

e foi de parecer que o assumpto devia ser apreciado pelos tribunaes. Com efeito, a justiça chamou Nasi e os seus cúmplices á sua presença, mas elles, augurando certamente mal das decisões judiciais, houveram por bem desapparecer.

Nasi foi por isso condemnado á revelia mas o seu advogado apelou da sentença, e o tribunal superior annullou o processo, sendo de parecer que os factos imputados a Nasi haviam sido commettidos enquanto elle era ministro e, por isso, só o Senado, constituido em Alto Tribunal de Justiça, podia julgal-o.

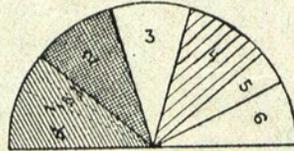
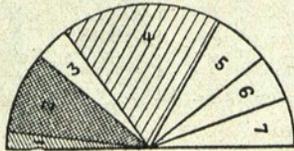
Foi isto um verdadeiro triumpho para Nasi. Os seus eleitores de Trapani acabavam de elegend-o deputado pela quinta vez desde que a sua odyssea principiara, e elle, considerando-se por isso imune, regressou a Roma e apresentou-se á camara dos deputados, precisamente no dia em que ella resolveu entregal-o ao julgamento do Senado. Mas este, constituindo-se immediatamente em tribunal, decidiu que o ex-ministro fosse recolhido a uma prisão enquanto o processo se instaurava. Assim se fez. Nasi en-

As duas Dumas **O** schema que apresentamos mostra, pouco mais ou menos, a divisão dos partidos na primeira e na segunda Duma, ambas dissolvidas. A primeira funcionou de maio a julho de 1906. A sua composição era a seguinte:

1. Esquerda: Socialistas	} 145
2. » Partido do trabalho	
3. » Desligados	
4. Centro: Constitucionaes Democratas	202
5. Desligados	—
6. Polacos	36
7. Moderados { Outubristas	23
{ Direita	20

A segunda Duma funcionou de março a junho de 1907. Compõe-se da seguinte fórma:

1. Esquerda	{ Socialistas	} 112	
	{ Revolucionarios		
	{ Populistas		
2. Partido do trabalho	102		
3. Centro	{ Polacos	36	} 94
	{ Mahometanos	30	
	{ Cossacos	18	
4. Constitucionaes Democratas	91		
5. Outubristas	32		
6. Direita	72		



DIVISÃO DOS PARTIDOS NA PRIMEIRA E NA SEGUNDA DUMA

contra-se á hora actual prisioneiro e, apesar do verdadeiro levantamento popular que por esse motivo os seus eleitores provocaram em toda a Sicilia, o Senado prosegue na missão que lhe foi confiada, sendo voz corrente nos circulos politicos que, tendo elle ido imprudentemente meter-se nas garras do leão, já d'ellas não conseguirá sair.

O novo Syllabus **O** grande acontecimento da actualidade no mundo catholico foi a publicação de um novo Syllabus. O actual pontifice que, desde que cingiu a thiarra, tem procurado sempre imitar em tudo Pio IX, a ponto de adoptar o seu nome, propóz-se, ao que parece, renovar, no governo da Igreja todos os «precedentes» do auctor

do dogma da infalibilidade.

O novo Syllabus difere, todavia do primeiro em que o outro parecia consistir apenas n'um meio de de-

feza que a Igreja adoptava contra as arremetidas do espirito laico. Era,



A ALLEMANHA NA CONFERENCIA DE HAYA

Todas as nações estão muito influidas na dança. Só a Alemanha se pôe de parte, ámuada.

Do «Wabre Jacob»

por assim dizer, uma alta muralha de que elle se rodeava para impedir a invasão do inimigo.

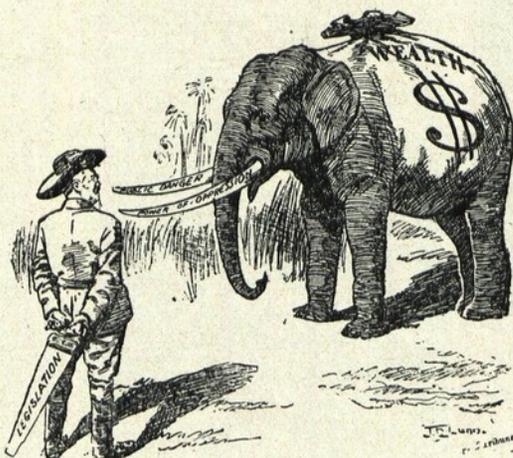
Agora não se trata já d'isso.

O inimigo não appareceu além das trincheiras, ameaçando invadil-as; foi encontrado dentro da propria cidadella. N'outros tempos, a Egreja, em presença da heresia e dos schismas, expulsava do seu seio os revoltados. Actualmente, não pôde proceder assim, porque, como muito bem diz um critico, «já não irrompem esses grandes incendios que devastaram e esterilizaram seculos inteiros da historia. O espectáculo a que estamos assistindo dá, antes, a idéa do phenomeno da combustão lenta. E' o modernismo, atacando por todos os lados a Egreja Catholica, e que ainda ultimamente se manifestou pela constituição, na Allemanha e na Inglaterra, da «Liga contra o Index», cujo fim era combater a acção de aquelle tribunal, conservando-se, todavia, os seus agremiados fieis á Santa Sé.

Eis o que levou Pio X a publicar o novo *Syllabus*. E' elle precedido de breves considerações sobre a teimosia de muitos escriptores modernos em quererem prescrutar as altas regiões da fé, para tirarem

novas deducções, extraviando assim as consciencias. Como taes erros se espalham cada vez mais entre os fieis, o papa, diz o *Syllabus*, houve por bem indicar, por intermedio da Inquisição romana, quaes são as proposições perigosas. E o *Syllabus* expõe sessenta e cinco d'essas proposições, considerando-as erroneas e condemnaveis.

As primeiras dizem respeito á divindade da Egreja e á authenticidade das Escripuras. Veem de-



A AMEAÇA DO MILLIONARIO

PRESIDENTE ROOSEVELT — *Elle é capaz de realizar trabalho util, mas convem cortar-lhe as formidaveis presas.*
(O elephante é o capital, a faca a legislação)

De «The Tribune»

pois as que atentam contra a divindade de Christo, como, por exemplo, a que pretende que o Christo da historia é inferior ao da fé, a que sustenta que elle não é filho de Deus e a que nega a sua ressurreição. Seguem-se as proposições contrarias aos sacramentos e, finalmente, as que sustentam que a Egreja não é já o que foi na sua origem.

Escusado será dizer que a publicação do *Syllabus* deu origem a uma grande controversia, mesmo entre os catholicos, muitos dos quaes — e sobretudo os allemães e inglezes — se mostram profundamente desgostosos ou irritados com o novo gesto de Pio X.



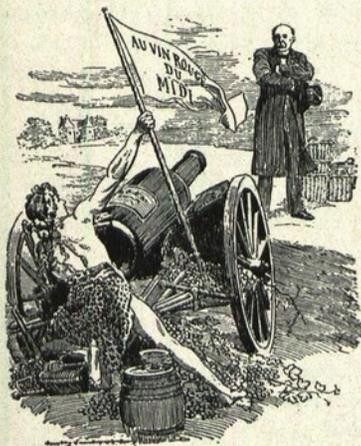
O GAITEIRO DA EUROPA

O Japão, a França e a Hespanha seguem com alegria o gaitero (Eduardo VII), ao passo que a Allemanha tenta sustar a Italia.

Do «Wabre Jacob»

a abdicar em seu filho o throno da Corêa. Foi o caso que Yi-Hyeung que nunca se conformára com a situação creada ao seu paiz pela guerra russo japoneza, resolveu enviar a Haya uma deputação para representar na Conferencia da Paz, a Corêa. Ora, em virtude do tratado de paz concluido entre a Russia e o Japão, a representação diplomatica do imperio da Manhã calma ficou exclusivamente a cargo do governo de Tokio. Assim, este oppôz-se logo a que os delegados coreanos fóssem recebidos no seio da conferencia. Mas elles que, segundo parece, levavam

n'esse sentido instrucções expressas, insistiram em fazer parte do parlamento internacional e, de tal maneira se conduziram que o governo japonês, perdendo a paciencia, deu ordem ao seu representante em Seoul, o Marquez Ito, para que obrigasse o imperador a abdicar, como castigo da sua impertinencia. Assim foi O velho monarcha ainda tentou resistir, apoiado pelos poucos amigos que lhe restavam depois da guerra, mas, como contra a força não ha resistencia, tudo foi inutil. O Marquez Ito mandou pôr em pé de guerra as tropas japonezas que occupavam a Corêa, e o imperador teve de ceder. E assim subiu ao throno coreano, o principe Yi-Syek, cuja soberania fica consideravelmente reduzida pela convenção coreano-japoneza que o governo de Tokio o obrigou desde logo a assinar.



FERMENTAÇÃO!

CLÉMENCEAU. — *Soegue, sr. Baccho. Não me assusta com os tiros da sua artilharia.*

Do «Punch»

O Japão e a Corêa

UMA imprudencia do velho imperador Yi-Hyeung levou-o no dia 14 de julho ultimo

Vida na sciencia e na industria

O homem alado **U**m fabricante de charutos de Philadelphia, por nome John Speies, está convencido de que resolveu o problema do vôo humano.

É um allemão que ha quarenta



JOHN SPEIES

inventor d'um novo aparelho de voar

anos trabalha n'este invento. Os seus principios fundamentaes são: 1.º a aeronave deve ser mais pesada que o ar; 2.º a machina deve ser rigida; 3.º deve erguer-se do solo por sua propria força. A' imitação das aves, devem usar-se azas. Foi-lhe facil construil-as para a elevação, mas a difficuldade era conseguir a propulsão. Hoje affiança ter resolvido o problema. O adejo para baixo serve para elevar, o adejo para cima é propulsor. As experiencias teem-se feito com um motor de gazolina de 5 cavallos, medindo as azas cerca de 3^m,80 de comprido por 2^m,30 de largura maxima, feitas em cinco secções, demonstrando que podem elevar mais de 46 Kilogrammas. Um par de azas devidamente construidas e actuadas por um motor de 10 cavallos, teem maior força compulsora que um propulsor actuado por um motor de 50 cavallos.

Ligaram-se azas com 3^m,30 de comprido, levemente construidas de canna e seda, a um motor de 5 cavallos, pesando ao todo 46 Kilos. A cada adejo para baixo todo o systema se elevou de 2^m a 2^m,7.

Nos adejos para cima quatro homens que o aguentavam sentiram um esforço distincto de movimento em frente. Isto demonstra a possibilidade de mover uma aeronave em qualquer direcção que se deseje, visto que a experiencia se fez sem auxilio de qualquer balão que supportasse o peso do motor. O inventor sustenta que com azas maiores e maior estabilidade, o exito será certo. A questão é saber se se poderá produzir tal machina para effeitos praticos e commerciaes.

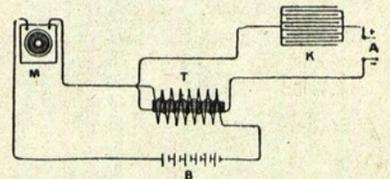
Injecções subcutaneas de agua do mar **O** Dr. Schivardi prescreve o uso de injecções de agua do mar para o escrofulismo, anemia, e enfermidades analogas. Deve obter-se a agua do mar largo, longe de qualquer rio, e manter-se pura durante alguns dias. Deve esterilizar-se antes de usar e diluir-se com agua distillada preparada de fresco. Emprega-se uma parte de agua do mar para tres de agua distillada. É preferivel fazer pequenas injecções quotidianas a fazel-as maiores e mais intervaladas. A temperatura das injecções deve ser a do corpo, e não se devem usar seringas de metal ou de horrhacha. Não ha reacção, mas pronuncia-se a sede. Observam-se precauções asepticas e segue-se a massagem local. Os resultados d'este tratamento teem sido muito animadores.

Germens—A vida **V**isto que os biólogos não conseguiram provar caso algum de geração espontanea, um sabio estrangeiro inclina-se para a idéa de que toda a vida teve uma origem commum, e se espalhou por muitos mundos. A descoberta da pressão de luz acrescentou probalidades á panspermia, a qual ensina que os germens da vida são transportados pelo espaço interestellar. Á velocidade de 37 milhas por hora, um corpo levara

150 annos em ir da Terra para Marte, e 70.000 milhões de annos em atravessar a distancia á mais proxima estrella fixa, mas com a pressão da radiação como agente de movimento, essas viagens poderiam ser reduzidas respectivamente a 20 dias e 9.000 annos.

Condensador falante **U**m professor da universidade de Athenas, o sr. Argyropoulos, n'uma experiencia recente chamou a attenção do mundo scientifico sobre as propriedades dos condensadores falando ou cantando. Mostrou que um condensador, formado de folhas delgadas de estanho e de papel parafinado, podia constituir um excellent receptor telephonico.

A disposição da experiencia vê-se pelo schema que publicamos. *M* é um microphone intercalado no circuito das pilhas *B* e ligado ao primario do transformador *T*. O secundario do transformador liga-se por um lado a uma das armaduras do condensador *K*; e por outro lado (e é essa a parte mais original de experiencia) a um polo de um dynamo *A* de corrente continua. A segunda armadura do condensador liga-se ao segundo polo da machina. Leva-se até 250 volts a differença do potencial entre as duas armaduras, e o resultado obtido é



CONDENSADOR FALANTE

segundo parece, maravilhoso. A voz reproduz-se com perfeita clareza.

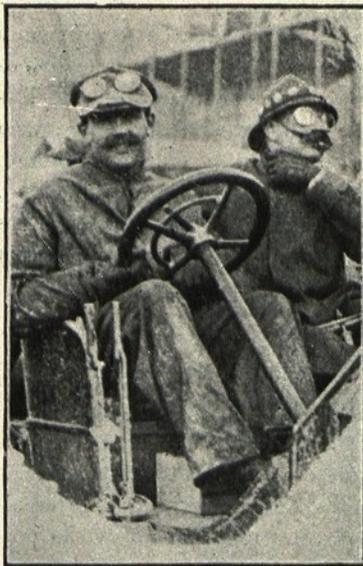
Esta experiencia poderia dar origem a applicações industriaes, principalmente para os aparelhos telephonicos, chamados de voz alta.

Ao Polo Sul em automovel **A** 30 de julho de-
via partir para o polo antar-
tico o tenente inglez Shackleton.
A base das suas operações está
fixada na Terra do Rei Eduardo,
o ponto mais oriental attingido pela
expedição de 1901 a 1904. Este
ponto está egualmente bem situado
com respeito ao polo e tem a van-
tagem de ser territorio novo. Para
o interior penetrará o explorador
por tres distinctas expedições em
trem, nas quaes será auxiliado pelo
uso de um automovel especialmente
construido para este fim. O carro
tem condições para resistir ao frio
extremo e será actuado por um li-
quido que não é prejudicado por
baixas temperaturas. Tem tres dif-
ferentes systemas de rodas para
superficies de variada aspereza. Ha
grandes esperanças no seu valor
para a tracção, mas reconhece-se
o seu emprego como uma experien-
cia, que não assegura ainda o exito
da expedição. O uso de garranos
da Siberia no Antartico é tambem
uma experiencia, mas a força e a
resistencia, por elles manifestada
na sua vida em liberdade na Sibe-
ria, durante o inverno, justificam
excellentes esperanças.

A mina de ouro mais funda **E**XISTE na Austra-
lia, na provin-
cia de Victoria,
e na região bem conhecida de Ben-
digo. Os poços d'esta exploração,
chamada New Chum Railway, fo-
ram recentemente profundados até
cerca de 1:300 metros, e ahí se en-
controu quartzo fornecendo até uma
onça por tonelada.

O «Grand Prix» **A** corrida realisa-
do da em Dieppe
Automobile Club para o *grand*
prix do Automobile Club de Fran-

ça, foi ganha pelo italiano Nazzaro,
que é provavelmente o mais habil
chauffeur do mundo, n'um carro
Fiat. A extensão do percurso, com
partida e chegada logo nos limites
de Diegge, era de cerca de 47 1/2
milhas, e tinha de ser atravessado
dez vezes, sommando uma distan-
cia de 475 milhas, que Nazzaro
venceu em 6 horas, 46 minutos e 33
segundos, sendo portanto a sua ve-
locidade quasi 70 milhas por hora.



NAZZARO

Vencedor do «grand prix» do Auto-
mobile Club de França

Nazzaro ganhou pois successiva-
mente o escudo Targo Florio, a
taça do Kaiser, e o Grand Prix. O
vencedor do Grand Prix no anno
passado, Srisz, foi o segundo n'um
automovel Renault.

Os olhos e as dores **B**ASEANDO-SE em
de cabeça cerca de 1:300
exames de olhos
o dr. Toms sustenta que noventa
por cento de todos os que soffrem
de dores de cabeça nervosas ou ne-

vralgias, teem defeitos nos olhos.
Mais de 600 dos examinados des-
conheciam absolutamente o seu de-
feito. Metade dos casos eram ape-
nas de vista ligeiramente deficiente
ou debilidade nos musculos ocula-
res. Ao passo que havia compli-
cações occasionaes, apenas 5 por
cento dos doentes tinham outras
perturbações perceptíveis que pode-
riam intensificar ou a que em parte
se poderiam attribuir as dores de
cabeça. Dos que ficaram aliviados
75 por cento não tiveram outro
tratamento senão o uso de lentes
adaptadas á sua vista ou tratamento
apropriado ás suas anomalias mus-
culares. Não ha relação aparente
entre a intensidade da dor e o grau
do defeito ocular, e nada especial-
mente característico, a não ser tal-
vez a inconsciencia do paciente sob-
re a causa. Qualquer alteração na
saude pode ser o primeiro factor
estimulante em alguns doentes com
consideraveis defeitos oculares que
anteriormente os não incommoda-
vam.

QUANTAS pessoas, padecendo
de uma bronchite chronica, perde-
ram a esperança de se curar! É
porque ignoram que o *xarope de*
hypophosphito de soda de Swann
(Dr. Churchill) é o melhor remedio
para aquella enfermidade e que pro-
duz effeito ainda nos casos em que
todos os outros se mallogram. Ex-
periencia de larguissimos annos
tem-n'o indicado como gozando da
immensa vantagem de impedir que
a doença degenerere em tuberculose.
É o unico medicamento do genero
que offerece estes beneficios.

O seu deposito é na pharmacia
Swann, 13, rue Castiglione, Paris
e encontra-se á venda em todas as
pharmacias.

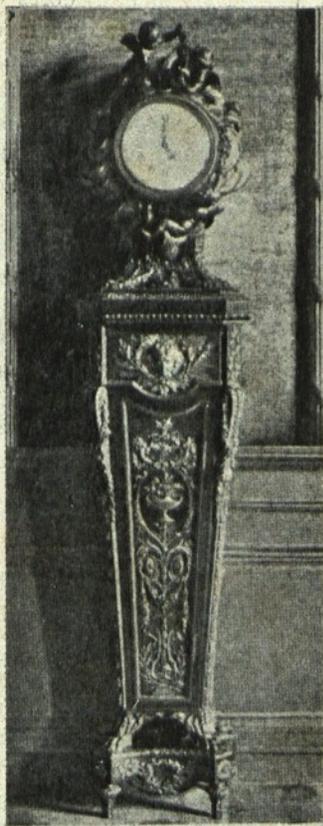
Vida na arte

O thesouro **A**o cabo de vinte
da e oito annos
imperatriz Eugenia de demanda, a
Imperatriz Eugenia recuperou do
governo francez um grande numero
de preciosidades artisticas e ar-

cheologicas, que eram propriedade
particular de Napoleão III. In-
cluem-se entre ellas os calices dos
Bourbons e de Napoleão I. Uma
das mais interessantes é o cofre de
S. Luiz, descoberto em 1853 na

egreja de Dammarieles-Lys, perto
de Melun, contendo muitas reli-
quias de S. Luiz doadas por Fi-
lippe o Formoso á abbadia de Lys.
Napoleão III fez presente d'elle ao
Museu dos Soberanos. Notam-se

mais: um pequeno *bureau* de senhora, feito por Weisweiler, o qual pertenceu a Maria Antonieta e estava agora no Louvre; o chapéu e o casaco que Napoleão I usou na batalha de Friedland; um lindo retrato a pastel de Luiz XVII, do Petit Trianon; o relógio que reproduzimos, feito por Martin Carlin e que estava no Louvre; uns



RELOGIO DO SEculo XVIII

Pertence ao thesouro da imperatriz Eugenia

jaezes completos de cavallo, que pertenceram a Napoleão I e estavam no Museu do Exército; uma caixa de musica, sobrepujada por uma *nympha* de marmore, attribuida a Michel, periodo de Luiz XVI, e existente no Louvre.

Uma estatua colossal, antiga **H**A cerca de vinte annos que foi descoberta perto de Baiae, n'um sitio chamado «Le Stufe de Nerone» a estatua ultimamente comprada pelo governo italiano para o Museu Nacional de

Napo'es, estando provisoriamente exposta no Museu delle Terme de Roma. Representa um dos Dioscuros, os divinos Castor e Pollux adorados pelos romanos, padroeiros dos homens, especialmente dos que se arriscavam no mar.

A appareição das estrellas gemaes sobre os mastros, (o Sant'Elmo de hoje em dia) era considerado indício seguro de protecção. O mais extraordinario da descoberta é que, ao passo que os irmãos eram sempre representados juntos, este está sózinho, como guarda da formosa villa, que em tempos antigos cobria as encostas da collina de Tritoli, e que provavelmente pertencia a um opulento cidadão romano, Publio Octavio Lutatio Quintiliano, cujo nome está gravado nos tubos de chumbo que conduzem agua para os varios tanques.



ESTATUA COLLOSSAL DE CASTOR

Descoberta em...

Novas preciosidades para um grande Museu **O**Museu de South Kensington acaba de ser enriquecido com varios notaveis exemplares de architectura e de esculptura. Os mais preciosos são porventura os dois anjos em adoração, de marmore de Carrara, cujas formas graciosas e meigos rostos, são modelos da arte mais requintada e amavel da Renascença italiana.

São obra de Michelozzo Michelozzi (1391-1472) que foi discipulo e amigo do grande Donatello. Crê-se terem feito parte de um monumento encomendado em 1427 por Bartolomeo Aragazzi, o poeta que foi secretario e camarista do Papa Martinho V. As vicissitudes do mo-

numento foram singularmente desgraçadas desde o inicio. Um antigo chronista relata ter-se encontrado uma carroça atolada no meio da estrada, com o carroceiro a praguejar contra o fallecido poeta, que deixara instrucções para transportar o monumento de Roma a Montepulciano.

Ainda depois de erigido na cathedral d'esta ultima, o monumento soffreu asperos revezes, porque na reedificação da cathedral desmontaram-n'o e nunca mais o reconstruíram. Alguns trechos truncados ainda permanecem na cathedral, e o Museu de South Kensington teve a fortuna de adquirir estas bellas figuras pela modica quantia de 500 libras.



ANJOS EM ADORAÇÃO

Adquiridos pelo Museu de South Kensington